

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL –
PPGAS

THAYLLA GIOVANA PEREIRA DA SILVA

**IEMANJÁ: A RAINHA DOS MARES ÀS MARGENS DO RIO
PARAGUAI**

Campo Grande – MS

2025

THAYLLA GIOVANA PEREIRA DA SILVA

**IEMANJÁ: A RAINHA DOS MARES ÀS MARGENS DO RIO
PARAGUAI**

Dissertação de mestrado pelo curso de
Antropologia Social da Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul – PPGAS

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Banducci Júnior

Campo Grande – MS

2025

*A todas as rosas brancas que lancei no rio Paraguai, agradeço a
mãe Yemonjá por tê-las recebido e florido em meu orí. Odo Iya!*

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi realizado através de muitas mãos, sejam elas físicas ou espirituais. Agradeço à Iyá mi Oyá, que me dá vida, movimento e que me faz ser vento da cabeça aos pés. Agradeço Iyá mi Yemonja que por ela, e através dela, esse trabalho se fez possível. Agradeço aos meus pais, Reginaldo e Paula, por serem apoio e amor que transcende qualquer escolha ou religião, a minha irmã Isadora, por sua doçura e cuidado que me inspiram a ser melhor. Agradeço a minha esposa, Bianca, que poderia firmar meus pés no chão, mas que por acreditar muito em mim, me ajudou a voar. Agradeço aos meus pais de Santo, Mãe Alexandra de Oyá e Pai Juan de Sàngó, que através da espiritualidade me direcionam e cuidam da minha cabeça, e por enxergarem em mim, além do búfalo, me aceitaram como filha e mostraram que Oyá também nos ensina a ser borboleta. Aos meus irmãos de santo da Casa de Caridade Dona Tida e ao Ilê Ijoba Ogodo Omo Irawo o meu agradecimento, amor e respeito, ao lado de vocês aprendi que o caminho pode ser leve se tiver com quem compartilhar.

Aos meus padrinhos espirituais Seu Zé da Proa e Mãe Jurema, por serem presentes e não deixarem faltar a fé e a esperança em mim mesma. Padrinho, se eu cair dessa ladeira, segura eu. Ao Marujo Sr. Martin, agradeço pelo tempo, cuidado e escuta que me proporciona em dias bons e ruins e por cada página que escrevi com a sua ajuda. Aos meus guias, todos eles, por me escolherem, me trazerem luz e amadurecimento em todos os momentos, por me manterem de pé até aqui.

Agradeço aos meus amigos, aqueles que caminham ou já caminharam de mãos dadas comigo, em especial: Silvia Ayabe, Ana Goes, Victor Prado, Aline Alfaia, Maria Eduarda, Victória Cláudia, Francisca Kessyone e Nelson Barros por todo suporte, conversa e lealdade que construímos juntos. Ao Breno, que partiu antes que pudéssemos comemorar minha vaga no mestrado, mas que durante sua breve vida, acreditou que eu conseguiria, te digo que quem tenta incessantemente alcança e no balanço das andanças aprendi a sobreviver. Eu consegui, amigo. Ao Danilo César de Jesus, que é a estrela mais brilhante na noite de São João, te garanto que ao passar embaixo de sete andores de São de João, meu pedido será que possamos nos encontrar em outras vidas.

Agradeço ao meu orientador Álvaro Banducci Júnior, por acreditar nessa pesquisa e compartilhar seu conhecimento e tempo comigo. Agradeço à CAPES, por financiar e tornar a realização desse trabalho possível do início ao fim. Agradeço a coordenação

administrativa do Campus Pantanal que me cederam alojamento em Corumbá durante meu trabalho de campo.

Agradeço a Thayná Cambará, sua esposa Leiliane e sua filha Isabele Cambará, sem vocês esse trabalho também não seria possível, agradeço por todo tempo dedicado a mim e a minha pesquisa, agradeço pela sua casa que me foi aberta e principalmente pela amizade e admiração que construímos umas pelas outras. Agradeço a Mãe Elenir, que abriu as portas do seu terreiro e me recebeu com tanto carinho. Agradeço ao Seu Vigilante que me protegeu e guiou em cada viela de Corumbá, a todos seus guias Mãe Elenir, meu respeito e agradecimento. Agradeço a Mãe Janaína, por ser tão acolhedora e acreditar nessa pesquisa, dedicar seu tempo em longas conversas comigo e abrir a porta da sua casa para que eu pudesse acompanhar um pouco de sua fé. Agradeço a dona Cotó por me receber em seu terreiro e aceitar fazer parte dessa pesquisa.

Agradeço a todos que não foram citados diretamente, mas que contribuíram com o desenvolvimento desse trabalho, concedendo seu tempo, entrevistas, relatos, abrindo a porta de suas casas, confiando em narrar suas vivências, alegrias e tristezas.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender a dinâmica de devoção e louvação a Iemanjá realizada às margens do rio Paraguai, no Porto Geral, localizado na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. As religiões de matriz africana são um fator determinante para a construção social e cultural da região, e esta pesquisa aborda as relações místicas e religiosas que permeiam o imaginário e o cotidiano dos terreiros, sacerdotes e filhos de santo. A pesquisa enfatiza as narrativas de Mãe Elenir e Mãe Janaína, filhas de Iemanjá e principais interlocutoras deste estudo, a partir de um recorte etnográfico das atividades religiosas, desde as giras semanais e os preparativos até as louvações a Iemanjá, que ocorrem na última semana do ano e no dia 2 de fevereiro. Ressalta-se que, embora este trabalho inclua interlocutores de outros terreiros e suas narrativas sejam contempladas ao longo do texto, a dissertação é resultado, sobretudo, da minha participação regular no Centro Espírita de Umbanda Pai Oxalá, terreiro de Mãe Elenir, e do acompanhamento dos preparativos da Tenda Espírita de Umbanda Maria da Guiné, dirigida pela Mãe Janaína. A análise foi guiada pela vivência cotidiana nesses espaços religiosos.

Palavras-Chaves: Corumbá; religiões de matriz africana; terreiros; rituais; louvação a Iemanjá

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to understand the dynamics of devotion and praise for Iemanjá on the banks of the Paraguay River, in Porto Geral, located in the city of Corumbá, Mato Grosso do Sul. Religions of African origin are a determining factor in the social and cultural construction of the region, and this research addresses the mystical and religious relationships that permeate the imaginary and daily life of the *terreiros*, priests and children of saints. The research emphasizes the narratives of Mother Elenir and Mother Janaína, daughters of Iemanjá and the main interlocutors of this study, based on an ethnographic cross-section of religious activities, from the weekly *giras* and preparations to the praise of Iemanjá, which takes place in the last week of the year and on February 2nd. It should be noted that although this work includes interlocutors from other *terreiros* and their narratives are covered throughout the text, the dissertation is the result, above all, of my regular participation in the Pai Oxalá Umbanda Spiritist Center, Mother Elenir's *terreiro*, and of following the preparations of the Maria da Guiné Umbanda Spiritist Tent, run by Mother Janaína. The analysis was guided by the daily experience of these religious spaces.

Keywords: Corumbá; religions of African origin; terreiros; rituals; praising Iemanjá

SUMÁRIO

PREÂMBULO	10
1 – INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Pé pelo pé, a encruzilhada já lhe chama.....	12
1.2 Entre festas e encruzilhadas	17
1.3 - Entrevista ou atendimento? Uma conversa sobre e com espíritos.....	25
1.4 Sentimento de fronteira	33
1.5 Festa ou louvação?	37
CAPÍTULO I - NA TERRA TEM O CORAÇÃO DE IEMANJÁ	45
2.1 Iemanjá é uma mãe acolhedora.....	49
2.2 Louvação a Iemanjá – final do ano	55
CAPÍTULO II - DOIS DE FEVEREIRO É TEMPO DE PEDIR	72
3.1 - Abrindo os trabalhos	77
3.2 Nossa Senhora tem um guarda-roupas diversificado.....	83
3.3 Salve, Salve a Marujada	88
3.5 – Ensaio Fotográfico: Iemanjá a rainha do mar às margens do rio	96
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	105

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exu Vigilante.....	16
Figura 2 - Mãe Elenir abrindo os trabalhos.....	19
Figura 3 - Seu Vigilante no momento dos parabéns.....	23
Figura 4 - Jornal Correio do Estado - 1972	27
Figura 5 - Tenda de umbanda N.S. da Conceição, parede do altar com	28
Figura 6 - Altar Pai João de Minas – Mãe Cacilda	29
Figura 7 - Barquinha de Iemanjá dia 29/12/2022	57
Figura 8 - Delimitando espaço.....	59
Figura 9 - Imagem de Iemanjá – Porto Geral.....	60
Figura 10 - Barquinha de Iemanjá.....	62
Figura 11- Altar Casa Pai Oxalá	63
Figura 12- Prece a Iemanjá	65
Figura 13- Cabocla Jupira – Mãe Elenir.....	67
Figura 14 - Barca de Ogum fazendo frente para Iemanjá.....	68
Figura 15 - Casa de Iemanjá – Salvador / BA.....	76
Figura 16 - Montando o altar	80
Figura 17 - Mãe Janaína batendo cabeça no altar	81
Figura 18 - Preparando o chão com areia	81
Figura 19 - Altar de Iemanjá.....	82
Figura 20 - Lavagem da escadaria com as portas da igreja fechadas.....	85
Figura 21- Comentários na matéria – Diário Corumbaense	86
Figura 22 - Barquinhas para Iemanjá e Ogum 2023.....	89
Figura 23 - Seu Edgar – Marujo Mãe Elenir	91
Figura 24 - Marujos – C.E.U Pai Oxalá	92
Figura 25- Barquinhas: Iemanjá, Oxum e Ogum.....	94
Figura 26 - 1ª foto ensaio fotográfico	98
Figura 27- 2ª foto ensaio fotográfico	99
Figura 28 - 3º foto ensaio fotográfico	100
Figura 29- limpeza na beira do rio.....	101
Figura 30 - defumação para abrir a louvação de Iemanjá	101
Figura 31- atabaque e barquinha de Ogum.....	102
Figura 32 - marujos no rio Paraguai	102

PREÂMBULO

O sobrado de mamãe é debaixo d'água, debaixo d'água por cima da areia, tem ouro, tem prata, tem diamante que nos alumeia. Uma vez mãe Janaína me disse: “Por ser um planeta d'água, na terra bate o coração de Iemanjá”. Suas águas estão por toda parte, até nos lugares escassos. Iemanjá a mãe de todas as cabeças, a rainha dos mares, ela que é dona das águas e ao mesmo tempo a própria água. Os itans¹ contam que Iemanjá pariu o mundo, e através das filhas dessa Orixá, nasceu essa dissertação. Eu exalto sua força e peço *agô*² (licença) para tocar nas suas águas. Odo Iya, minha mãe!

Ao abrir essa introdução, peço *agô* a Exu, a boca que tudo come, ele é o primeiro a ser saudado e o primeiro a comer. Exu é o que opera nas ruas, encruzilhadas e cemitérios. É aquele se que pede o bem e o mal, ele dá caminho e pode trancá-lo também. Exu é dualidade, transformação e poder. Se tudo começa por Exu, esse trabalho não poderia ser diferente. Exu cruzou os caminhos até Iemanjá, eu reverencio sua força e também lhe peço *agô* para atravessar as fronteiras da espiritualidade através da escrita dessa dissertação. Laroyê Tranca Rua das Almas, Laroyê Seu Maioral, Laroyê Seu Capa Preta, Laroyê Seu Vigilante, Laroyê a todo povo da encruza.

¹ Palavra em ioruba que remete a relatos místicos. Um itan conta sobre a origem dos orixás, cada santo possui um ou vários itans sobre sua história.

² Todos os termos nativos serão destacados em *itálico* e explicados em nota de rodapé apenas uma vez.

1 – INTRODUÇÃO.

Este trabalho foi idealizado a partir dos meus estudos na graduação em História – Licenciatura, nos quais tive a oportunidade, por meio da iniciação científica, de abordar temáticas relacionadas à religião, explorando rituais como o Geledé, originalmente realizado pelo povo iorubá da Nigéria em celebração à sabedoria das grandes mães.

A partir desses estudos, interessei-me em compreender as ritualísticas e festas relacionadas à umbanda e ao candomblé. Além disso, surgiu a necessidade de um recorte regional, e Corumbá, devido à sua numerosa concentração de terreiros que realizam rituais às margens do rio Paraguai, despertou meu interesse para a realização de uma pesquisa sobre Iemanjá, uma Orixá pertencente ao conjunto das grandes mães.

Foram realizadas quatro viagens de campo para Corumbá entre os anos de 2022, 2023 e 2024. Em junho de 2022, acompanhei o Banho de São João, permanecendo na cidade por aproximadamente cinco dias. Em dezembro do mesmo ano, retornei para realizar meu trabalho de campo na louvação a Iemanjá, hospedando-me no alojamento cedido pela UFMS por cerca de dois meses. Nos anos de 2023 e 2024, fiz visitas breves à cidade, permanecendo cerca de uma semana em cada ocasião, com o objetivo de acompanhar as louvações a Iemanjá e revisitar meus interlocutores.

Esse trabalho apresenta algumas origens de Iemanjá, seus cultos e a festa realizada em Salvador, Bahia, para, então, descrever a louvação a Iemanjá na prainha do Porto Geral de Corumbá. Acompanhei esse evento nos dias 29 e 30 de dezembro de 2022 e, apesar de buscar compreender a louvação de modo geral, tive maior proximidade com o ritual realizado pelo Centro Espírita de Umbanda Pai Oxalá. Esse terreiro me concedeu a oportunidade de frequentar a casa e acompanhar de perto a louvação, desde a montagem das barquinhas até as entregas no rio Paraguai.

Também é abordado as louvações para Iemanjá que ocorrem no dia 2 de fevereiro, ritual que acompanhei nos anos de 2023 e 2024 em Corumbá. Além da louvação a Iemanjá, participei também da missa a padroeira da cidade, Nossa Senhora da Candelária, celebrada na mesma data. Nesse contexto, descrevo a abertura dos trabalhos da Tenda Espírita de Umbanda Maria da Guiné, onde tenho Mãe Janaína como principal interlocutora. Nesse espaço, narro suas memórias e vivências de terreiro, bem como os rituais preparatórios para a louvação de Iemanjá no dia 2 de fevereiro. Contando com descrição da louvação realizada pela casa da mãe Elenir, que nessa data em específico

trabalha com os marujos e Seu Edgar (marujo de mãe Elenir) é responsável pelo andamento das ritualísticas.

Como veremos adiante, além das narrativas, entrevistas e minha participação regular no terreiro de mãe Elenir, a fotografia ocupa um espaço significativo para compreensão da louvação e foi utilizada como técnica de pesquisa antropológica. Me utilizei das imagens para interpretação de dados coletados no decorrer de conversas, festividades e giras que participei durante o trabalho de campo, mas sobretudo como uma maneira de acessar, ainda que com diversos limites, as expressões religiosas de matriz africana e seu impacto social, a partir do encontro de diferentes pessoas, suas representações, ressaltando o potencial etnográfico de seus ritos através das imagens. Ao final da dissertação encontram-se três fotos que compõem o ensaio fotográfico “Iemanjá: a rainha dos mares às margens do rio Paraguai”, premiado no concurso de fotografia Fadah Scaff Gattas, promovido pelo IPHAN. Em seguida constam outros registros que não foram anexados no decorrer do texto, mas que fazem parte do arquivo pessoal de imagens de campo que também serviram de referência para a pesquisa.

1.1 Pé pelo pé, a encruzilhada já lhe chama.

A primeira vez que fui a Corumbá, estava acompanhada de alguns integrantes do Grupo de Estudos Fronteiriços da universidade³. A viagem aconteceu durante meu primeiro ano de mestrado em 2022, e tínhamos o objetivo de acompanhar o Banho de São João, uma festa singular que ocorre em junho naquela cidade. Esse seria o primeiro Banho de São João pós-pandemia. Existia uma certa expectativa e receios, pois o festejo havia se tornado patrimônio imaterial nacional havia pouco tempo e, durante a pandemia da Covid-19, muitos festeiros faleceram, o que gerava especulações sobre como as pessoas conduziram a festa naquele ano.

Ficamos quase uma semana em Corumbá, acompanhando o modo como a cidade ia se transformando com a chegada do São João. As ruas foram ganhando vida e cor, com bandeiras espalhadas pelas ladeiras, principalmente na orla do rio Paraguai, onde a festa

³ Grupo de Estudos Fronteiriços (GEF), coordenado pelos professores doutores Álvaro Banducci Jr. e Mara Aline dos Santos Ribeiro. Na ocasião, o grupo de pesquisadores contou também com a presença da professora doutora Flávia Dalmaso, além dos discentes Danilo Cezar de Jesus Santos, Ana Cláudia Goes, Maria Eduarda da Silva, Beatriz Bogarim, entre outros alunos do mestrado em Antropologia Social e estudantes de outros cursos da UFMS que integravam o grupo de pesquisa.

e o banho do santo ocorrem. Nós, alunos, nos deslocávamos o tempo todo para o Porto Geral, e quando tínhamos tempo livre, íamos ao Bar Maravilha, um "boteco" ao qual nos afeiçoamos, localizado em frente ao Porto. Nesse bar, jantávamos e aproveitávamos o resto da noite.

Acompanhamos desde missas para São João até giras para Xangô, Orixá ao qual o santo é sincretizado nas religiões de matriz africana. Também tivemos a oportunidade de montar o andor de São João e dar o banho no santo no rio Paraguai. As dinâmicas do banho movimentam e misturam, nem sempre harmoniosamente, católicos, umbandistas e candomblecistas. Muitos afro-religiosos levam o santo para dar banho nas águas do rio Paraguai, acompanhados por imagens de Xangô, que de acordo com o calendário afro-religioso é comemorado no mesmo período. A imagem do santo se torna uma maneira de identificar e diferenciar o andor de uma casa de matriz africana de um andor católico, contendo imagens que remetem ao Orixá e não apenas a São João Batista, tal como esclarece o relato a seguir:

São Jerônimo, tal como o santo dono da festa é associado a Xangô por umbandistas e candomblecistas, o que justifica sua presença na festa. O compartilhar do andor, entretanto, não é ato gratuito. Seu simbolismo encontra sentido no desejo explícito de reiterar, numa cerimônia festiva que contempla diferentes expressões religiosas, a associação de São João com o Orixá Xangô. (IPHAN, p. 89, 2019)

Essa viagem de campo foi muito significativa para mim. Tive a oportunidade de criar vínculos e perceber a cidade em outras datas do ano, compreendendo suas diversas dinâmicas e sua relação com a fronteira boliviana. Tiramos um dia para fazer uma rápida visita em Puerto Quijarro, na Bolívia, que foi minha primeira vez em terras bolivianas. Foi uma viagem curta que utilizamos para desfrutar e compreender um pouco do comércio local. Também é importante ressaltar que essa viagem ocorreu antes do meu trabalho de campo relativo à pesquisa de mestrado, acompanhando as festividades para Iemanjá. O Banho de São João foi a primeira festa em Corumbá que participei, representando o meu primeiro trabalho de cunho antropológico. O São João foi o evento inaugural para que pudesse trilhar o caminho até a festividade de Iemanjá.

Ao longo das atividades, nascidas da vontade de acompanhar os festejos para Iemanjá na cidade de Corumbá - MS, perpassei por lugares, encontrei pessoas, conheci histórias e festas que não estavam relacionadas com a minha proposta inicial e muito menos no meu roteiro de viagem, mas que me levaram até Iemanjá de certa forma.

Quando decidi realizar meu trabalho em Corumbá – MS, ainda não havia construído nenhum tipo de vínculo com os moradores da cidade e mal sabia por onde começar. Assim, o São João foi significativo para compreender a diversidade cultural e religiosa de Corumbá. Alguns meses antes da minha ida para a festa de Iemanjá, comecei a buscar possíveis interlocutores, mesmo que à distância. Um colega de graduação, Matheus Firmino, gentilmente me passou o contato de Dona Cotó, uma mãe de santo muito conhecida na cidade por seus trabalhos de vidência e principalmente por ser filha de mãe Cacilda. No mesmo dia, encaminhei uma mensagem para ela, que me respondeu prontamente, dizendo que eu poderia ir em sua casa no dia seguinte. Todavia, expliquei sobre minhas limitações pela distância e perguntei se poderia visitá-la em dezembro. Ela concordou, e não nos falamos mais antes da minha ida até Corumbá.

Entretanto, meu trabalho de campo ainda era muito incerto. Enquanto ainda estava em Campo Grande, me deparei com o perfil da Bela Oyá, uma produtora audiovisual de terreiro em Corumbá. De imediato, entrei em contato, expliquei sobre a minha pesquisa e pedi auxílio com contatos e informações. Thayná Cambará⁴, a dona da Bela Oyá, logo me enviou um áudio que trouxe luz à minha jornada de campo, passou-me diversos números de telefone de pessoas que eu poderia entrevistar e combinamos que assim que que ela conversasse com sua mãe de santo, a Mãe Elenir, eu poderia também acompanhar os trabalhos para Iemanjá que seriam realizados no centro de umbanda que ela frequenta. Nessa trajetória de campo, Thayná e sua família foram fundamentais para que eu atingisse meus objetivos em Corumbá. Eu corri muitas giras na cidade com a ajuda dela, e como tinha pouco dinheiro e poucos amigos na cidade, ela me orientava nos deslocamentos pelos bairros mais distantes e, não raro, me dava carona. Durante esse tempo, frequentei sua casa, conheci sua família e compartilhamos juntas dos festejos e processos da minha pesquisa.

No dia que cheguei em Corumbá, era de manhã, e fui até o alojamento da universidade com um carro de aplicativo. O motorista me passou o número dele e disse que foi muita sorte ter conseguido achar um motorista disponível ali e que poderia chamá-

⁴ Vale destacar que a relação da Bela Oyá com o universo das religiões de matriz africana em Corumbá decorreu da proximidade de Thayná Cambará com a pesquisa que resultou na elaboração do Dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário, em 2018-19. O seu contato com a equipe do projeto e o acompanhamento de campo com os pesquisadores permitiu que Thayná, sob a orientação e apadrinhamento do Prof. Dr. Mário Teixeira de Sá Júnior, grande estudioso e conhecedor das religiões de matriz africana, responsável por esse tema na pesquisa do Banho de São João, fosse apresentada ao candomblé e à umbanda, onde foi iniciada. Dos trabalhos elaborados por ambos, em momento posterior a essa pesquisa, nasceu o projeto da Bela Oyá.

lo quando precisasse de corrida. Eu ainda não conhecia Thayná pessoalmente, e ela também não estava na cidade, visto que era final de dezembro. Mas, justamente nesse dia, 27 de dezembro haveria uma comemoração aos 19 anos de existência de seu terreiro, o Centro de Umbanda Pai Oxalá. Ela me passou o endereço e horário para que eu pudesse comparecer e acompanhar. No decorrer da minha estadia em Corumbá, pude frequentar essa casa com mais assiduidade.

Em torno de uns 30 minutos antes da festa, mandei mensagem para o motorista. Ele me respondeu que não poderia efetuar a minha corrida naquele momento e me passou o contato de outro motorista que me levou até o terreiro. Isso me incomodava um pouco, pois tudo ocorria por meio de contatos de mensagem, e não havia nenhuma plataforma de aplicativo me assegurando sobre as rotas e o preço, que achei muito mais caro do que o regularmente praticado em outros centros urbanos. Então, por medo, sempre encaminhava a localização em tempo real para alguma amiga, visto que me sentia insegura por ser nova na cidade, estar em trabalho de campo sozinha, e principalmente por ser uma mulher andando em carros de pessoas desconhecidas, sem ao menos uma plataforma de segurança do aplicativo ou ter alguém conhecido na cidade a quem pudesse recorrer em casos de urgência.

Ao chegar no terreiro, alguns filhos da casa me direcionaram e informaram sobre algumas regras. Algo interessante é que lá todos permanecem de sapato durante a gira, algo que já ia tirando assim que cheguei, pois em alguns terreiros é necessário ficar descalço para sentir a energia e também uma forma de respeitar o chão do terreiro. Também me tranquilizaram, dizendo que eu poderia ficar à vontade para tirar fotos do local, visto que a mãe de santo e a casa em si estavam acostumados a receber pesquisadores.

A gira começou com rezas do terço, Pai Nosso e Ave Maria, passando depois para pontos de umbanda da *linha*⁵ *de direita*. Em festividades como essa, a casa trabalha com as duas linhas, girando primeiro para a direita com caboclos e, posteriormente, *virando a banda*⁶ para a esquerda com os exus. Nesse dia específico, não houve consulta, apenas passe com os caboclos. Depois que viraram a banda para a esquerda, começaram a servir

⁵ As linhas da umbanda, sendo a direita e esquerda as mais conhecidas, estão atreladas aos trabalhos com determinadas entidades e energias. Na linha de direita trabalham os pretos velhos, caboclos, cosmes/erês, boiadeiros, baianos entre outros, enquanto na linha de esquerda são exus e pomba-giras. Algumas entidades como ciganos e marujos podem transitar entre essas duas linhas de trabalho.

⁶ Virar a banda, nesse caso, quer dizer que estavam trabalhando as entidades que estão atreladas a linha de direita e em determinado momento essas entidades foram embora e chegaram os exus, que são considerados da linha de esquerda.

cerveja para os consulentes que acompanhavam sentados em cadeiras e mesas de plástico. Já mais para o final do trabalho, foi servida comida para os que permaneceram no local.

Figura 1 - Exu Vigilante



Fonte: Thaylla G. P. Silva, 2022

Nessa louvação da casa, eu não pude ficar até o final por conta do transporte. O motorista que me levou só continuaria rodando até 00h, então, com medo de não

conseguir voltar para o alojamento, precisei me retirar cedo. Isso realmente estava me incomodando. Como eu continuaria pagando tão caro em transporte e não poderia nem ficar até o final das festas?

Depois de alguns dias, descobri que na verdade os moradores utilizam um aplicativo pouco conhecido em outras cidades e cobra um preço muito mais acessível, me contaram que os motoristas não falam sobre isso para conseguir cobrar outros valores dos turistas, que pagam por uma viagem particular, fora do aplicativo. Depois dessa informação, passei a utilizar apenas o aplicativo da cidade e também contar com as caronas de Thayná, o que me ajudou muito a economizar e manter minha estadia.

1.2 Entre festas e encruzilhadas

Na primeira semana de dezembro de 2022, cheguei em Corumbá e já pude acompanhar as louvações para Iemanjá de final de ano e posteriormente do dia dois de fevereiro. As louvações para Iemanjá serão abordadas mais à frente no texto, primeiro gostaria de relatar os processos pelos quais passei, as entidades que encontrei e os caminhos que tracei até chegar a Iemanjá. Apesar de ter acompanhado a primeira louvação na semana em que cheguei, só passei a compreender os significados e as relações que se estabelecem a partir dos rituais no decorrer do tempo que estive em Corumbá. Não foi um trabalho de campo com respostas evidentes e imediatas. Como tal, pretendo descrever os percursos e percalços que me levaram até a louvação de Iemanjá.

É válido apontar que esse trabalho se inicia por Exu, pois além de ser a primeira boca que come, foi por ele que meu trabalho de campo começou. Através de giras de esquerda, conversas com entidades, louvações para Exu e pomba-gira. Meu objetivo é justamente pontuar a interferência e narrativa que foi construída através das entidades da linha de esquerda nessa pesquisa, que era exclusivamente sobre a Orixá Iemanjá, mas que tomou rumos diversos.

Esta pesquisa nasceu “através” das perspectivas das (os) interlocutoras (es). Todavia, teve uma influência direta do olhar das entidades de esquerda, Seu Vigilante, um Exu, me auxiliava durante os atendimentos em sua casa, me aconselhava e recomendava pessoas e espaços, para ter acesso ao Orixá, precisei que Exu me desse o caminho. O terreiro de umbanda que Thayná frequenta, segundo alguns membros, é um

dos únicos que tocam umbanda branca⁷ em Corumbá. O Centro Espírita de Umbanda Pai Oxalá é conduzido há 20 anos pela mãe Elenir, filha de Iemanjá e Xangô. Na linha de direita a chefe espiritual do terreiro é a sua cabocla Jupira e na linha de esquerda, Seu Vigilante, um cigano que “roda” em sua cabeça em torno de 27 anos.

Mãe Elenir abriu as portas de terreiro para que eu pudesse realizar minha pesquisa com mais proximidade. O terreiro fica localizado no bairro Nossa Senhora de Fátima, uma região afastada do centro de Corumbá, o terreno é dividido entre sua casa e, aos fundos, o terreiro de umbanda. A antropóloga, Silva (2024) aponta definições sobre fronteiras de espaços pessoais da casa e do terreiro, diferenciando espaços familiares, casas de atendimento e terreiros clandestinos. De acordo com ela “Os terreiros institucionalizados [são] edificações que geralmente compartilham o mesmo terreno da casa residencial, porém um espaço exclusivo para o trabalho com as entidades e desenvolvimento mediúnico das pessoas”. (SILVA, 2024, p.57). Sendo assim, a C.E.U Pai Oxalá pode ser classificada como terreiro institucionalizado.

Durante todo meu trabalho de campo, só tive acesso ao espaço dedicado ao terreiro, que fica aos fundos do terreno. O espaço familiar, ou seja, a casa de Mãe Elenir, é restrito e bem limitado para que ninguém que não seja autorizado, tome a liberdade de invadir seu espaço pessoal. No fundo do terreno, além do salão onde fica o altar, também existe uma varanda com uma cascata com a imagem de Nossa Senhora da Guia, uma das representações de Iemanjá. A varanda abriga um outro altar dedicado a imagens de santos e caboclos, o local conta com banheiro e bebedouro para os filhos da casa e a consulência utilizar.

⁷ Segundo os(as) filhos(as) da casa a principal característica relacionada à umbanda branca é o fato de não praticarem sacrifício animal em seus trabalhos. A C.E.U Pai Oxalá também trabalha com a linha de direita como chefes predominantes da casa, sendo conhecida por eles como “linha de patrão”.

Figura 2 - Mãe Elenir abrindo os trabalhos



Fonte: Thaylla G. P. Silva

Em janeiro de 2023 fui apresentada oficialmente ao Exu guardião da casa, Seu Vigilante. Expliquei para ele o motivo de eu estar ali, sobre a minha pesquisa e minhas intenções iniciais de trabalho, após nossa conversa fui direcionada ao *ponto de fogo*, uma forma de *descarrego* e limpeza que os Exus da casa fazem em todos os trabalhos de esquerda, então como era a primeira vez que estava em uma gira com atendimentos na casa, fiquei atenta e observando como os consulentes passavam pelo ponto de fogo, para que eu pudesse fazer da mesma forma, um procedimento de descarrego que utiliza pólvora, fogo e um papel.

As giras aconteciam duas vezes na semana, às segundas girando para direita e às quartas-feiras para esquerda, passei a frequentar o espaço todas as semanas e era muito bem acolhida, chegava e ia direto para o salão *bater cabeça*⁸ no altar, tomava passes nas segundas e passava pelo ponto de fogo às quartas, algo que se tornou habitual e passei a conhecer melhor a dinâmica da casa, dos guias e médiuns que ali frequentavam.

⁸ É o ato de encostar a cabeça no altar. Um gesto de respeito e de pedir licença a espiritualidade da casa.

Como minhas idas ao terreiro passaram a ser frequentes, Seu Vigilante direcionava alguns caminhos que eu deveria percorrer em Corumbá, quando ia visitar alguma outra casa ou conversar com interlocutores, eu sempre o avisava com antecedência, dessa forma fui me sentindo mais segura e próxima não somente da casa, mas dos guias que ali trabalham, um dia comentei sobre os meus questionamentos na pesquisa e sentia que apesar de saber que o caminho estava aberto, não conseguia ver com clareza por onde deveria direcionar meu olhar enquanto estivesse em campo.

Seu Vigilante me escutou atentamente, me deu um gole de sua bebida, me abraçou e nos despedimos, quando me virei ele falou para um filho da casa para marcar meu nome na lista da próxima semana, que eu deveria *levantar meu anjo de guarda*, e me foi explicado posteriormente que seria uma firmeza para meu Orixá de cabeça, algo que me ajudaria não somente com meus objetivos imediatos, mas me traria clareza e limpeza espiritual.

Recebi uma lista do que deveria levar na semana seguinte: uma vela de 7 dias para anjo da guarda, flores brancas e canjica. Como as flores poderiam murchar deixei para comprar no dia de firmar o anjo de guarda, fui ao mercado e na floricultura poucas horas antes da gira. A canjica quem preparou foi Thayná, pois sabia da minha impossibilidade de cozinhar no alojamento, visto que não tinha fogão no quarto que estava hospedada.

Ao chegarmos no terreiro deixei os itens com os filhos da casa para agilizar o processo, eu não era a única que levantaria anjo de guarda naquele dia, havia uma fila relativamente grande de consulentes que também aguardavam no local. O preparo era realizado pelos guias da casa, dentro de uma cumbuca branca colocavam a canjica, as flores e a vela centralizada, enquanto isso me pediam para pensar em coisas boas, fazer pedidos e que eu deveria compreender que o momento era dedicado exclusivamente aos cuidados com a minha cabeça, após o preparo dos itens que havia levado, me direcionei até o altar, ali acendi minha vela e fiz meus pedidos, logo depois passei pelo ponto de fogo e voltei para o alojamento.

Depois desse dia senti que minha presença se tornou menos invasiva na casa, mas ainda passível de desconfiança, porém, era nítido o cuidado que tinham comigo, como se preocupavam com o andar da minha pesquisa e essa preocupação vinha não apenas da mãe de santo ou dos filhos, mas também das entidades que sempre me aconselhavam antes de realizar algum trabalho de campo específico.

Em uma quarta-feira me dirigi à casa para falar com Seu Vigilante sobre como deveria me portar ao entrar e sair de outras casas de umbanda da cidade. Como ele não

veio nesse dia, fui direcionada a falar com Seu Desata Nó, também conhecido como “Seu Desata”, ele é um dos Exus mais velhos e por isso quando Seu Vigilante não vem, é Seu Desata que atende os seus clientes.

Comentei que havia marcado uma entrevista e gostaria de receber algum conselho sobre como chegar em outro terreiro, na verdade, minha dúvida era se havia algum código ou modos que deveria ter ao entrar em outras casas, por exemplo saudar exu, pedir *bença* ao sacerdote da casa, entre outros comportamentos comuns ao adentrar nos terreiros. Seu Desata me respondeu que eu sempre deveria entrar em casas alheias com respeito, chegar e bater cabeça no altar, pedir licença e nunca deixar que alguém encostasse na minha cabeça e como recomendação deveria tomar um banho de sal grosso do pescoço pra baixo quando chegasse ao alojamento após visitar outras casas, assim eu estaria protegida de alguma energia ruim ou pesada que me acompanhasse.

Antes de cada entrevista, repassava sozinha os direcionamentos, pela insegurança e receio de ser invasiva. Isso me fazia pensar nos momentos em que precisava marcar entrevistas, que muitas vezes não aconteceram, por desinteresse e falta de resposta de alguns possíveis interlocutores, que a Antropologia tinha como ofício importunar as pessoas com problemas e questões que talvez para elas nem existissem e muito menos as interessavam. De acordo com Vagner Gonçalves em "O Antropólogo e Sua Magia":

Como chegar até essas pessoas, religiosos ou seus etnógrafos, cujas as mãos se ocupam de tecer esses inatingíveis enredos de vida, feitos de sentidos, sentimentos e contradições nem sempre traduzíveis ou instantaneamente resumíveis e lhes dizer, gravador na mão, curiosidade incômoda: Mãos ao alto, isto é uma entrevista! (GONÇALVES, 2015, p.21).

Para realizar minha pesquisa de campo, enfrentei alguns desafios e dificuldades: precisei me desapegar de passar datas comemorativas entre meus amigos e família. Fui para Corumbá na última semana do ano, a virada de ano de 2022 para 2023 passei sozinha no alojamento, e como fiquei em Corumbá para acompanhar as louvações do dia dois de fevereiro, também passei meu aniversário longe da minha família.

No entanto, na semana do meu aniversário Mãe Elenir mandou avisar a todos que no dia 27 de janeiro haveria uma *festa para as meninas*⁹ e todos deveríamos ir, portanto,

⁹ Festa das meninas é uma louvação para as pomba-gira da casa.

meu aniversário que também é no dia 27 de janeiro foi comemorado na festa das meninas, bebendo e dançando com as pomba-gira da casa.

Em específico nessa casa de umbanda as pomba-giras não atendem nas giras semanais, mas trabalham cotidianamente no mundo espiritual e quando chega sua festa elas podem escolher entre apenas dançar e festejar por já estarem em terra trabalhando com as energias através da dança e das cantigas, ou optam por atender os clientes que vão até a casa durante a festividade.

Durante a festa das meninas as comidas e petiscos são servidos e devem agradar as pomba-giras, se entidade possuir um gosto específico para bebidas, normalmente os médiuns são responsáveis por organizar e levar o que seus guias utilizam e bebem. Os médiuns que não incorporaram durante a festa, ficaram camboneando os guias, ou seja, à disposição para acender os fumos, servir bebidas e estar atentos aos pedidos das entidades presentes em terra. A festa das meninas é o momento que os médiuns incorporam suas pomba-giras, não é uma festa grande, e nesse terreiro não acontece com frequência, apenas os filhos da casa e os consulentes vão louvar e festejar com as pomba-giras.

Os cambones também serviram os consulentes que estavam presentes no local, inicialmente apenas as pomba-giras da casa bebiam e em determinados momentos elas passavam seu copo para um cliente tomar um gole da sua bebida. Algo comum principalmente em giras de esquerda é tomar um gole da bebida do Exu quando lhe é oferecido, isso significa axé e fui direcionada a sempre fazer um pedido quando alguma entidade me oferecesse seu copo, o rodar das saias das pomba-giras tem feitiço e beber da sua taça de cachaça é absorver das oportunidades cruzadas por elas.

Essa festa de pomba-gira foi bem marcante, não estava lotada de clientes e em comparação às descrições que os filhos de santo da casa me davam sobre a festa de Seu Vigilante, o Exu guardião da casa, foi uma celebração singela e repentina. Porém, era o dia do meu aniversário e quando Seu Vigilante soube dessa informação me chamou no meio da corrente, os médiuns já estavam desincorporados e Seu Vigilante solicitou que cantassem parabéns para mim.

Figura 3 - Seu Vigilante no momento dos parabéns



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

Os irmãos da casa improvisaram uma empadinha com uma vela em cima como uma representação de bolo de aniversário e enquanto cantavam parabéns foi surgindo uma fila de abraços me desejando axé e saúde, algo a se pontuar é que esse foi o dia em que me senti mais próxima da casa e com menos “desconfiança” em relação a minha presença um tanto intrusa durante o tempo que estive por lá.

Foi uma festa que teceu significados e sentimentos vinculados a minha pessoa que estava além do trabalho de campo, pois passei datas comemorativas distante da minha zona de conforto que foram ressignificadas com a presença dos guias e filhos da casa, deste modo, o trabalho de campo foi essencial na produção de afetos.

Na festa das pomba-giras nós comíamos e bebíamos com elas, tudo que fazíamos era uma fonte de energia, as danças, o deboche e as gargalhadas são movimentações voltadas para inversão da subalternidade dessas mulheres que passaram de vida em vida e percorreram o tempo, elas descem em seus cavalos na terra trocando experiências com mundo visível e não visível, elas detêm o poder feminino das encruzilhadas.

As pomba-giras são mulheres que carregam o feitiço em suas saias e os caminhos na sola do pé, possuem características de mulheres transgressoras e vinculadas a prostituição em suas vidas passadas, sua imagem é marginalizada e estereotipada por adeptos e não adeptos da umbanda, todavia, as pomba-giras possuem a magia de transformar a dificuldade em uma bela gargalhada.

O tempo que permaneci em Corumbá foi rodeado por louvações e festividades de terreiros locais, quando conversava sobre a identificação da população com os festejos, me disseram que “Corumbá é de Exu¹⁰” e que não teria como falar sobre festividades sem citar os donos das ruas e que é deles a magia que encanta as encruzilhadas corumbaenses, os Exus, malandros e pomba-gira compõem os povos da rua e se movimentam pelos becos, cemitérios e encruzilhadas.

Afro-religiosos dizem que Corumbá é de Exu por sua alegria e festividade. Exu é o senhor da comunicação e dos caminhos e segundo Pai Robson de Ogum os trabalhos sempre devem ser abertos e encerrados pedindo licença para Exu seja nas vielas que passam os cortejos, na avenida ou nas festas de beira-rio, não se faz nada sem pedir licença e dar de comer ao dono das encruzilhadas, pois tudo começa em Exu.

Na obra “Mitologia dos Orixás” o sociólogo Reginaldo Prandi reuniu mitos conhecidos para relatar as histórias e origens dos Orixás, sendo o itan citado a seguir um dos que mais escutei em Corumbá e em terreiros de candomblé de Ketu¹¹ em Campo Grande sobre os motivos de se pedir licença para Exu antes de iniciar os trabalhos.

“EXU GANHA PODER SOBRE AS ENCRUZILHADAS”

Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio
 Não tinha profissão, nem artes, nem missão.
 Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro.
 Então um dia, Exu passou a ir à casa de Oxalá.
 Ia na casa de Oxalá todos os dias. Na casa de Oxalá, Exu se
 distraía vendo o velho fabricando os seres humanos.

Muitos e muitos também vinham visitar Oxalá,
 Mas ali ficavam pouco, quatro, oito dias, e nada aprendiam.

¹⁰ “Corumbá é de Exu” é uma frase bastante utilizada por afro-religiosos da região e esse termo pode ser encontrado na dissertação de mestrado da antropóloga Maria Eduarda Rodrigues da Silva, “Correr Gira: pessoas, exus e pombagiras em Corumbá e Ladário/MS.”

¹¹ O candomblé possui nações como Angola, Jejê, Efon e Ketu, entre outras. Sendo uma maneira de diferenciar as liturgias, divindades, ritos e cultos de acordo com a região de origem de cada culto presente na religião.

Traziam oferendas, viam o velho Orixá
 Apreciavam sua obra e partiam.
 Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos,
 Exu prestava atenção na modelagem
 E aprendeu como Oxalá fabricava
 As mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens,
 As mãos, os pés, a boca, os olhos, a vagina das mulheres.
 Durante dezesseis anos ali ficou ajudando o velho Orixá
 Exu não perguntava, Exu observava, Exu prestava atenção
 Exu aprendeu tudo.

Um dia Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham à sua casa. Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda a Oxalá
 Cada vez mais havia mais humanos para Oxalá fazer
 Oxalá não queria perder tempo
 Recolhendo os presentes que todos lhe ofereciam
 Oxalá nem tinha tempo para visitas
 Exu tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá
 Exu coletava os *ebós*¹² para Oxalá
 Exu fazia bem o seu trabalho
 E Oxalá decidiu recompensá-lo

Assim, quem viesse à casa de Oxalá teria que pagar também alguma coisa para Exu
 Quem estivesse voltando da casa de Oxalá
 Também pagaria alguma coisa a Exu
 Exu mantinha-se sempre a postos guardando a casa de Oxalá
 Armado de um ogó, poderoso porrete, afastava os indesejáveis
 E punia quem tentasse burlar sua vigilância
 Exu trabalhava demais e fez ali a sua casa, ali na encruzilhada
 Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa
 Exu ficou rico e poderoso
 Ninguém pode passar pela encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exu. (PRANDI, 2001, p.40-41)

1.3 - Entrevista ou atendimento? Uma conversa sobre e com espíritos

Durante minha primeira semana em Corumbá, mandei outra mensagem para Dona Cotó e confirmamos nossa conversa. Ela me passou o endereço, e fui até o seu terreiro. Foi minha primeira visita para entrevistas, ou melhor, aquela entrevista foi quase um atendimento. Era uma casa simples, de madeira e chão batido. Ela me recebeu enquanto estava atendendo uma consulente, aguardei sentada num banquinho enquanto ela realizava alguns procedimentos, preparou uma garrafa que continha ervas maceradas e

¹² Ebó é um ritual de limpeza que serve para descarregar de energias negativas, pode ser feito por diversos motivos como saúde e dinheiro. São passados variados tipos de comidas, bebidas ou objetos no corpo da pessoa que está passando pelo ritual do ebó, esses itens são recolhidos e depositados em ambientes externos, na maioria das vezes em matas.

passou nas pernas e braços de sua consulente. O procedimento era como se fosse um *banho de descarrego*¹³.

Após a moça ir embora, Dona Cotó me chamou para sentar ao seu lado e perguntou sobre o que gostaria de saber e como consegui o seu contato. Expliquei que um amigo que esteve com ela no ano anterior havia me passado seu número de telefone e também comentei sobre a minha pesquisa e que gostaria de saber como funcionavam as louvações para Iemanjá em sua casa.

Ela me contou que sua mãe já entregava obrigações para Iemanjá no rio Paraguai, e relatou que, de uns anos para cá, tem optado por não descer mais ao Porto Geral da cidade de Corumbá para trabalhos de santo. Eles preparam a barquinha no próprio terreiro, e algum filho de santo leva ao rio. *"Eu fico um pouco envergonhada, não pela minha religião, mas muitas pessoas me conhecem e vêm até mim quando vou aos trabalhos. Fico tímida."* O fato de muitas pessoas a conhecerem na cidade fez com que ela parasse de descer ao Porto Geral, relatando ser pela sua timidez em ter muitas pessoas em volta e também pela sua idade avançada, já que não possui tanta disposição física para descer até o Porto Geral.

Dona Cotó comentou que as giras em seu terreiro têm sido cada vez mais restritas. Não trabalham mais semanalmente, e como ela possui muitos filhos de santo, passou a cuidar da cabeça deles através de giras e trabalhos internos. Eles vão até o espaço e recebem os devidos cuidados e direcionamentos espirituais, e em datas muito pontuais ela abre o terreiro para a comunidade externa. Relatou que quase não incorpora mais, todavia, seus consulentes são cuidados da mesma forma que a moça do banho de descarrego. Marcam suas consultas e vão até o local. Dona Cotó também joga cartas e continua utilizando da vidência como recurso espiritual e financeiro, pois é um trabalho que ela consegue administrar melhor sua saúde e vida pessoal.

Ao entrarmos no assunto sobre a festa de Iemanjá, Dona Cotó começou a falar sobre o trabalho de sua mãe, que entregava a barquinha para Iemanjá no rio Paraguai. Dona Cotó não entrou em muitos detalhes, então seguimos rumos na conversa que não eram tão voltados a Iemanjá, mas tão importantes quanto.

¹³ O banho de descarrego é uma prática comum em diversas religiões ou crenças. Os banhos incluem ervas maceradas, que são escolhidas de acordo com a necessidade de cada pessoa. As ervas maceradas são preparadas com água, alfavema ou algum outro "ingrediente". O banho tem como objetivo limpar as energias ruins presentes no corpo da pessoa que está "carregada".

Dona Cotó aprendeu acompanhando sua mãe; desde criança, estava envolvida com a religião. Sua mãe, dona Cacilda, foi uma das percussoras da umbanda em Corumbá, conhecida por trabalhos de cura com o preto velho Pai João, entidade que permanece sendo lembrada frequentemente pelos moradores e religiosos. Mãe Cacilda era cuiabana e despertou sua mediunidade com apenas 9 anos de idade, a partir da década de 1970 as curas milagrosas tornaram-se frequentes, há relatos de pessoas que voltaram a andar, feridas que sararam e a cura de pessoas que estavam desenganadas pelos médicos.

Figura 4 - Jornal Correio do Estado - 1972



Fonte: Jornal online Correio do Estado, 2018

Os relatos dos moradores, religiosos e da própria Dona Cotó ressaltam a relevância de Dona Cacilda para o avanço da umbanda em Corumbá, seu terreiro recebia em média 300 pessoas por dia. *“Muitos ônibus lotados chegavam até aqui, pessoas que vinham de outras cidades e estados”*. O legado de Dona Cacilda e Dona Carlinda, também uma das percussoras da umbanda em Corumbá, abriu os caminhos para que Corumbá se tornasse uns dos principais centros de umbanda do Brasil. Em nota para a prefeitura, a subsecretaria de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial e Cidadania, estima em média 463 terreiros na região de Corumbá e Ladário e ressalta que poucos são registrados e possuem CNPJ. De acordo, com os religiosos os números são

maiores e podem chegar a 1.200 terreiros, considerando os espaços não institucionalizados.

Figura 5 - Tenda de umbanda N.S. da Conceição, parede do altar com imagens do Pai João e fotografias de dona Cacilda.



Fonte: Thaylla G. P. Silva, 2022

Dona Cotó cresceu testemunhando as curas realizadas pelo Pai João, através de sua mãe. Ela desenvolveu sua mediunidade, recebeu seus guias e aprendeu os fundamentos passados de mãe para filha. Dona Cotó herdou o terreiro de sua mãe, a Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição, o espaço contém um altar próprio para o Pai João com suas imagens, velas e fotografias de dona Cacilda incorporada, pai João é relembrado, assim como Dona Cacilda, com muito afeto e respeito. Ao relatar sobre isso, expôs as dificuldades de quando sua mãe faleceu, e sem ter muito controle, as lágrimas desciam pelo seu rosto ao contar que inicialmente não queria assumir o terreiro de sua família, justamente pelas memórias e sentimentos que envolvem aquele espaço.

Figura 6 - Altar Pai João de Minas – Mãe Cacilda



Fonte: Thaylla G. P. Silva, 2022

O terreiro, localizado no bairro Nossa Senhora de Fátima, uma região populosa, periférica e que abriga muitos outros terreiros, foi onde sua mãe passou boa parte da vida se dedicando à umbanda e ajudando pessoas necessitadas. Por isso, foi tão difícil assumir aquele espaço que foi ressignificado com as lágrimas e saudades de uma mulher que, antes de ser mãe de santo, era filha.

Continuamos conversando sobre a trajetória de sua mãe. Perguntei se ela havia herdado o "dom" de cura, ela negou, porém, dona Cotó relatou trabalhar com vidência, sentir determinadas previsões e também ter uma visão aberta do mundo espiritual.

Eu mesma tive uma experiência através da mediunidade dela, que ao falar sobre ser vidente, acabei contando sobre um sonho meu com uma cigana. Nesse momento, ela me olhou e pediu que eu esperasse um pouco. Fechou seus olhos e me contou que era uma entidade, uma “pomba-gira cigana”, que me acompanhava. Ao abrir os olhos, ela me disse que a cigana estava ali perto de mim e perguntou se eu já havia pensado em entrar para a religião. Respondi que ainda estava passando pelo processo de procurar uma casa para mim. Ela disse que a cigana queria trabalhar, também perguntou se a mulher que vi em meus sonhos tinha o cabelo longo e bem preto. Eu respondi que sim, pois era

exatamente assim a cigana que havia sonhado. Ela questionou se eu tinha medo de incorporar. Respondi que tinha medo de assumir a responsabilidade.

Dona Cotó prosseguiu: *“Filha, possivelmente é um espírito que você herdou de algum familiar seu”*. A prática de herdar entidades é muito presente nos fundamentos de casas de umbanda. Relatam que, em alguns casos, é possível receber uma entidade que um familiar seu trabalhava/incorporava, ou até mesmo familiares vivos ou mortos que não cuidaram de suas entidades no decorrer de suas vidas, e elas “passam” para as gerações futuras, com o intuito de proteger o indivíduo e de serem cuidadas. Esse era o meu caso.

No artigo *“Heranças de Família: terras, pessoas e espíritos no Sul do Haiti”* (DALMASO, 2018) ainda que se trate de outro contexto de espiritualidade, através da morte de Bina, é possível identificar pontos de convergência entre situações que contribuem para esclarecer sobre espíritos herdados que nos causam aflições, como no episódio aqui analisado. Segundo Dona Cotó e outros religiosos com quem tive contato, as entidades da umbanda dão sinais através de sonhos, aflições e outros modos de demonstração que estão presentes e querendo ser recebidas. Esses espíritos podem vir como herança de qualquer parte familiar, nem sempre é necessário que o indivíduo desenvolva a espiritualidade e se transforme em um médium girante¹⁴, dependendo do caso a entidade só quer receber cuidados.

De acordo com Dona Cotó, o meu caso era simples de resolver. Se eu decidisse não seguir a religião, eu só precisaria cuidar da minha pomba-gira, acender uma vela, entregar uma bebida e “fazer os gostos dela”. Dona Cotó continuou falando sobre a minha possível mediunidade e me passou um banho que eu deveria tomar em casa, contendo dois litros d’água, o meu perfume, e lavanda ou alfazema. Ela ressaltou: *“Aqui nós trabalhamos com umbanda, é tudo muito simples, mas dá resultado”*. Também me convidou para que eu voltasse à sua casa, onde ela iria ler as cartas para mim.

Dona Cotó é muito conhecida em Corumbá. Sua família e seu terreiro possuem relevância na história e no circuito afro-religioso da cidade. Sua mãe, Dona Cacilda, era filha de Mariano e Maria Theodora Gonçalves de Paula, eram ex-escravizados e ocuparam o primeiro território da família em 1920 em Corumbá – MS, e foram responsáveis pela formação da Comunidade Remanescente Quilombola Maria Theodora, que foi certificada em 2011 como remanescente quilombola pela Fundação Cultural

¹⁴ Pessoa que incorpora os espíritos/entidades.

Palmares. Souza (2021) na cidade também existem outros quilombos certificados pela Fundação Cultural Palmares, como Família Campo Correia e Comunidade Quilombola Ribeirinha Família Ozório, um dos quilombos mais conhecidos do Mato Grosso do Sul e localizado no bairro Borrowski, remanescente Sarobá.

Infelizmente, não consegui voltar para visitá-la. Continuei acompanhando seus trabalhos por meio de comentários de pessoas próximas e pela mídia, que sempre a procura para matérias jornalísticas sobre religiões de matriz africana e a buscam como referência na cidade.

É muito comum entre os pesquisadores de religiões de matriz africana que suas entrevistas se transformem em “consultas/atendimentos” com seus interlocutores. Isso ocorre, de acordo com os princípios de determinadas casas de umbanda, pelo fato do sujeito não necessariamente precisar ser da religião para ter uma entidade o acompanhando, protegendo ou o afligindo. Ocorre com frequência a possibilidade de se herdar espíritos de acordo com a ancestralidade de cada um.

Durante as entrevistas, eu era muito questionada em relação às minhas intenções em estudar Iemanjá. Indagavam se eu tinha um motivo específico ou se até mesmo ela era minha mãe de cabeça. Eu não tinha uma resposta concreta sobre isso. Sempre respondia que me interessava pela festa e como cultuavam Iemanjá na região. Mas para muitos deles, essa resposta não era convincente, e sempre pontuavam que eu deveria ter alguma relação com a religião, só não sabia ainda. De acordo com (FLAKSMAN, 2014), essas relações são explicadas através do conceito de *enredo*, que pode ser representado como narrativa, modo de relação ou emaranhamento, “o enredo seria também uma posição: assim, a posição da etnógrafa não seria, nos termos definidos anteriormente, nem *de dentro* e nem *de fora*, mas uma posição que tem por definição estar fora e dentro ao mesmo tempo” (FLAKSMAN, 2014. p. 61).

*Ter enredo é ter uma relação; ou melhor, um complexo de relações. A utilização mais frequente do termo diz respeito aos laços familiares, que por sua vez também podem ser múltiplos e diversos. Ou seja, quando alguém me dizia que eu *tinha enredo*, estava querendo dizer, em última instância, que eu tinha uma relação familiar, ancestral — fosse direta ou indireta — com algum Orixá; e seria então pela vontade deste que eu estaria ali naquele momento. (FLAKSMAN, 2014. p.4)*

Estar em campo e ter contato e convivência com as pessoas nos leva a acessar não apenas o “objetivo” principal de estar ali, que é a pesquisa, ou obter informações sobre determinada temática. Pode até ser no início, mas o contato e as conversas nos fazem

acessar as dores, angústias, necessidades, conflitos e alegrias das interlocutoras. Houve muito riso e seriedade nas entrevistas, mas também tristeza, choro sendo engolido ao lembrar e falar sobre um ente querido que se foi, ao relembrar as violências da vida e a falta de recursos; houve olhos se enchendo de lágrimas. Acessar as lembranças através do diálogo nos desperta a sensibilidade com quem se dispõe a relatar sobre os caminhos trilhados durante a vida.

A antropologia nos faz acessar o íntimo das pessoas, até chegar ao “tema” e na verdade esse “tema” se perde e se transforma diversas vezes a cada conversa e experiência compartilhada. Inicialmente, tive dificuldade em compreender como Iemanjá se encaixava nas falas de minhas interlocutoras. Sentia-me aflita quando abordava as louvações para Iemanjá e elas mudavam o curso da conversa para suas vivências dentro da religião ou até mesmo para suas histórias de vida pessoal. Apesar de valorizar momentos como esses e admirar suas trajetórias, percebia que o tema da minha pesquisa não era abordado por elas da maneira que eu idealizava.

Meu foco principal eram as ritualísticas e os preparativos, mas, durante a escrita deste trabalho e por meio das revisões realizadas, compreendi a relevância dessas conversas. Pelas narrativas de vida dessas mulheres pude entender a importância da louvação realizada por elas. Iemanjá foi apresentada em sua presença e manifestações cotidianas, em falas que remetiam ao âmbito do pessoal, às memórias da relação íntima dessas mulheres com o sagrado. Mostravam que ela estava presente em todos os momentos bons e ruins de suas vidas, não somente nos dias de louvação ou seus preparativos. Como veremos adiante, Iemanjá é uma personagem constante e decisiva na história de vida de cada interlocutora. Assim, as respostas que indicavam ser a fuga ou descaso relativo ao tema apresentado, se mostraram um inteligente recurso narrativo demonstrar que Iemanjá relação cuja origem estava para além do presente e do objeto analisado.

Munida do referencial da antropologia, fui a Corumbá determinada a conviver com agentes religiosos da região para compreender como envolvem Iemanjá em suas vidas e trajetórias e entender quais caminhos trilham até o rio Paraguai com suas obrigações em mãos. No entanto, me deparei com suas histórias e ouvi o que gostariam de contar, sobre diferentes assuntos. Desse modo, a etnografia promove a intersubjetividade entre aqueles que dialogam, por meio dos discursos, de suas experiências, fazendo aflorar sentidos e sentimentos.

Não entrei para nenhuma casa que acompanhei e muito menos me mudei para Corumbá, mas chorei ao ver minhas interlocutoras chorarem, sorri com suas lembranças e compreendi que o objeto é apenas um detalhe quando os interlocutores decidem confiar e contar suas intimidades para uma completa desconhecida.

A entrevista, ou “diálogo etnográfico”, é um momento privilegiado e decisivo para o desenvolvimento da pesquisa de campo. É a possibilidade de finalmente achar seu “objeto” ou perdê-lo totalmente. O momento da fala, da narrativa, é a oportunidade de reviver variadas histórias, de elaborar perspectivas e superar bloqueios que se criam pelo caminho. Como ressalta Strathern (2014) em sua obra “O efeito etnográfico” os campos se transformam em duplos como parte da flexibilidade do método etnográfico, desse modo “As pessoas são mais que entrevistadas que respondem as perguntas; são informantes no sentido mais completo do termo, pois têm controle sobre a informação que oferecem” (STRATHERN, 2014, p.351.)

O caminho que trilhei através das minhas interlocutoras, me trouxe proximidade com a fé delas, que resultou em que eu fosse buscar a minha própria fé, meu próprio enredo (FLASKMAN, 2014) dentro da religião. Minha incessante busca por Iemanjá e as dificuldades de acessar a temática da pesquisa durante o trabalho de campo, resultaram não somente na pesquisa e na vivência das minhas interlocutoras.

Eu entrei para a religião na cidade em que resido e descobri que minhas interlocutoras estavam certas, eu tenho enredo. Iemanjá, a mãe de todas as cabeças, também escolheu a minha e a mim para chamar de filha, assim como minhas interlocutoras encontraram em Iemanjá o colo e o afago maternal, hoje eu também desfruto do colo da mãe cujo os filhos são peixes.

1.4 Sentimento de fronteira

O recorte espacial desse trabalho compreende Corumbá – MS, “antiga Albuquerque – um pequeno povoado fundado em 1778 na margem direita do rio Paraguai, bem no centro do Pantanal” (BANDUCCI, 1995. p.23), conhecida como “cidade branca” devido ao seu solo rico em calcário, que faz divisa com Puerto Quijarro e Puerto Suárez na Bolívia. Foi um dos principais entrepostos comerciais entre os países da Bacia do Prata e Mato Grosso, por ser regionalmente estratégica na comercialização de mercadorias de interesse internacional, tais como o charque, peles de animais e outras, através dos rios que davam acesso desde o Sul ao interior longínquo do continente. Somente em 1838

Corumbá tornou-se distrito e em 1850 foi elevada à condição de município. A cidade é conurbada com Ladário, também um centro portuário, por onde ocorre o escoamento da produção de minérios deste município. Corumbá e Ladário são consideradas cidades-irmãs.

De acordo com Silva (2024), em Ladário existe expressivo número de terreiros de umbanda, alguns com mais de cem anos de atividade, abrigando sacerdotes e membros afro-religiosos fundamentais para consolidação e desenvolvimento das religiões de matriz africana na vizinha cidade de Corumbá. Apesar da importância de Ladário, o recorte espacial deste trabalho se restringe a Corumbá, aos limites de tempo e de abrangência da pesquisa que permitiram acompanhar apenas as louvações na região do Porto Geral, nesta cidade.

Durante meu tempo em Corumbá, quando não estava com meus interlocutores ou na casa da Thayná, meus dias não variavam muito. Meu trabalho de campo durou do final de dezembro até o início de fevereiro, e nos meus dias livres, eu passava a maior parte do tempo no alojamento, um quarto localizado na unidade III Campus do Pantanal (CPAN) que abriga o setor de pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em Corumbá. Esse espaço é cedido para pesquisadores e servidores públicos da universidade que precisam de alojamento quando estão em Corumbá. Através de um termo de responsabilidade, esse quarto me foi cedido por quase dois meses, sendo que existia a possibilidade de dividir o quarto com outra pessoa que porventura chegasse, algo que não aconteceu.

O mês de janeiro é de férias, então pouco movimento se via pela universidade e pelas ruas da cidade. Por isso, precisei criar alguns hábitos durante o tempo que fiquei lá, para que os dias passassem mais rapidamente quando precisava ficar no alojamento.

Eu atravessava a rua e ia ao Porto Geral quase todo fim de tarde. O espaço é tomado pelo rio Paraguai. Na margem estão ancorados chalanas e barcos de pesca, havendo apenas o trabalho dos pescadores, muitos donos de barcos levam turistas para conhecer o rio Paraguai. Aos fins de semana, os moradores usufruem dos passeios para ir até "prainhas" que se distanciam um pouco do Porto Geral. Como me informaram alguns moradores da região, "a água do Porto é muito suja". No entanto, isso não é um problema para todos. Aos fins de semana, o Porto Geral tem uma grande movimentação, inclusive de banhistas munidos de trajes de banho, caixas térmicas, cadeiras e carros com som para se acomodarem na prainha do Porto Geral e ali desfrutarem suas tardes de domingo.

O Porto Geral de Corumbá é considerado um dos maiores portos fluviais do Brasil, sendo o maior da região Centro-Oeste. Localizado na parte baixa da cidade, ao seu redor encontra-se um conjunto de edifícios históricos que formam o Casario do Porto, tombado pelo Iphan como patrimônio histórico nacional. O complexo arquitetônico conta com o antigo Edifício Wanderley Baís e Cia., que atualmente abriga o MUHPAN (Museu De História Do Pantanal). Próximo à ladeira José Bonifácio, localiza-se o edifício histórico "Casa Vasquez & Filhos", imponente edificação onde está instalado o Memorial do Homem Pantaneiro. A mesma rua, abriga o prédio do IPHAN e o Armazém da extinta empresa de Portos do Brasil – Portobrás, conhecido atualmente como Centro de Convenções. A utilização desses espaços é voltada para eventos culturais, feiras e para o turismo. Essa parte baixa é onde se realizou e dinamizou o comércio fluvial desde o pós-guerra da Tríplice Aliança até o início do século XX, às margens do rio Paraguai.

Atualmente, o casario tem instalado comércio de venda de artigos de pesca, bares, restaurantes, espaços públicos e agências de turismo. Próximo ao Porto, temos o bairro conhecido como antiga "Cervejaria". Quando eu precisava ir ao mercado, cortava caminho pela comunidade do Cervejaria. Depois de um tempo, me recomendaram não passar por lá devido ao perigo do local. No entanto, continuei passando por lá, mas apenas durante o dia.

No livro "Corumbá: Terra de Sonhos e Lutas" (2006), Valmir Batista Corrêa relata o cotidiano de violência em Corumbá que se assemelhava ao do Porto da cidade Salvador, havendo na cidade pantaneira uma Alfândega e instituições bancárias na área portuária. Esse perigo e falta de segurança também foram relatados por mãe Janaína. Quando fui até o seu terreiro para conversar sobre as louvações para Iemanjá, ela contou que a região do Porto não tinha iluminação e que em dias comuns, os moradores não frequentavam o local se não fosse por motivos de trabalho.

São muitas ressalvas sobre a região do Porto do Geral. Quando conversei com uma estudante de Ciências Sociais que nasceu e foi criada em Corumbá, comentei sobre o medo que paira sobre as pessoas de permanecerem no Porto depois de certo horário, ela me respondeu: *"Na verdade, Corumbá inteira é perigosa depois de certo horário. Você não percebeu?"*

Eu passava os finais da tarde ali no Porto, lendo e esperando o pôr do sol, depois das 21h da noite, não me recomendavam ficar muito por ali, pelo perigo de ser assaltada. Quando contei que para ir ao mercado estava passando pelas ladeiras do antigo bairro Cervejaria, levei algumas broncas de todas as pessoas com quem comentei.

Eu sentia mais medo da cidade pelo que me falavam do que pelo que via por ali. Era um medo do não visível, quando olhava para cidade ela não me dava nenhum motivo palpável para me sentir ameaçada, mas, os moradores relatam sobre Corumbá com tensão e carregados por um sentimento de “tudo pode acontecer a qualquer momento”. Achei que pudesse ser conversa para turista, mas os relatos seguiam com a justificativa da cidade sofrer uma “tensão fronteiriça”. *“Talvez seja um sentimento da fronteira, sabe? A gente sabe que a fronteira é perigosa, tem todo tipo de gente. E o que vem da Bolívia para chegar no restante do estado, passa por Corumbá antes”*.

O meu alojamento era no Porto Geral, eu não tinha como escapar dessa localização, então decidi encará-la e tomar os cuidados recomendados. Pelo tempo que fiquei por ali, percebi que o espaço é ocupado por diversas atividades: a pesca e o turismo são muito presentes, mas o lazer é fundamental na movimentação do território, não apenas de banhistas durante o final de semana, mas quando o carnaval se aproxima o espaço é totalmente ocupado pelo samba e apresentações que antecedem o carnaval, mesmo o carnaval ocorrendo na Avenida General Rondon, acontecem “esquentas” pré-carnaval no Porto Geral.

Refletindo sobre o “sentimento de fronteira” pude compreender a cidade a partir de suas múltiplas camadas. Corumbá está localizada no sudoeste brasileiro, sendo considerada a Capital do Pantanal e está situada na fronteira com a Bolívia, com acesso rápido à cidade de Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Ali existe um fluxo de pessoas e mercadorias extremamente dinâmico que faz parte do cotidiano dos moradores da região, permite pensar que o “sentimento de fronteira” se configura como medo e tensão, sendo, nesse caso atrelado ao que vem da Bolívia, seja em relação a mercadorias ilícitas ou apenas à presença boliviana na cidade.

A situação moral que classifica o outro e a fronteira como marginais é produzida em um discurso que tem como uma de suas principais consequências a reificação do preconceito contra os bolivianos na cidade de Corumbá, associando-os também a uma classificação da região como uma área isolada ou “terra de ninguém”, na qual impera a violência e a anomia, ou como um lugar em que o Estado está ausente. (COSTA, p.153, 2013.)

Não busco me aprofundar e nem reduzir as relações entre a fronteira Brasil-Bolívia apenas ao conflito, desentendimento e acusação, muitas outras relações e sentimentos ganham forma nessa fronteira, esse sentido se estende para o eixo religioso,

quando tratamos de religiões de matriz africana, os bolivianos também possuem uma forte presença nos terreiros de umbanda da cidade em busca de atendimentos espirituais. Em Corumbá é comum ouvir as pessoas dizendo “*Na Bolívia não tem macumba, eles trabalham com bruxaria, feitiçaria, coisa muito pesada*” é como dizer, o que fazemos é para o bem e o que eles fazem é para o mal. “Durante a formação da alteridade na fronteira, é a construção negativa do outro que sustenta a própria identidade brasileira, ou seja, o boliviano está fora dos parâmetros que definem os valores civilizados no imaginário brasileiro” (COSTA, p.149, 2013.) Compreende-se feitiçaria/bruxaria como um discurso de acusação e sempre produzida pelo outro.

Os bolivianos sofrem estigmas em diversas áreas em Corumbá, e as acusações de feitiçaria são comuns, entre os agentes afro-religiosos, um discurso baseado em como a feitiçaria e os rituais realizados na Bolívia são uma estrutura do mal, e como eles costumam dizer: *algo pesado*. Em contraponto, nas religiões de matriz africana, o feitiço e a magia, são interpretados como uma forma de abrir os caminhos e receber o axé dos guias e Orixás. Mary Douglas aborda, em “*Os Lele revisitados, acusações de feitiçaria à solta*”, exemplos de como a feitiçaria se faz presente em muitas sociedades no contexto da modernidade: “A crença em feitiçaria não é rara; ao contrário, é comum nas religiões africanas tradicionais, em países islâmicos ou cristianizados, bem como no chamado Terceiro Mundo” (DOUGLAS, p.7, 1999).

Existe preconceito dos dois lados da fronteira, não é todo terreiro que vê com bons olhos a presença boliviana e, do outro lado da fronteira, práticas e ritualísticas de matriz africana também não são bem vistas por todos, recebendo até mesmo denúncias, mesmo a liberdade religiosa sendo um direito constitucional. A presença boliviana em Corumbá é inevitável, assim como a presença brasileira na Bolívia, ambos compartilham espaços e culturas distintas que em determinados momentos se encontram. Acredito que Corumbá é uma encruzilhada nessas relações que transpõem limites, traçam caminhos, definem afetos, conflitos, trocas, encontros e desencontros.

1.5 Festa ou louvação?

De posse de uma longa lista de contatos, me deparei com o número de Pedro Hector, Ogã e neto de uma das precursoras da umbanda na cidade, Dona Carlinda, sendo a Tenda de Umbanda Caboclo Estrela do Norte e Cabocla Estrela do Sol, um dos terreiros mais conhecidos da cidade. Marquei uma conversa com ele no terreiro de sua falecida

avó, ao me receber começou a me mostrar o espaço, um terreiro de chão batido e localizado próximo ao aeroporto da cidade, uma região ocupada por muitos terreiros. Segundo afro-religiosos locais, Dona Carlinda e Dona Cacilda foram mulheres que marcaram o início da umbanda em Corumbá, deixaram muitos filhos de santo e terreiros consolidados para as futuras gerações.

Muitos conhecem dona Carlinda pelos trabalhos com o Caboclo Estrela do Norte, no entanto ela também é reconhecida pelo milagre de São João. Documentários e entrevistas sobre o tradicional Banho de São João relatam sua trajetória como festeira. O filho de dona Carlinda quando tinha apenas 3 meses de vida, após semanas internado, foi desenganado pelos médicos e encaminhado para casa.

Dona Carlinda providenciou o batismo católico para seu filho em sua casa, pouco tempo após o batismo o bebê perdeu os sinais vitais, nesse momento, passava uma procissão de São João a caminho do rio Paraguai e num ato de desespero e fé dona Carlinda se jogou embaixo de um andor e realizou a promessa que se São João devolvesse a vida de seu filho ela se tornaria uma festeira. Durante sua prece, seu filho recuperou os sinais vitais. A promessa¹⁵ de dona Carlinda era de ser festeira de São João por 7 anos, todavia, seus filhos e netos tocam os festejos há mais de 50 anos em homenagem ao santo e agradecimento ao milagre concedido em sua família. A história me foi contada por Pedro Hector sobre seu pai ser a prova de um milagre de São João por causa da fé de sua avó, dona Carlinda.

Religiões como umbanda e candomblé possuem como fundamento a hierarquia e o respeito aos mais velhos, não apenas em idade de vida, mas em idade de santo, quanto mais tempo na religião, mais fundamento o indivíduo possui. São religiões regidas pela oralidade que é passada através de gerações pelos mais velhos. Grande parte das lideranças religiosas antigas possui um diálogo mais arredio, desconfiado, que muitas vezes pode ser justificado pelo medo dos preconceitos sofridos no decorrer da vida e até mesmo um cuidado para não gerar fofoca. Conversar com lideranças mais velhas é um trabalho que demanda mais cuidado por parte do pesquisador, no sentido de não ultrapassar os limites do interlocutor, principalmente para os que não viveram exposições

¹⁵ O relato completo pode ser encontrado no canal do Youtube da Bela Oyá RP & Produções: *Encruzilhada de Estórias: Registro das Festividades Religiosas - Louvação Xangô* e no Dossiê do Banho de São João de Corumbá e Ladário

mediáticas de seus fundamentos e do modo de exercer sua religião, eles prezam pelo sigilo de suas ritualísticas, assim como era antes do acesso à internet.

Pedro Hector, foi a pessoa mais nova e espontânea com que conversei, com idade em torno de 20 anos. Apesar dele também manter os princípios da oralidade como fundamento do axé e compreender que os fundamentos religiosos se aprendem vivendo e que nem tudo deve ser dito para alguém de fora da religião, ele se manteve disposto a responder meus questionamentos e naturalmente construímos um diálogo que tinha como proposta compreender a maneira que se louvava Iemanjá em sua casa, mas que, como em outras situações da pesquisa, perpassou por muitos outros assuntos e temáticas.

Ao iniciarmos a conversa ele me fez a seguinte pergunta *“O que você está buscando? O que precisa saber?”* Expliquei sem muita certeza sobre o que era minha pesquisa e que gostaria de compreender as louvações que acontecem para Iemanjá. Nos terreiros costumam dizer que tudo começa por Exu, e de fato, de uma forma não programada, minhas entrevistas começavam por ele até finalizar em Iemanjá. Essa entrevista com o Ogã me trouxe mais conhecimentos sobre Exu e a louvação que alguns terreiros da cidade organizam a ele no final de ano, do que informações sobre a louvação para Iemanjá. Deste modo, quando iniciamos nossa conversa, comentei que o “chão batido” de seu terreiro me chamava atenção, pois em Campo Grande dificilmente encontrei uma casa de umbanda de chão batido. Ele enfatizou que sempre foi assim, e permaneceria: *“É tradicional, sabe? Somos uma casa antiga, o chão faz parte das histórias e por ele muita gente pisou e girou”*.

Ele me questionou se eu havia ido na louvação para Exu e pomba-gira que acontece no dia 27 de dezembro, que ocorreu na semana em que cheguei em Corumbá, respondi que não tinha conhecimento sobre essa louvação, mas que me interessava em compreender melhor. Pedro Hector relatou que a louvação já acontecia desde quando sua avó era viva, ela era uma mãe de santo muito conhecida na cidade, desse modo, muito saber ancestral se passava por ele devido a sua avó e sua família sempre estarem inseridos na umbanda. Essa louvação para Exu aconteceu no dia em que cheguei na cidade, mas só tive conhecimento de sua existência através dessa entrevista.

Ele contextualizou que a louvação acontece antes da festa de Iemanjá, para fechar os rituais internos das casas, entregarem suas obrigações para os Exus catiços¹⁶ e pomba-

¹⁶ “Exu catiço” está relacionado a forma de diferenciar Exu entidade de Exu Orixá, portanto catiço são os espíritos.

gira, sendo uma maneira de *dar de comer*¹⁷ e demonstrar gratidão aos guardiões das casas que trabalharam no mundo espiritual durante o ano que se passou.

Para contextualizar essa louvação ele iniciou explicando um pouco da origem e os rituais:

Acho que você sabe que a umbanda e o candomblé, na maioria das partes, principalmente o candomblé, eles trabalham com sacrifício animal, cada um sacrifica o seu bicho, né? Lá, alguns terreiros não sacrificam, e outros sim, mas tudo é feito no dia 27. No dia 27, inclusive, que é dada a previsão de cada terreiro, essa louvação é bem importante e pontual para o fechamento do ano e o início do próximo ano, é ali que recebem das entidades uma direção de como seguir com os trabalhos”.

Todavia, quando perguntei sobre o local ele respondeu da seguinte maneira, enfatizando a participação de sua avó nas origens da louvação para Exu:

“Eu vou falar bem claro, é um lugar feio, não estou falando feio na questão, mas é que não tem beleza, é uma estrada de terra. Lá, inclusive, ninguém sabia na época, mas quando começou a fazer o ritual lá, o Exu da minha avó disse que lá era um lugar de mundo. Na época onde era a Escola da Tamandaré, era por ali que eles iam fazer aquele ritual na época e parece que na época ela incorporou com o Sr. Tranca Rua e ele disse que ia mostrar um lugar de ouro para eles. E o Exu Tranca Rua foi andando um pouco dali da escola da Tamandaré até essa estrada e entrou andando a pé, todo mundo seguindo ele. Ele mostrou o lugar que tinha e lá eles começaram a dizer de hoje em diante é aqui! Passava uns tempos, ninguém descobria, por que ele tanto falava que era um lugar de ouro, pois era um lugar assim que quem entrava ia falar, mas que lugar feio! Porque é um lugar feio, é um lugar seco, a estrada é de terra, ela tem calcário branco bem seco, né? A vegetação é verde de um lado, mas ela é seca do outro. Só para você ter uma noção, de um lado é seco e do outro lado é verde. Então é uma coisa assim que você não entende muito bem. Aí com o tempo, parece que teve uma suposta escavação nesse lugar, muito antes de se descobrir isso, teve um suporte de escavação e pouco tempo depois tentaram asfaltar lá e descobriram que nessa Estrada da Bocaina¹⁸ embaixo tem uma passagem de gás natural. Lá não pode ser asfaltado e nem escavado até a data de hoje devido a essa passagem de gás. Como a mineradora de gás que parece que ia vir na época, não conseguiu, não deu certo, não virou. Eu sei que não virou. Um lugar que nós umbandistas iríamos perder. Se for o destino, se for os exus, não sei, sei que não deu certo para a empresa. É um lugar que não pode ser asfaltado até hoje, mas debaixo de toda aquela terra, de toda aquela pedra, tem uma passagem de gás natural lá. Depois isso ele falou na

¹⁷ “Dar de comer” é a prática de sacralização animal, abater o animal como forma de oferenda.

¹⁸ Estrada da Bocaina é uma rua de chão batido. O local é conhecido por sua passagem de gás, mas sobretudo pelos e corpos que são encontrados na estrada, normalmente vítimas de assassinatos.

cabeça da minha avó no ano de 88. Ninguém entendeu porque, nós só fomos descobrir isso pela matéria na televisão em 2001. Em 2001, foram fazer todas as descobertas da passagem de gás. Porque foi uma escavação clandestina, fora da lei, que fizeram lá. Depois foram revelar para saber que tinha gás lá e tudo mais. Então, foi esse o motivo de terem feito aquele lugar como ponto de referência para os Exus lá. Lá é uma estrada. E acho que resume bem, porque Exu é a rua, ele é a estrada, tem muita permissão”.

As festas e louvações fazem parte da vida social do terreiro, elas movimentam e dinamizam o espaço e as pessoas. Quando acontece uma festividade de Exu ou pomba-gira, existe o deslocamento para ir prestigiar aquela entidade em terra. Em Corumbá muitos pais e mães de santo, antes de abrirem suas casas, eram irmãos de santo da mesma casa, portanto, as festividade de terreiro são momentos de encontro. Tratando-se da louvação para Exu, muitas casas organizam suas próprias ritualísticas e se direcionam até a estrada da Bocaina, nesse local os Exus “comem” e festejam.

As festividade de esquerda são sempre regadas a bebidas, comidas e interação humana e não-humana, a louvação que finaliza os trabalhos internos da casa durante o ano é para Exu, realizada no centro da encruzilhada entrelaçando caminhos, histórias e experiências além da matéria humana. No livro *Pedagogia das Encruzilhadas* o autor Luiz Rufino (2019) aponta a encruzilhada como transgressão, partindo da definição que Exu é o que quiser ser, poderoso, andarilho, bom e mal. É a divindade que mais se aproxima do ser humano, em seus desejos e contradições, Exu é aquele que engole de um jeito e cospe de maneira transformada.

Nesse tom, como quem cospe cachaça ao vento, digo: A encruzilhada não é mera metáfora ou alegoria, nem tanto pode ser reduzida a uma espécie de fetichismo próprio do racismo e de mentalidades assombradas por um fantasma cartesiano. A encruzilhada é a boca do mundo, é saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos (RUFINO, 2019, p.1)

Após o Ogã me explicar sobre a louvação para Exu, ele começou a abordar sobre sua casa, sua avó e como as louvações movimentam a vida social dos terreiros da cidade. Após as louvações para Exu, as casas se preparam para encerrar o ano na prainha do Porto Geral louvando Iemanjá na última semana do ano, ele relatou que as louvações para Iemanjá eram realizadas desde a época de sua avó, em meados da década de 1970 e nesse período os rituais públicos sofriam represálias e eram alvo de preconceito religioso.

Entretanto, algo me intrigou quando ele começou a falar sobre as louvações para Iemanjá, as obrigações do final de ano são rodeadas de jornalistas do início ao fim, essas reportagens são exibidas nos jornais regionais e tendem a ser assistidas por toda parte do estado que possui acesso a televisão, internet e rádio.

A quantidade de jornalistas e outras pessoas que estavam ali para observar a louvação, incluindo eu mesma, me levou a questionar o Ogã “é festa ou louvação? Ou ambos ao mesmo tempo? ” Ele esclareceu com a seguinte resposta que, ao final, define as duas categorias: *“Para os santos, tudo é festa para eles aqui dentro. Então, o que acontece é que perante o Sagrado é uma festa. Diferente de nós seres humanos que somos acostumados a uma festa que tem música ao vivo, mesa, cadeira, então, para nós é uma louvação. Então, a louvação de Iemanjá, aqui ela é feita de uma forma louvada, não festejada”*. E continuou:

“Diferente como São João, por exemplo. No São João nós temos uma festa. O Andor fica aqui dentro, reservado, guardado, né? Todo mundo que quiser entrar, faz sua oração, faz sua prece. E depois vai para o baile que é lá fora. Aí sim é a festa. Mas para nós, já na parte da Iemanjá, a louvação dela é aqui dentro. Por quê? Porque já envolve a incorporação, o desenvolvimento, os espíritos que vêm, entendeu? Já vira uma louvação. De acordo com o nosso conceito tem uma diferença entre a festa e a louvação. A louvação é quando nós fazemos um louvor ao nosso sagrado”.

A explicação do Ogã está relacionada ao modo como louvam Iemanjá em sua casa, pois nem sempre descem ao Porto Geral, e suas obrigações são entregues dentro do próprio terreiro. De acordo com esse relato, compreende-se que a louvação está relacionada às incorporações, às manipulações de energia, ao estar com a mente e o corpo totalmente conectados ao espiritual. A louvação pressupõe um sistema organizacional, atitudes orientadas e exige concentração tanto dos médiuns que incorporam quanto dos consulentes que vão para participar; é um momento dedicado à interação com a espiritualidade, com pouca margem para distração.

A festa, por seu lado, está relacionada à socialização entre as pessoas, comemorações, a servir comidas e bebidas, ou seja, por mais que se esteja louvando o Orixá ou entidade, o corpo e a mente já estão abertos para as experiências que envolvem a interação humana, a socialização. Apesar de as categorias se misturarem em alguns momentos, na concepção do interlocutor, a festa seria um momento menos íntimo, em que os comportamentos podem ser menos ponderados, sem a preocupação rígida de transgredir o que é considerado sagrado.

De acordo com Durkheim (1988) o conceito de festa possui três estados: superação da distância entre os indivíduos; efervescência coletiva e transgressão das normas coletivas. Essas características estão vinculadas diretamente ao divertimento à descontração, ou seja, o oposto da vida séria e da rotina causada pelo trabalho, portanto, a festa possui a função de desconectar os participantes da realidade cotidiana. Os indivíduos entram em contato com a energia social durante a festa e isso lhes dá força e vontade de prosseguir com sua vida normal pós festa, portanto as festas possuem uma função recreativa e libertária. Segundo Rita Amaral (1998, p.116) “As festas parecem oscilar mesmo entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo). Elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude, e do mero divertimento pela densidade”.

As festas em cidades interioranas como Corumbá desenvolvem significados para além da religiosidade, são meios de articulações políticas de poder local, os grupos e líderes religiosos se colocam em evidência seja isso um benefício ou não. Segundo Gomes e Banducci (2012) os devotos de São João participam e realizam a festa pela fé no santo, enquanto a administração pública articula possíveis alianças com os integrantes, esse vínculo pode ser um benefício para ambas as partes. Entretanto, além do poder público a participação regular de candidatos políticos em ano eleitoral é significativa “Antes de preocupar-se com aspectos próprios da festa, o poder público parecia intervir com o intuito de obter dividendos políticos, levando até o público aquilo que acreditava tocar diretamente a sua sensibilidade, independente do contexto em que o evento acontecia” (Gomes; Banducci. 2012, p.9.) Todavia, ressalta-se o empenho da Secretaria de Turismo em estimular a manutenção das festas particulares dos festeiros, inclusive com o auxílio financeiro para produção e confecção dos andores de São João.

Apesar dos diferentes sentidos sobre a categoria de festa e louvação, o Banho de São de João e a louvação para Iemanjá se enquadram na condição de ritual. De acordo com o Dossiê de Registro do Banho de São João (2019) os momentos sagrados se misturam com a celebração, intercalados com euforia, bebidas e danças. Assim como na louvação de Iemanjá, não é possível estabelecer uma fronteira rígida entre sagrado e profano, tudo se mistura e compõe o ritual. Santos (2005, p. 194, apud SILVA, 1995, p.205) chama atenção para esse aspecto na festa de Iemanjá

“Os rituais públicos em louvor a Iemanjá nas praias das cidades brasileiras demonstram, assim, como a religião vai consagrando

espaços naturais, “institucionalizando-os” conforme sua visão sagrada e abrindo canais de diálogos com outras esferas da sociedade abrangente para tornar essa visão legítima e aceita como parte integrante do cotidiano da vida cultural e religiosa da cidade”

A louvação para Iemanjá no Porto Geral é justamente a mistura entre festa e louvação, acontece de tudo ao mesmo tempo, algumas pessoas incorporadas, entregas de barquinhas, pessoas tomando passe, defumações de ervas, sons de atabaques e, por outro lado, temos pessoas sentadas observando, consumindo bebidas alcoólicas, jornalistas fotografando e registrando. Ao analisar a dicotomia entre as categorias “sagrado” e “profano” Leach (1996, p.76) ressalta que entre esses dois extremos existem a grande maioria das ações sociais que participam em parte de uma das esferas e em parte da outra e o ritual visa mostrar o aspecto das ações.

De acordo com as narrativas dos interlocutores, compreende-se que a louvação de Iemanjá está passando por transições, nos últimos dez anos deixou de ser um ritual limitado aos povos de terreiro e tem ganhado visibilidade e adeptos aos cultos de matriz africana, tornando-se um misto de louvação e festa.

CAPÍTULO I - NA TERRA TEM O CORAÇÃO DE IEMANJÁ

*É nije nilé lodô
(Quem é a grande senhora dos rios)
Yemanjá o
(Yemanjá o)
Acota pê lê dê
(É a ela que nós pedimos)
Yá orô miô
(Mãe cujos filhos são peixes)*

Sabe-se que Iemanjá é a Orixá mais popular no imaginário e na religiosidade dos brasileiros. Seus devotos estão por todo o país, e seu reconhecimento é notório por ser considerada protetora dos navegantes e pescadores, a senhora dos Oris, que protege seus filhos e crianças. A figura feminina é algo comum entre os povos do continente africano; sua representação geralmente está atrelada à maternidade, fertilidade e aos rios. Porém, seus aspectos ultrapassam o estigma de mãe, e percebemos que a força e o temor também fazem parte de suas características.

Iemanjá é originalmente a Orixá cultuada pelo povo Egbá, nação ioruba, localizada no Sudoeste da Nigéria. As cidades iorubá, apesar das similaridades em dialetos, cultura e cultos, constituíam uma série de reinos, e cada reino possuía suas próprias especificidades, não existindo hierarquização ou modo único de cultuar os Orixás. “As variações locais demonstram que certos Orixás, que ocupam uma posição dominante em alguns lugares, estão totalmente ausentes em outros” (VERGER, 1981, p. 8). Portanto, Iemanjá, a Orixá suprema do povo Egbá, nem mesmo era conhecida por outros povos, assim como ocorria com os outros Orixás, que variavam de acordo com a região e nação.

“Olodumaré-Olofin vivia só no Infinito, cercado apenas de fogo, chamas e vapores, onde quase nem podia caminhar. Cansado desse seu universo tenebroso, cansado de não ter com quem falar, cansado de não ter com quem brigar, decidiu pôr fim àquela situação. Libertou as suas forças e a violência, delas fez jorrar uma tormenta de águas. As águas debateram-se com as rochas que nasciam e abriram no chão profundas e grandes cavidades. A água encheu as fendas ocas, fazendo os mares e oceanos, em cujas profundezas Olocom foi habitar. Do que sobrou da

inundação se fez a terra. Na superfície do mar, junto à terra, ali tomou seu reino Iemanjá, com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas. Ali nasceu Iemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumaré” (PRANDI, 2001, p. 380).

As principais etnias dos grupos iorubás foram: Oyó, Egbá, Egbado, Ijebu, Ijexá, Ekiti, Ondo, Akoko, Owo. Esses reinos divergiam entre si devido à concorrência por terras, gerando guerras.

Iemanjá, em África (Yemojá), era cultuada no Rio Yemoja. Após as guerras entre os povos iorubás e a emigração dos Egbá para o oeste, passou a ser cultuada no Rio Ògùn. A mitologia de origem de Iemanjá é ambígua; as histórias sobre a rainha das águas atravessaram os rios até desaguar no mar. Iemanjá atravessa o Atlântico dentro dos navios negreiros, sofrendo modificações, apagamentos e sincretismos junto ao seu povo, vítima do tráfico escravista.

A abertura das rotas Atlânticas nos séculos XV e XVI capturou e transportou em grande quantidade habitantes de várias regiões e etnias da África. As populações africanas foram submetidas a violências, opressões, assassinatos, ausência de dignidade humana, apagamento de sua identidade e demonização de cultos. Foram submetidas, por séculos, aos maus tratos e explorações. Segundo Zapata Olivella, quando os negros chegaram ao “novo mundo”, “O negro veio somente provido de sua sombra. Ele veio nu e atado” (OLIVELLA, apud SANTOS, 2017, p. 21).

Com a travessia do Atlântico e devido à situação de escravidão, as crenças africanas não podiam ser expressas em todo seu potencial. Deste modo, os Orixás foram modificados, adaptados, ganharam e perderam qualidades e atributos. Etnias e nações pertencentes aos povos iorubás trouxeram a grande mãe Iemanjá especialmente para o Brasil, Cuba e Estados Unidos.

Em África, Iemanjá estaria originalmente associada às águas doces, à fertilidade e à continuação da vida. Em suas origens, Iemanjá é uma divindade das Grandes Mães Feiticeiras; o termo em Iorubá 'Iyá Mi Oxorongá' refere-se às grandes mães ancestrais detentoras do poder feminino em sua forma primitiva, feroz, latente e destruidora.

“Os Orixás femininos cultuados no candomblé como Oxum, Iemanjá, Nanã, Obá, Ewá e Iansã, representam os aspectos socializados das Iyá mi. São suas remanescentes, mas já se situam no limiar da civilização, embora o mesmo receio expresso em relação às Iyá mi se verifique em relação às Orixás femininas citadas, quando invocadas nos seus aspectos negativos que remontam imediatamente às mulheres primordiais” (CURY e CARNEIRO, 1990. p.23)

Iemanjá, como conhecemos no Brasil, vem de Yemoja, que na lógica linguística iorubá é a contração de 'Yeye' (mãe), 'Omo' (filho) e 'Ejá' (peixe), ou seja, 'Mãe cujos filhos são peixes' (VALLADO, 2019.p.15). Apesar de ser reconhecida como zelosa e conselheira, na obra Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi ressalta no itan que Iemanjá vinga seu filho e destrói a primeira humanidade, mostrando a fúria de Iemanjá ao inundar a terra com água salgada, aniquilando como consequência de sua vingança. “No Brasil, Iemanjá continuou a ser Iyá Mi, mas agora, num misto de sereia encantada e Orixá, tornou-se a Senhora das grandes águas salgadas, de um mar que deixou muito distante sua África antiga. Agora é Iyá Mi dos mares e oceanos” (BARROS, 2006, p. 33-34).

No candomblé existem diversas qualidades de Iemanjá, as mais conhecidas são: Iya Ogunté (guerreira), Iya Saba (vive nas profundezas do oceano), Iya Sessu (as descrições dessa Iya variam entre ser uma qualidade que vive nas profundezas dos rios e mares e também sendo a Iya que mora nas espumas do mar), Iya Ákurá (tem alegria como característica), Iya Ataramagbá (das águas doces e beleza feminina), Iemanjá Malelewo (velha e cultuada nas florestas), Iya Konlá (possesiva, das águas profundas e frias dos rios), Aje Saluga (dona da prosperidade) e Iya Ori (dona de todas as cabeças). Essas são algumas qualidades ou representações de Iemanjá no candomblé que, mesmo sendo caracterizada de maneira geral no Brasil mediante a imagem do feminino, vinculada à maternidade, à pureza e fertilidade, existem variações nessa Orixá que representam o perigo, a vingança e a possessividade. (VALLADO, 2019).

Iya Ori, é considerada uma Iemanjá que cuida de todas as cabeças, “Senhora dos Oris”. Normalmente é uma qualidade cultuada e não raspada¹⁹, como acontece com outras qualidades, o ritual ligado a Iya Ori é conhecido no candomblé e outras religiões de matriz africana como *bori*, definido como um culto à cabeça ou o ato de dar de comer à cabeça. Cada ori possui um caminho pessoal a ser seguido, um destino traçado, por isso o ori é conectado ao Orixá e cultuado como uma divindade. A ritualística do bori é uma maneira de trazer equilíbrio para a cabeça e até em casos urgentes em que o Orixá está pedindo para ser feito, o ritual pode “acalmar” o Orixá e a pessoa conseguir mais tempo para se organizar para iniciação, como exemplificado por Silva (2024. p.84) ao abordar a

¹⁹ Ser raspado é uma forma nativa de dizer “iniciado” se refere a ser iniciado no candomblé, com exceção de algumas pessoas, praticamente todos que passam pelo ritual precisam raspar o cabelo. O termo “feito de santo” também está atrelado a ter passado pelo ato de se iniciar na religião.

categoria de obrigação na experiência religiosa de seu interlocutor David. Ele relata sobre a necessidade de passar pelo bori.

O pai de santo jogou ifá e o santo pediu que eu raspasse. Só que na época eu não tinha condição. Aí o que aconteceu?! Ele me deu um borí, tipo assim, pediu um tempo. O sopro de misericórdia, para que eu pudesse correr atrás dos materiais para poder fazer o santo (Entrevista com David, 22 de março de 2022).

O bori possui diversas dinâmicas, como os ebós, comidas de santo, rezas e a matança, normalmente de um casal de pombos e galinha da angola. Aos iniciados o bori é uma obrigação que deve ser realizada com frequência anual, para que sua cabeça esteja sempre cultuada e se mantenha em equilíbrio, é comum ouvirmos que quando a pessoa está com o bori atrasado, sua mente não funciona direito, não consegue tomar boas decisões e até mesmo sua vida pode não fluir bem, essas aflições podem ser provadas pela falta de bori. Aos que não iniciados a necessidade de um bori é mostrada a partir da consulta ao oráculo, um dos mais utilizados nesse caso é o jogo de búzios.

Existe diversos itans sobre Iemanjá ser mãe de todas as cabeças e cada casa cultua e acredita de acordo com sua ancestralidade e doutrina, o itan que deixarei aqui é o que mais se assemelha com os relatos de minhas interlocutoras que citam que esse poder veio a partir de uma cura proporcionada a Oxalá. Esse itan ou mito como é definido pelo autor, pode ser encontrado no livro Mitologia dos Orixás do Prandi.

Iemanjá cura Oxalá e ganha o poder sobre as cabeças

Quando Olodumare fez o mundo, deu a cada Orixá um reino, um posto, um trabalho.

A Exu deu o poder da comunicação e a posse das encruzilhadas.

A Ogum deu o poder da forja, o comando da guerra e o domínio Dos caminhos.

A Oxóssi ele entregou o patronato da caça e da fartura.

A Obaluaê deu o controle das epidemias.

Olodumare deu a Oxumarê o arco-íris, e o poder de comandar a chuva, que permite as boas colheitas e afasta a fome.

Xangô recebeu o poder do trovão e o império da lei.

Oiá-Iansã ficou com o raio e o reino dos mortos, enquanto Euá foi governar os cemitérios.

Olodumare deu a Oxum o zelo pela feminilidade, riqueza material e fertilidade das mulheres.

Deu a Oxum o amor.

Obá ganhou o patronato da família e Nanã, a sabedoria dos mais velhos, que ao mesmo tempo é o princípio de tudo, a lama primordial com que Obatalá modela os homens.

A Oxalá deu Olodumare o privilégio de criar o homem, depois que Odudua fez o mundo.

E a criação se completou com a obra de Oxaguiã, que inventou a arte de fazer os utensílios, a cultura material.

Para Iemanjá, Olodumare destinou os cuidados de Oxalá.

Para a casa de Oxalá foi Iemanjá cuidar de tudo: da casa, dos filhos, da comida, do marido, enfim.

Iemanjá nada mais fazia que trabalhar e reclamar.

Se todos tinham algum poder no mundo, um posto pelo qual recebiam sacrifício e homenagens, por que ela deveria ficar ali em casa feito escrava?

Iemanjá não se conformou.

Ela falou, falou e falou nos ouvidos de Oxalá.

Falou tanto que Oxalá enlouqueceu.

Seu ori, sua cabeça, não aguentou o falatório de Iemanjá.

Iemanjá deu-se então conta do mal que provocara e tratou de Oxalá até restabelecê-lo.

Cuidou de seu ori enlouquecido, oferecendo-lhe água fresca, obis deliciosos, apetitosos pombos brancos, frutas dulcíssimas.

E Oxalá foi curado.

Então, com o consentimento de Olodumare, Oxalá encarregou Iemanjá de cuidar do ori de todos os mortais.

Iemanjá ganhara enfim a missão tão desejada.

Agora ela era a senhora das cabeças. (PRANDI, 2001.p.397-399)

2.1 Iemanjá é uma mãe acolhedora

Apesar da festa de Iemanjá ser fortemente reconhecida nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro, a Orixá é cultuada no país inteiro, independentemente de acesso ao litoral. Cada região possui suas adaptações e modos de louvar a mãe d'água. Apesar da predominância católica em cidades pantaneiras em Mato Grosso do Sul, Corumbá – Capital do Pantanal, possui uma grande quantidade de terreiros no município. É uma cidade festeira em sua essência e modo de existir, os festejos tradicionais resistem ao tempo, às mudanças históricas e as tecnologias. Tem festa de todo tipo e durante o ano inteiro e através das festas é que podemos compreender as particularidades de quem as produz, analisando as experiências da vida em grupo.

As festividades colocam em jogo o turismo regional e os possíveis investimentos institucionais que são movidos pela fé e tradições. A festa é capaz de fornecer vínculo

entre o humano e não-humano e produzem um sistema de comunicação entre pessoas e ações da vida, que distinguem das ações ordinárias.

Contudo, independente do grau de variação, as festas apresentam elementos que convergem para um universo comum. A experiência de assisti-las não assume o mesmo significado para todos, uma mesma sequência ritual pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. (SANTOS, 2005, p. 13.)

Corumbá promove o maior carnaval do estado de Mato Grosso do Sul, sendo que os blocos e as apresentações de escola de samba movimentam a cidade e o turismo. Normalmente os “esquentas” iniciam em janeiro, quando as escolas de samba da cidade se apresentam em bares e espaços públicos. Durante o período que estive na cidade, a prefeitura organizou as rodas de samba no Porto Geral que aconteciam aos sábados à tarde, a orla do Porto era tomada por pessoas, que levavam suas caixas térmicas e aproveitavam o fim de tarde com samba, cerveja e o pôr do sol do rio Paraguai.

A tradição do carnaval é tão expressiva e afamada que sempre me aconselhavam a ir embora de Corumbá só depois que o carnaval passasse. Eu deveria permanecer na cidade e aproveitar ao máximo o que os festejos tinham a me oferecer. E posso dizer que quase cai na tentação, todavia, voltei para Campo Grande antes do carnaval, mas durante o mês de janeiro acompanhei os esquentas pré-carnavalescos, principalmente na região do Porto Geral e no Bar do Ramão, locais em que as escolas de samba se apresentavam com frequência.

Em Corumbá existem festividades marcantes para a população como o carnaval, festa de São Pedro, o banho de São João, Festival América do Sul e também a louvação de Iemanjá, que é organizada pelos afro-religiosos da cidade. Iemanjá que no Brasil é homenageada no mar, em Corumbá, a capital do Pantanal, a Orixá é louvada no rio Paraguai.

Não tive acesso a documentações e registros sobre a louvação, os órgãos públicos que contatei, diziam que sequer possuem essas documentações. Quando questionei meus interlocutores sobre as origens da louvação na cidade, disseram que Iemanjá sempre foi louvada, mesmo que precisasse ser escondido. Outros afirmam que o ato de descer até o Porto Geral e louvar Iemanjá começou na década de 1970 com as mães de santo precursoras da umbanda em Corumbá, Mãe Cacilda e Mãe Carlinda.

Mãe Janaína de Iemanjá, sacerdotisa da Tenda Espírita Umbanda Maria da Guiné, acompanha rituais públicos desde a infância e louva Iemanjá há pelo menos 50 anos. Ela

se lembra de quando montou sua primeira barquinha para Iemanjá, por ordem sacerdotal, sem entender muito bem o significado daquele ato. No entanto, compreendeu que ali já era um sinal da espiritualidade e do vínculo com a Orixá, que mais tarde descobriria ser sua mãe de cabeça. Mãe Janaína relata que, quando era criança, era comum os trabalhos serem feitos às escondidas ou de maneira a mais discreta possível, por medo da intolerância religiosa praticada por muitos moradores da região, que condenavam e reprimiam as expressões culturais afro-religiosas presentes na cidade.

Passavam carros por perto as pessoas viam os rituais acontecendo e jogavam objetos, proferiam xingamentos e ataques aos afro-religiosos que realizavam os trabalhos no Porto Geral, o local não havia iluminação, conseqüentemente o ambiente tornava-se inseguro pelo risco de assaltos e de ataques de intolerância religiosa mais agressivos.

Para além das hostilidades e preconceitos sofridos, as louvações para Iemanjá de final de ano eram caracterizadas por encontros, comunicações e construção de memórias entre os precursores da umbanda na cidade, era um momento em que as casas se encontravam não apenas para abrir os trabalhos e realizar suas obrigações, mas para rever amigos e conhecidos que muitas vezes não se encontravam durante o ano, logo a louvação servia para promover trocas e reencontros elucidando o evento em seu contexto humano, social e religioso. As casas mais citadas frequentemente eram de Dona Carlinda e Mãe Cacilda que desciam ao Porto.

Essa realidade de intolerância religiosa teve uma mínima mudança quando a umbanda passou a ser um atrativo na cidade, através de uma mãe Cacilda que realizava trabalhos de cura com seu preto velho, atraindo pessoas de diferentes locais do país. Com toda essa exposição, a umbanda em Corumbá passou a ser reconhecida e respeitada, ainda que com ressalvas. Atualmente, os filhos de santo e os templos religiosos têm cada vez mais autonomia e espaço nas movimentações políticas e culturais da cidade, especialmente na região da prainha do Porto Geral, onde grande parte das entregas e trabalhos espirituais à beira-rio ocorrem.

Mãe Janaína me relatou sua experiência de vida e a importância do rio Paraguai. Quando fui até seu terreiro me programei para uma conversa de aproximadamente duas horas que se estendeu por quase 6 horas, encerrando com o anoitecer. Mãe Janaína é filha de Iemanjá e disse, assim que cheguei, que ela era suspeita para falar de sua mãe, mas compreendia que: *“Iemanjá é uma mãe acolhedora e os seus filhos precisam aprender com ela a ter compreensão”*.

Mãe Janaína desde criança foi envolvida no terreiro, quando pequena queria muito que seu pai de cabeça fosse na verdade Oxóssi, pois com ele se identificava e admirava a flecha e seus elementos de caçador. Todavia, quando jogou nos búzios a primeira vez, não conseguia acreditar que na verdade era filha de Iemanjá e Xangô, com muito custo aceitou e passou a amar Iemanjá e com ela realmente se identificar com os passar dos anos.

Quando criança Mãe Janaína brincava de “incorporação” via todos ao seu redor recebendo as entidades no decorrer das giras e durante o dia brincava que os recebia também, até de fato os receber, durante uma dessas brincadeiras, bradando e fazendo sinais com as mãos, incorporou o seu caboclo pela primeira vez.

Enquanto recordava sua vida e suas experiências, seu olhar de saudade e satisfação se fazia presente. Suas memórias abarcavam toda sua comunidade e família, principalmente sua mãe biológica, de quem ela relatou sentir muita falta. Mãe Janaína e sua família fazem parte dos grupos de pessoas que atravessaram o rio Paraguai e chegaram até Corumbá com expectativas de uma vida melhor.

Quando a questioneei sobre as relações de Iemanjá com rio, visto que a imagem popular de Iemanjá é vinculada ao mar, as águas salgadas, ela me respondeu:

“O mar e a água doce possuem uma divisão plena, lá “embaixo” é pleno, Iemanjá purifica a água doce, ela vai onde tem água. É uma ignorância das pessoas que pensam que não se pode fazer entregas para Iemanjá nas águas doces, na terra tem o coração de Iemanjá, pois a terra é um planeta água”. (Mãe Janaína de Iemanjá).

O Pantanal é uma região que está passando por diversos tipos de desastres ambientais por conta das secas e queimadas ilegais. Os sistemas de esgoto das ruas de Corumbá desaguam nas águas do rio Paraguai, na região da prainha do Porto Geral, motivo de reclamação de muitos moradores locais que além do trabalho, usufruem o espaço para lazer.

O rio tem sofrido frequentes e preocupantes quedas no volume d’água. Mãe Janaína me descreveu um sonho que teve há anos atrás com o rio Paraguai totalmente seco e quando ela chegava à margem do rio, ele subia de maneira feroz e escutava a voz da natureza dizendo “*Olha quanto lixo*” e as águas destruíam tudo que estava pela frente. Ela diz acreditar que o sonho foi um recado para o que havia de vir para o futuro. As forças e energias da natureza iriam se vingar, pelos desastres provocados pelos humanos.

Em religiões de matriz africana é comum os sonhos terem uma relação com a espiritualidade e fazerem parte da mediunidade de cada indivíduo “A pessoa mais preparada para desempenhar o papel de intérprete dos sonhos é o orientador espiritual. É ele quem detém o conhecimento necessário para esclarecer a mensagem do Orixá enviada através dos sonhos”. (LEITE, 2013, p.77) Mãe Janaína relatou que sempre sonha quando algo ruim vai acontecer e seus sonhos são uma maneira da espiritualidade prepará-la para o que está por vir, ela me contou esse sonho com o rio Paraguai em janeiro de 2023, todavia enquanto escrevo essa dissertação já em 2024 a Embrapa Pantanal declarou que devido as mudanças e crises climáticas o rio Paraguai, em Ladário, caminha para atingir o pior nível de seca já registrada em Mato Grosso do Sul.

Corumbá é encantada por diversas manifestações no decorrer do ano, o rio não é apenas de Iemanjá, as águas doces são as mesmas que Oxum domina nas correntezas, Iansã inunda com as águas das tempestades e que Nanã faz nascer das águas paradas, os pântanos e lama, o banho de São João também está estritamente ligado ao rio Paraguai. “O ritual da ablução é trazido para o Brasil, sendo que em Corumbá e Ladário se manifesta no Banho do Santo, reproduzindo o batismo de Cristo por João Batista, nas águas sagradas e férteis do rio Paraguai que, para os devotos, na noite de 23 para 24 de junho, se transforma metaforicamente no rio Jordão” (IPHAN, p.32).

O rio Paraguai é uma fonte de vida para a cidade. Ela nasce do rio e foi por causa dele que a cidade se expandiu e se tornou uma referência regional. O rio Paraguai representa a essência da vida dos corumbaenses e ladarenses. Segundo Souza (2021, p. 73), "o rio Paraguai é responsável por parte da própria sobrevivência dos ribeirinhos quilombolas, que são pescadores artesanais, trabalham em atividades ligadas ao turismo e à agricultura familiar às margens do rio". O sonho de mãe Janaína, para ela e tantos outros moradores, é um pesadelo que está se transformando em realidade. O rio, que simboliza fartura, encantamento, fé e trabalho, está enfrentando a seca e as frequentes queimadas do Pantanal, o que significa a perda dessas características essenciais, a dificuldade de sobrevivência e permanência na cidade.

Mãe Janaína esclareceu que sua relação com as águas do rio Paraguai é de afeto e memórias familiares, durante às 6 horas que estivemos juntas pude compreender através desse diálogo que o “tema de pesquisa” em diversos momentos é colocado em segundo plano, quando os interlocutores carregam e expõem suas angústias, necessidades, conflitos e alegrias através das memórias e recordações em suas narrativas. Nesse

momento não existe recurso ou método a ser aplicado, meu trabalho é construído através da participação.

Por mais que eu direcionasse o diálogo para explorar mais o conhecimento dessas pessoas sobre Iemanjá, elas estabeleciam o roteiro a partir de suas memórias, dito isso, perpassavam por lembranças que nem sempre estavam relacionadas diretamente a Iemanjá, mas que para eles não havia a possibilidade de comentar sobre as louvações sem antes apresentarem suas trajetórias de vida pessoal e religiosa.

Mãe Janaína relatou sobre suas memórias, o modo como o falecimento de sua mãe influenciou em sua jornada como mãe de santo, seu olhar de saudade ao lembrar de seus familiares e relatar as dificuldades sofridas durante a pandemia da Covid-19, eu não poderia simplesmente me apoiar nos recursos como câmera, caderno de campo e gravador. Apesar dos meus interlocutores proporcionarem detalhes sobre suas trajetórias de vida, não tenho como objetivo principal reconstruir a vida de cada pessoa que entrevistei, acompanhei e convivi, também não pude escapar da seletividade do que pode ou não ser contado, afinal, trata-se de uma religião que tem como fundamento a oralidade, hierarquias e desenvolvimento através do tempo, dedicação e imersão no sagrado.

No decorrer desse capítulo optei por compreender as perspectivas e simbologias que percorrem as louvações para Iemanjá durante as entregas referentes ao mês de dezembro, perpassando pela pessoalidade dos meus interlocutores, suas memórias e questionamentos. Por isso, durante as entrevistas, Iemanjá quase sempre ficava para o final, ou pouco comentávamos sobre, visto que os relatos tomavam outros rumos. Ao trilhar um caminho em busca das louvações para Iemanjá, entendi que na verdade, todos meus encontros me levavam a compreender sobre os processos e as relações existentes em torno das louvações para Iemanjá.

Por mais que eu tentasse direcionar a falar sobre as louvações para Iemanjá, pois compreendia que estávamos “fugindo” do meu tema, essa foi uma atitude e pensamento limitado da minha parte, pois na realidade não é possível separar a Orixá do cotidiano, da família, da memória. Segundo Leach (1996) o ritual se enquadra nas afirmações simbólicas que excede a dimensão religiosa e a realização periódica das práticas-rituais, para as ações cotidianas. Para minhas interlocutoras Iemanjá faz parte do seu dia-a-dia, em suas narrativas e lembranças, Iemanjá sempre esteve presente e sendo contextualizada de acordo com o tempo de vida delas mesmas. Relatam que quando estão tristes ou precisam tomar uma decisão difícil, acendem uma vela em suas casas e pedem direcionamento, mas também acendem velas para agradecer e compartilhar suas conquistas

através das rezas para Iemanjá. Deste modo, a louvação é um ritual que se repete periodicamente todos os anos e padronizado de acordo com cada terreiro, mas as práticas-rituais não se limitam somente ao final de ano e ao 2 de fevereiro, também se enquadram como ritual as ações simbólicas espalhadas pelo cotidiano das minhas interlocutoras.

Iemanjá estava presente em suas infâncias quando preparavam barquinhas, brincavam de incorporação, quando descobriram que Iemanjá que cuidava de suas cabeças, Iemanjá estava presente em suas perdas. A maioria as mães de santo que conversei são filhas de Iemanjá e tiveram que lidar com o falecimento de suas mães carnis. Ao vivenciar uma perda e dor tão latente, foi em Iemanjá que encontraram colo e utilizaram de momentos difíceis para fortificar sua conexão com a Orixá. Portanto, a louvação para Iemanjá só poderia ser contada através da relação, da crença, da coragem dessas mulheres, que cumprem suas obrigações de fim de ano na prainha, mas que para isso caminham ao lado de Iemanjá desde que nasceram, compartilham com ela sua devoção, seu respeito, suas jornadas e nela encontram seu lugar de filhas.

2.2 Louvação a Iemanjá – final do ano

Dia 31 de dezembro é celebrado a virada do ano novo, cada família e indivíduo possui seus próprios ritos simbolizando a passagem do ano velho para o ano novo, que são expressos através de roupas novas, uma mesa farta de comida, parentes e amigos ao redor, esse é um modo tradicional de celebrar a virada do ano em diversas partes do mundo, comemorando com fogos de artifício à 00h, sendo enfim dia 01 de janeiro. Uma das maneiras mais conhecidas de celebrar o ano novo é nas praias pelo Brasil, sendo uma época de alta temporada nas regiões litorâneas do país.

O ambiente produz diferentes sentidos ao ser ocupado por turistas e moradores locais que buscam o lazer, enquanto no mesmo espaço o contexto religioso é marcado pela devoção e agradecimentos a Iemanjá e todo povo d'água. As louvações para Iemanjá em Corumbá iniciam no dia 29 de dezembro, na prainha do Porto Geral, e vão até a madrugada do dia 31 de dezembro. Também é possível presenciar a movimentação religiosa na prainha do Porto Geral no dia 02 de fevereiro. Ao conversar com os religiosos sobre o significado de louvar Iemanjá duas vezes ao ano a explicação é sempre a mesma *“A semana do ano novo é um momento de agradecer, enquanto dia 02 de fevereiro é para realizar pedidos”*.

Determinadas casas e lideranças religiosas preferem realizar suas entregas no próprio terreiro, tendo em vista as dificuldades de mobilidade, impedimentos relacionados a saúde ou até mesmo por vontade própria, mas grande parte dos terreiros descem ao Porto Geral e prestam suas homenagens e agradecimentos a Iemanjá no local.

Na prainha, ao final da ladeira Cunha e Cruz, com dimensão variável, conforme o volume de águas do rio, os terreiros se reúnem. Próximo à margem, nas águas do rio, a prefeitura costuma instalar uma imagem de aproximadamente 5 metros. Nesse espaço misturam-se os terreiros e o público que se dirige para apreciar as celebrações, levando cadeiras, consumindo bebidas e em alguns casos, tomando banho no rio, a fim de assistir os rituais. No início da tarde começam a chegar os primeiros terreiros, trazendo suas barcas prontas ou a serem ornadas e abastecidas no local.

No dia 29 de dezembro de 2022, fui à tarde até o Porto Geral a fim de acompanhar o movimento dos terreiros e observar os preparativos iniciais da louvação, porém, poucas pessoas estavam no local, somente a partir da 18h chegaram alguns filhos de santo de uma casa de Candomblé e me concederam autorização para acompanhar o trabalho e fotografar a louvação. Não demorou muito para que a louvação começasse, eles já haviam preparado a estrutura da barquinha no próprio barracão de Candomblé, portanto, apenas finalizaram os últimos detalhes e iniciaram a gira.

Figura 7 - Barquinha de Iemanjá dia 29/12/2022



Fonte: Thaylla G. P da Silva, 2022

No dia 29 de dezembro de 2022 havia apenas essa casa de Candomblé no Porto e as movimentações em grande parte eram de filhos dessa casa e de outras pessoas que os conheciam e se achegavam ao redor para observar e prestigiar. Após as incorporações dos médiuns da casa na linha de direita, principalmente com Caboclos, formou-se uma fila para os passes e posteriormente a entrega das barquinhas. Essa casa em particular possuía duas barcas, uma para Iemanjá e outra para Oxum. Um dos motivos para isso é o fato do pai de santo ser filho de Oxum, então, também prepararam comida de santo, o Omolocum²⁰, para entregar a Oxum.

As pessoas se aproximavam, tomavam passes dos guias e acendiam suas velas para Iemanjá próximo à margem do rio, alguns permaneciam para acompanhar e outros iam embora. Somente após finalizar os passes que foi realizada a entrega da barquinha, o caboclo do pai de santo passando poucos metros da margem soltou a barquinha no rio, enquanto isso pessoas comemoravam, abriam espumantes e saldavam “*Odoyá, Iemanjá*”

²⁰ Comida de Santo oferecida a orixá Oxum, os ingredientes principais são: feijão fradinho, camarão e ovos cozidos.

com gritos e palmas. Muitas barquinhas seguem o curso do rio até Ladário e suas estruturas são recolhidas por agentes da Marinha brasileira em Ladário que realizam o descarte do material.

O maior fluxo de terreiros ocorre no dia 30 de dezembro, as organizações no Porto começam por volta das 16:30h da tarde e muitas casas, em sua maioria terreiros de umbanda ocupam o espaço. Fui até a prainha do Porto Geral em torno das 16h, para acompanhar os rituais com mais proximidade. Ainda com a luz do dia, alguns filhos de santo já estavam chegando e montando tendas, espalhando cadeiras e preparando os altares.

Cada casa prepara o ambiente de um modo, alguns levam mesas e sobre elas montam o altar de Iemanjá, outros preferem montar em cima de uma toalha no chão. Os altares consistem em imagens de Iemanjá, santas católicas como Nossa Senhora da Candelária e Nossa senhora da Conceição, junto às imagens de Iemanjá são colocadas as imagens dos guias da linha de direita da casa, como caboclos, pretos velhos e marinheiros. Adornam os altares com rosas brancas, frutas, conchas, velas e acessórios que remetem a feminilidade de Iemanjá.

Mãe Elenir permitiu que eu acompanhasse a louvação de Iemanjá de sua casa. Eles realizam a louvação no dia 30 de dezembro, mas se organizam com semanas de antecedência para levar todos os itens necessários e os preparativos ocorrem no Porto Geral. A primeira função dos filhos de santo ao chegar na prainha é a delimitação de espaço, por esse motivo, apesar da gira começar quando está anoitecendo, deve-se chegar com horas de antecedência.

Algumas pessoas delimitavam o espaço com fitas, outros com cadeiras, partindo do princípio que nenhuma casa deve “invadir” o espaço da outra. A sensação é que ocorrem várias festas simultaneamente e, mesmo com a aglomeração, é notável a separação das casas, em muitos casos, não havia diálogo entre os grupos, no máximo se cumprimentavam, sem delongas.

A imagem abaixo retrata como é realizada a distribuição das casas no dia 30 de dezembro para que todas fiquem divididas de acordo com sua delimitação, evitando assim conflitos. A maioria das pessoas vão vestidas de branco, azul ou com o uniforme do seu terreiro. Além dos ornamentos, barquinhas, imagens entre outros itens para a realização da louvação, não pode faltar água potável, é comum que as pessoas levem garrafas térmicas, tererê e até mesmo repelente para afastar os mosquitos, inseto encontrado em grande quantidade na beira do rio.

Figura 8 - Delimitando espaço



Fonte: Thaylla G. P. Silva, 2022

A prainha é um espaço frequentado por diversos públicos e contextos, a prefeitura reconhece a louvação e durante o dia 30 de dezembro fixam a imagem de Iemanjá no rio Paraguai, também dispõem de iluminação e banheiros químicos para o público que se desloca até a prainha. Quando cheguei no local a imagem já estava instalada e ao redor dela havia um grupo de pessoas consumindo bebidas alcoólicas e apreciando músicas provenientes de sons automotivos em alto volume, algo que é comum cotidianamente, principalmente aos finais de semana. Inclusive, muitos religiosos, em seus momentos de lazer também frequentam a prainha para entretenimento. Porém, naquele momento, o grupo que ali permanecia com bebidas e conversas em voz alta causou incômodo e revolta entre os religiosos. Comentavam frases como: *'Eles não estão vendo a imagem de Iemanjá no rio? O rio é dela, isso é uma falta de respeito!'*

De acordo com Simas (2022, p. 46), “Não há, portanto, como se tentar estabelecer uma fronteira rígida entre o sagrado e o profano que não seja constantemente reelaborada e readequada pelos contatos entre os povos e as circunstâncias de suas histórias”. No entanto, compreendendo que, por mais comum que seja o consumo de bebidas e o uso de

carros de som, naquele momento, as atitudes das pessoas ali presentes afrontavam o evento religioso. De acordo com os religiosos, elas deveriam saber respeitar, pois a imagem de Iemanjá já estava no rio Paraguai, representando que haveria uma louvação, pois, o contexto de uso do local naquele momento era voltado para cultuar Iemanjá, os Orixás e as entidades.

Figura 9 - Imagem de Iemanjá – Porto Geral



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2022

Quando Iemanjá foi colocada no meio do rio Paraguai, evidenciou o conflito entre os religiosos e o público que consumia bebidas na prainha. Não houve embate direto entre eles, mas sim olhares e conversas que se espalhavam entre os religiosos discordantes da atitude. Inicialmente, as pessoas que bebiam no local se afastaram, mas quando anoiteceu e a prainha estava quase aglomerada, elas retornaram para continuar bebendo próximo às casas que louvavam Iemanjá. Mesmo inicialmente a situação dos carros, sons e bebidas ser motivo de estresse, os religiosos permaneceram organizando seus respectivos espaços e altares, sem interação com os “de fora” do contexto religioso.

O rio Paraguai estabelece o vínculo e encontro entre os devotos e as casas de umbanda/candomblé da região, que têm como objetivo agradecer e entregar suas obrigações a Iemanjá. A louvação para Iemanjá pode ocorrer com ou sem a imagem no rio, todavia a sua presença é uma homenagem e nesse caso um indicativo para quem não

é da religião que é o momento de louvar Iemanjá. Existem outros rituais e significados para a prainha do Porto Geral; durante o São João, por exemplo, a imagem do santo também é colocada no rio Paraguai. Para cada ritual, o simbolismo pode mudar de acordo com a abordagem social e religiosa, a imagem estabelece uma interação dos grupos e cultos às margens do rio. De acordo com Durkheim (1988) os ritos fazem parte de um conjunto de práticas-rituais que se repetem periodicamente na sociedade que se caracterizam como um “fato-social” afim de reafirmar a consciência e a representação coletiva.

Após delimitar o espaço, cada filho de santo cumpre uma função que lhe é delegada pela mãe/pai de santo, alguns vão preparar o turíbulo para a defumação das ervas, preparam as frutas e flores que serão consagradas, outros montam os altares. No terreiro de mãe Elenir as barquinhas geralmente são de responsabilidade das (os) filhas (os) de Iemanjá, as mães e pais de santo auxiliam e averigam o trabalho, mas são as filhas e filhos de Iemanjá que as adornam, sendo uma maneira de agradecer e se responsabilizar pelos cuidados do seu santo de cabeça. Assim como retratado na imagem, Neide de Iemanjá, uma das filhas de santo de mãe Elenir, demonstra sua devoção e cuidado ao ornamentar a barquinha, com rosas brancas.

Figura 10 - Barquinha de Iemanjá



Fonte: Thaylla G. P. Silva, 2022

O terreiro de Mãe Elenir e em tantas outras casas que chegam ao Porto no período da tarde, levam somente a estrutura das barquinhas pronta e começam a adorná-las no Porto. Adornar as barquinhas é um momento fundamental para se conectar com o sagrado e os Orixás. Cada um canta em voz baixa ou até mesmo em pensamento os pontos dedicados a Iemanjá, sendo um modo de devoção e concentração. Cantar pontos e fazer seus agradecimentos e pedidos durante esse processo faz com que os devotos se conectem com a espiritualidade. Todos os filhos das casas levam algo para colocar na barquinha: rosas, frutas, mechas de cabelos, sabonetes, conchas, pentes, ou seja, tudo que se refere a limpezas espirituais e cuidados com a cabeça, o mar e águas de modo geral.

Atualmente as casas que descem ao Porto Geral para a louvação de Iemanjá em dezembro começam os preparativos com antecedência no terreiro, realizando a compra de materiais, frutas, espumantes, a organização dos filhos que vão participar e os que vão incorporar no dia da louvação. Existe um preparo espiritual do próprio terreiro, montagem do altar para Iemanjá e para o povo d'água. A barquinha é um elemento fundamental para realização das entregas de obrigações, sendo assim algumas casas optam por preparar com antecedência no terreiro, outras algumas horas antes de iniciar as giras.

Na Casa Pai Oxalá, mãe Elenir direciona rigorosamente tudo o que deve ser feito e sendo ela uma filha de Iemanjá a responsabilidade de entregar uma bela oferenda é ainda maior. Além das flores e frutas, mãe Elenir esguicha água de cheiro na barquinha, sendo esta uma infusão de ervas maceradas para perfumar e consagrar. O fazer e o preparar é cercado de cuidados, delicadeza e responsabilidades que são orientados pelos olhos e mãos de Mãe Elenir, que é sempre retratada por seus filhos como uma sacerdotisa atenta a todos os detalhes para que nada seja feito de “qualquer jeito”, pois ao mesmo tempo em que ela está adornando a barquinha de Iemanjá, também supervisiona o preparo da barca de Ogum e direciona a montagem do altar, de acordo com seus filhos: nada foge dos olhos e supervisão.

Figura 11- Altar Casa Pai Oxalá



Fonte: Thaylla G.P Silva, 2022

Em religiões de matriz africana o senso de coletividade é constituído através do que compreendemos como família de santo. A hierarquia é primordial para que esse sistema funcione e a organização precisa ser comunitária, todos precisam se dedicar juntos durante as funções. O ouvir, observar e perguntar fazem parte de um aspecto

educacional dentro dos terreiros, enquanto o trabalho coletivo fortalece o vínculo familiar da casa. Nos termos de Sodré (2015, p. 238) pertencer a um terreiro está associado a obrigação e coletividade, uma responsabilidade com Orixá, família de santo e as entidades. É notável o nível de articulação da mãe Elenir para administrar todos os processos de preparação para a louvação e a organização dos filhos da casa que se dividem em diversos afazeres.

Fazer barquinha ensina, juntamente com as demais, a compor família e enreda a pessoa em um sentir, pensar e fazer coletivo, pois demanda estar e fazer junto, tendo responsabilidades para com toda uma terreira, seus santos e pessoas. Em outras palavras, trata-se de um preparo que envolve complexidades, relevâncias, modos de sociabilidade e dimensões educativas inerentes, ao mesmo tempo em que se contrapõem a entendimentos baseados em estilos de vida ocidentais que fomentam o individualismo. (DORNELES; SANTOS, 2020, p.523)

O altar de Iemanjá é montado de frente para o rio Paraguai, algumas imagens de Iemanjá são colocadas em cima da mesa com rosas, conchas, espumantes, frutas e espelhos. Após finalizado, mãe Elenir põe a barca de Ogum e Iemanjá no chão, abaixo do altar. Nas águas do rio Paraguai, consideradas sagradas nesse momento liminar de passagem de ano que se inicia, cumprindo suas obrigações, os devotos oferecem rosas, acendem velas e lançam suas barquinhas com diversos objetos que simbolizam pedidos e agradecimentos. Por Iemanjá ser a Senhora dos Oris, muitos entregam nas barcas uma mecha de cabelo e pentes pedindo para que ela afaste os pensamentos ruins e traga firmeza para o ori.

Assim como retratado na imagem, esse é o momento que se inicia a louvação da C.E.U Pai Oxalá, a barquinha finalizada e centralizada no chão, é ali que os devotos de dois em dois são chamados para fazer seus agradecimentos. Aos pés da oferenda e imagem de Iemanjá, acendem suas velas, oferecidas pelos cambones, normalmente recebem duas velas, uma vermelha para acender para Ogum e outra azul para acender para Iemanjá. Assim, também me entregaram as velas para que eu pudesse realizar meus agradecimentos e pedidos a Iemanjá, esse foi um dos momentos que precisei parar, soltar minha câmera, guardar meu caderno de campo e participar com mais proximidade da louvação. De acordo com Laplantine (2005, p. 150), o etnógrafo “é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda”. E continua: “Se, por exemplo, a sociedade tem preocupações religiosas, ele próprio deve rezar com seus hóspedes”.

Figura 12- Prece a Iemanjá



Fonte: Thaylla G. P. Silva, 2022.

Na umbanda existem, conforme mencionado anteriormente, “linhas” de incorporação, entretanto, além das linhas de incorporação, a umbanda trabalha com as sete linhas dos Orixás que representam elementos e forças da natureza, em determinadas casas de umbanda existe a incorporação de falanges dos Orixás, que seriam as energias e vibrações do respectivo Orixá que o médium carrega em sua cabeça, mas não seria a incorporação do santo em si, como ocorre no candomblé e outras vertentes da umbanda com a utilização do termo mais recorrente “virar no santo”.

Na umbanda Iemanjá assume diversas formas, a imagem mais conhecida é de uma mulher branca, cabelos negros e lisos, com vestido azul, mas Iemanjá também é cultuada como sereia, personificação dos seres encantados dos cultos ameríndios, também conhecida como Janaína, que também pode ser cultuada como cabocla Janaína que trabalha na falange do povo d’água.

As giras na prainha do Porto Geral são predominantemente na linha de direita, os médiuns incorporam caboclos, pretos velhos, marinheiros/marujos, boiadeiros e também

falangeiros²¹ de Iemanjá. Após as 18h, as pessoas se aglomeram no espaço, tanto pelas casas que realizam suas giras de maneira individual quanto pelos adeptos que vão até a prainha para observar, homenagear ou apenas receber um passe das entidades ali presentes. A dinâmica é totalmente particular de cada casa, iniciam a gira de acordo com seu próprio tempo. Enquanto algumas já abriram os trabalhos e iniciaram as incorporações, outras casas ainda estão finalizando os últimos detalhes e organizações.

Quando as louvações tomam forma, os atabaques tocam sem pausa, os guias vão chegando em terra e se cumprimentando, e os cambones organizam os fumos das entidades, além de cuidarem para que tudo ocorra conforme foi previamente orientado pelo sacerdote. Isso inclui organizar a fila dos passes; as casas mais conhecidas recebem grande quantidade de pessoas, e os cambones precisam ficar atentos para que todos recebam os passes e que a ordem seja mantida, sem que ninguém fure a fila.

Afinal, embora as casas sejam abertas todas as semanas durante o ano, existe uma diferença entre receber um passe em uma gira ordinária e durante uma festividade para um Orixá; uma louvação é um evento extraordinário. São energias em contato direto com a natureza vinculada ao rio. Os consulentes, após o passe, acendem uma vela no altar de Iemanjá e direcionam seus pedidos e agradecimentos a ela. É como se o contato com a Orixá fosse direto, sem mediações. Esse é um dos motivos pelos quais tantas pessoas frequentam a prainha nas louvações para Iemanjá, elas descrevem sentir a força e a energia de Iemanjá.

Inicialmente, senti-me um pouco perdida, pois havia muitas casas no mesmo espaço. No entanto, percebi que tudo dependia da perspectiva do meu olhar. A louvação constitui várias celebrações individualizadas no mesmo local, mas ao observar o ritual de cima, na orla do Porto, a perspectiva é conjunta, uma única celebração. Apesar das diferentes casas, barquinhas e rituais o objetivo de todos os terreiros presentes no Porto Geral é semelhante: louvar Iemanjá. Portanto, a visão de cima e a de dentro da louvação se complementam.

Durante as giras e o passe circulei pela prainha para observar outras casas, mas em determinado momento não conseguia acompanhar todas as movimentações e nem interagir com as pessoas sem atrapalhá-las em suas ritualísticas. Então durante a entrega

²¹ Na umbanda não ocorre a incorporação de Orixás, como no candomblé, que utilizam o termo “virar no santo”. Entretanto, além das incorporações de entidades, na umbanda é comum incorporar falangeiros que não são Orixás, mas representam uma energia intermediadora dos Orixás.

das barquinhas, me dediquei a acompanhar a casa de Mãe Elenir, que já havia me concedido autorização prévia.

Algumas casas rapidamente finalizaram suas louvações, as etapas são divididas em: delimitar o espaço, organizar os altares, preparar a barquinha, abrir a gira e finalizar com a entrega das barquinhas. Na casa de Mãe Elenir o processo é semelhante, todavia, sua ritualística é mais prolongada, sendo a última casa a finalizar a louvação. No Centro de Umbanda Pai Oxalá, as giras são organizadas pela cabocla chefe da casa, a Cabocla Jupira. Thayná e outros filhos(as) da casa, relatam que é a Cabocla Jupira que consagrou mãe Elenir como zeladora, é ela que dá a primeira e última ordem dentro do terreiro. Por mais importante e influente que seja Seu Vigilante, nenhuma decisão é tomada sem passar pela aprovação da cabocla Jupira.

Figura 13- Cabocla Jupira – Mãe Elenir



Fonte: Thaylla G. P. Silva, 2022

Durante a louvação do dia 30 de dezembro, depois que todos tomam os passes e louvam as entidades presentes, a Cabocla Jupira realiza as entregas das barquinhas para Iemanjá no rio Paraguai, acompanhada de outros guias da casa. Todos os filhos se dividem no rio formando um corredor para que a barquinha passe ao meio.

As águas do rio Paraguai desempenham um papel significativo em rituais religiosos, especialmente em religiões de matriz africana na qual diversos Orixás e entidades são conectados diretamente às águas doces e salgadas, proporcionando um simbolismo religioso entre material e espiritual aos praticantes locais. Apesar deste trabalho falar sobre as louvações para Iemanjá, é necessário fazer um adendo compreendendo que muitas casas durante o ano novo também oferecem barcas para Oxum que está vinculada aos rios. Além da barca de Iemanjá, a Casa Pai Oxalá também dedica uma barca para Ogum, Orixá reverenciado por ser o senhor da metalurgia, das armas, Ogum é o senhor dos grandes caminhos, portanto, é dedicada uma barca exclusivamente para Ogum, ornamentada pelos seus filhos e entregue antes “fazendo frente” para a barca de Iemanjá que é lançada logo em seguida.

Figura 14 - Barca de Ogum fazendo frente para Iemanjá



Fonte: Thaylla G.P. da Silva, 2022.

No momento em que a Cabocla Jupira passa por esse corredor com a barquinha de Iemanjá, todos estouram espumantes e jogam rosas brancas no rio saudando Iemanjá. A Cabocla Jupira adentra o rio Paraguai, com água até acima da cintura, e ao entregar as barquinhas, a mãe Elenir desincorpora a Cabocla Jupira e recebe em seguida, no meio do rio, a falange de sereia, uma energia que trabalha com a linha de Iemanjá. Os filhos rapidamente formam um círculo a sua volta para proteger o corpo de mãe Elenir, a incorporação com a falangeira dura poucos minutos e ela desincorpora novamente, no meio do rio, finalizando a entrega para Iemanjá.

Ao finalizar a entrega para Iemanjá, mãe Elenir e os filhos saem do rio e fecham a gira, restando somente a organização final, desmontar o altar e guardar os itens que foram levados. Os filhos da casa ficam responsáveis por levarem tudo de volta para o terreiro após a louvação, deixando a prainha de madrugada para cumprir a última parte da função, levar os itens de volta e deixar o terreiro organizado.

Não acompanhei a volta ao terreiro após a louvação, mas fui ao Porto Geral no dia 31 dezembro em horários alternados durante o período da manhã, tarde e noite e fiz o mesmo no dia 01 de janeiro e pouco movimento se vê em relação aos dias 29 e 30 de dezembro. Apenas alguns devotos vão até a margem do rio, rezam e entregam sua barquinha ou uma rosa de modo particular, sem incorporações ou o acompanhamento de muitas pessoas. Algumas casas descem ao Porto no dia 31 de dezembro apenas para entregar suas obrigações no rio e normalmente não vão todos os filhos, apenas os mais velhos ou até mesmo somente o zelador da casa, não abrem giras ou passes.

Algumas semanas depois da louvação de Iemanjá pude conversar com Pai Robson de Ogum e ele relatou as dificuldades de muitas casas quanto às louvações. “*Não é todo mundo que tem carro*”, as casas possuem muitos filhos, mas nem todos têm meios de locomoção. Para realizar as louvações é necessária organização prévia; são diversos detalhes, não dá para levar todas as pessoas, estrutura e artefatos em apenas um carro. É preciso levar atabaques, as comidas, os adornos, barquinhas, imagens, entre tantos outros itens indispensáveis para louvação e, em caso de pessoas idosas, muitos optam por não descer ao Porto por questões de saúde, sendo esses alguns motivos para que nem todas as casas participem das louvações do dia 29 de 30 de dezembro.

Muitas pessoas adeptas vão até celebrações afro-religiosas não apenas para tomar um passe ou apenas observar, mas também para comentar “*você está vendo? Fulaninho está tocando tambor, não sabia que era macumbeiro*” e pós eventos, as conversas se

espalham pela cidade, e principalmente pelas esquinas que muitos sentam com cadeiras de fios plásticos e até mesmo conversam pelas janelas de casa, visto que muitas residências não possuem muros e portões.

É impossível separar totalmente esses circuitos sociais de fofoca que em diversos momentos se interpenetram e se ampliam, pois, as pessoas circulam entre eles, sobretudo aqueles que passam mais tempo na cidade, tornando-se cada vez mais imbricados nessa teia de falatórios e reputações. As redes sociais na Internet têm também um papel fundamental na difusão de fofocas e na interligação desses circuitos de fofoca, assim como em sua velocidade de propagação. (COSTA, p.399, 2018)

Portanto, a macumba e celebrações religiosas também movimentam a vida social dos moradores de Corumbá. Foi comum durante as entrevistas, meus interlocutores afirmarem que muitas lideranças religiosas da cidade se expõem nas redes sociais, sendo vítimas de muitos ataques. O caso mais comentado foi de quando uma personalidade religiosa postou no facebook imagens de um ritual comum em casas de candomblé, que é dar de comer ao santo. No post havia diversos tipos de comentários, vindos de evangélicos, católicos e até mesmo de afro-religiosos da cidade, que discordaram da exposição. “Em cidades pequenas há um nível de “envenenamento” da vida social, com implicações políticas, sociais e psicológicas, contra as quais as pessoas adquirem mecanismos de proteção e de navegação social” (COSTA, 2018, p.403). Através de situações como essa, podemos compreender que mesmo Corumbá contendo uma representação afro-religiosa significativa, os terreiros ainda sofrem estigma, preconceitos e são alvo de ataques, intolerância religiosa e principalmente de fofocas.

Ao analisar essas diversas perspectivas e observar as movimentações da cidade, é notório que atualmente a umbanda em Corumbá movimenta a vida social, não apenas através das festas e rituais públicos, mas por existirem centenas de terreiros, compreendemos sua importância para construção na identidade local, as lideranças religiosas estão sempre presentes em assembleias públicas, possuindo um papel efetivo no desenvolvimento cultural e político da cidade.

Durante o período que estive na cidade, fui em uma assembleia pública que tratava sobre o Festival América do Sul, evento cultural que ocorre há vários anos em Corumbá, nela havia muitos pais e mãe de santo presentes e participando das organizações culturais da cidade. Grande parte dos afro-religiosos em Corumbá possui engajamento em pautas sociais e religiosas. No ano de 2023 o 1º Fórum Municipal das Religiões de Matriz

Africana debateu sobre liberdade religiosa, contando com a presença de afro-religiosos locais, o prefeito de Corumbá e membros do Iphan e Fundação de Cultura. A religião, assim como a memória, faz parte de uma construção que constitui subjetividades, as religiões de matriz africana formam-se entre a expansão da fé e disputas ideológicas, portanto devem ser compreendidas como objeto político que sob um dado comando tornam-se fruto de conquista e devem ser compreendidas através das práticas culturais.

Rituais de religiões de matriz africana possuem sentidos e particularidades produzidas na vida dos sujeitos e suas representações, pois pensar trajetórias favorece a valorização e preservação da memória, a relações entre humanos e entidades, mas principalmente serve para ampliarmos as perspectivas sobre a relação entre Iemanjá, as águas doces e devotos. As águas do rio Paraguai representam um espaço de fé e demarcam a materialização da divindade e sua relação com seus filhos. Iemanjá dá vida às águas e é a própria água, pois doces ou salgadas, as águas são a presença materializada da Orixá.

Assim como relatado pelos devotos, final do ano é para agradecer e 2 de fevereiro para pedir, as louvações de final de ano fecham o calendário ritualístico das casas afro-religiosas de Corumbá, com agradecimentos pelo ano que se findou, pela virtude de viver. Até aqui busquei compreender a relação próxima das pessoas com Iemanjá, uma relação contextualizada de acordo com o tempo de vida de cada um, todo ano o vínculo entre os fiéis e a Orixá se reafirma com as homenagens e agradecimentos, e se fortifica com novos pedidos no ano que se inicia.

CAPÍTULO II - DOIS DE FEVEREIRO É TEMPO DE PEDIR

Durante o segundo capítulo desta dissertação, pretendo discorrer sobre a louvação a Iemanjá, que ocorre no dia 02 de fevereiro, com o objetivo de compreender as diferenças e proximidades em relação à louvação que ocorre no final do ano, principalmente no Centro Espírita de Umbanda Pai Oxalá, conduzido por Mãe Elenir de Iemanjá, e também na Tenda Espírita de Umbanda Maria da Guiné, conduzida por Mãe Janaína de Iemanjá.

Passando pelo evento católico em homenagem a Nossa Senhora da Candelária, padroeira da cidade de Corumbá, que também é celebrada no dia 02 de fevereiro, percebe-se que a santa católica está presente em altares de umbanda da cidade como uma das representações sincréticas de Iemanjá.

Ao questionar alguns interlocutores sobre as diferenças entre o dia 30 de dezembro e o dia 02 de fevereiro, a resposta que recebi era que o dia 02 de fevereiro é tempo de pedir a Iemanjá. As noções de tempo perpassam por diversas culturas de maneiras diferentes, as religiões de matriz africana não seguem a lógica ocidental do relógio, ou simplesmente não se adequam ao ditado “tempo é dinheiro” algo reproduzido no discurso ocidental, no qual o marcador temporal é o ponteiro do relógio e as horas de trabalho.

De acordo com Thompson (1998, p.271) essa perspectiva está atrelada a negociação do tempo como moeda de troca, “O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, o tempo se gasta” e tudo e todos que não gastam seu tempo, ou seguem o ritmo da natureza são considerados preguiçosos (LAFARGE, 1980). (Evans-Pritchard, 1993) A passagem de tempo dos Nuer é marcada pelas tarefas pastorais, pelas mudanças ecológicas e pelo manejo do gado, sendo o tempo relativo ao ciclo das atividades. Se analisarmos outros trabalhos manuais e artesanais como no caso dos pescadores que utilizam a vara de pesca como recurso de trabalho, eles seguem o tempo do peixe e não controlam quando irão conseguir efetivamente pescar o animal, sendo dependentes do marcador natural e não do relógio.

Os Iorubás, um dos grupos étnicos que influenciaram a origem das religiões de matriz africana, possuem um calendário de apenas quatro dias na semana. De acordo com o artigo Candomblé e o Tempo (PRANDI, 2001), para os Iorubás tradicionais, a noção de dia era equivalente à realização de tarefas, independentemente do horário. Portanto, o

dia poderia acabar às 18h ou até mesmo às 2h, sendo a variação muito ampla, pois ele era dividido por períodos e pela realização de afazeres.

John Mbiti (1990) ressalta as diferentes noções de tempo entre os africanos e os ocidentais, afirmando que os africanos não são escravos do tempo. As religiões de matriz africana passaram por mudanças; sua dinâmica foi alterada e transformada pela modernidade. Filmagens, fotografias e a utilização de redes sociais em terreiros têm se tornado cada vez mais comuns. Todavia, o tempo ainda é um marcador e um limitador dentro desses espaços. O tempo é uma divindade, sendo reconhecido como Orixá Irokô ou Inksi Kitembo no Candomblé de Angola, assim como outros Orixás que são cultuados através da natureza.

Nas religiões de matriz africana, o tempo e o saber estão conectados. A quantidade de anos em que uma pessoa participa da comunidade de terreiro se traduz em acúmulo de saber, e, dentro dessas religiões, o saber é uma posição de hierarquia e poder. De acordo com a lógica de imersão na vida religiosa, uma pessoa com um ano de terreiro não pode saber mais que seus mais velhos, ou seja, pessoas que estão lá há mais tempo. A idade biológica não é um fator relevante quando se trata da vivência de terreiro. Desse modo, uma criança que “nasceu” no axé pode saber e ensinar a uma pessoa madura que acabou de entrar na religião.

Conhecimento é tempo e oralidade; é estar atento e pronto para ser ensinado. Seria cômodo que todos entrassem no terreiro e pesquisassem na internet sobre fundamentos, ritualísticas e significados dentro da religião. Dessa forma, todos estariam no mesmo nível de conhecimento. Mas engana-se quem entra com esse pensamento: existem segredos, modos de fazer, rezas e ritualísticas que fazem parte do processo de desenvolvimento de cada um e só podem ser repassados de acordo com a idade de santo de cada pessoa. Um yawo²² não pode e não está preparado para receber as responsabilidades e os conhecimentos que um egbomi²³ (mais velho) possui.

O tempo pode parecer limitador nesse quesito, mas percebe-se que ele faz parte dos fundamentos do axé, e a pressa é inimiga do recém-chegado ao terreiro. O conhecido ditado iorubá “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje” nos mostra como Exu atravessa e transgride o tempo e o espaço, brinca e ri dele.

²² Pessoa recém iniciada no candomblé.

²³ Pessoa mais velha no candomblé, normalmente só se torna egbomi após cumprir 7 anos de obrigações na religião.

No candomblé e na umbanda, o calendário semanal segue os dias de acordo com as divindades: segunda-feira cultua-se Exu; terça-feira, Ogum; quarta-feira, Iansã e Xangô; quinta-feira, Oxóssi; sexta-feira, Oxalá; sábado, Iemanjá e Oxum; e domingo, Ibeji. Esse é o calendário semanal mais conhecido, todavia pode haver variação de um terreiro para outro.

Apesar das diversas adaptações e influências, as religiões de matriz africana não marcam o tempo incisivamente pelos ponteiros do relógio. Um exemplo são as funções nos terreiros, que só começam e acabam quando a última tarefa for concluída, independentemente do horário. É comum o horário do Candomblé ou da gira estar marcado para as 18h, por exemplo, e começar às 22h, pois o indicador de início não é o relógio, mas sim a mãe de santo finalizar a última consulta com um cliente, a decoração do espaço estar pronta, as comidas estarem preparadas, o tempo é variável de acordo com as tarefas e isso pode demorar entre 20 minutos ou 3 horas, nunca se sabe. Não se controla a espiritualidade. Marca-se um horário, mas nem sempre é possível segui-lo. Na lógica de fora, muitos enxergam isso como uma falta de respeito ao tempo alheio, mas, dentro, percebe-se que não se é escravo do tempo e que se usufrui dele sem apressar.

De acordo com os religiosos com quem conversei, fevereiro é comemorado como o dia de Iemanjá no calendário e se tornou o tempo de pedir a ela, indo de acordo com a oficialização da louvação em fevereiro pelos pescadores do Rio Vermelho, em Salvador, Bahia. Foram os pescadores locais do Rio Vermelho que iniciaram a atual festa de 2 de fevereiro, chamada de “presente à mãe d’água” até a década de 1950, com a sua popularização, passou a ser chamada de “festa de Iemanjá” e “dois de fevereiro”.

A festa de Iemanjá faz parte do calendário religioso e festivo de Salvador. Sua proporção é tão significativa que atrai turistas de todas as partes do país e até mesmo estrangeiros, pessoas que, por curiosidade, fé ou lazer, dirigem-se ao Rio Vermelho no dia 2 de fevereiro.

A história do Presente a Mãe D’Água no Rio Vermelho está envolta em diversos acontecimentos até a sua consolidação como Festa de Iemanjá, no final da década de 1950. [...] Como o presente é feito para ser entregue nas águas a Iemanjá e desaparecer a partir daquele momento, seu valor histórico emerge enquanto ritual que se repete com novas configurações a cada ano, perpassando por distintas fases, desde um período marcado por perseguições aos cultos em homenagem à Dona das Águas até sua maior aceitação, inclusive da imprensa. (SANTOS, 2018, p.35)

A antropóloga, Denise Santos, aponta as trajetórias da festa de Iemanjá na região do Rio Vermelho, ressaltando a “versão oficial” dos pescadores. Em 1923, os pescadores enfrentaram grande escassez, voltando com redes vazias e sem peixes para comercializar. "Havia muitos dias que saíam para o mar, mas não encontravam peixe como de costume" (SANTOS, 2018, p. 16).

De acordo com os relatos, uma moradora os advertiu de que deveriam ofertar algum presente à mãe d'água e pedir por uma boa pescaria. No ano seguinte, prepararam uma caixa de papelão com "*coisas de mulher*" e ofertaram o presente a Iemanjá no dia 2 de fevereiro. Mandaram ainda rezar uma missa para Nossa Senhora Santana. Segundo as narrativas, o presente ofertado foi eficaz, pois os peixes voltaram em abundância. Assim, o dia 2 de fevereiro passou a ser compreendido como o tempo de pedir a Iemanjá, visto que, por meio da mobilização para pedir por abundância de peixes, consolidou-se um marco para as louvações à divindade.

A Casa de Iemanjá fica situada em frente ao Largo de Santana, no coração dos pescadores do Rio Vermelho. Está sempre ornada com flores, perfumes, velas e cartas com pedidos e agradecimentos, além de diversas imagens de Iemanjá com inúmeros estereótipos: pode ser representada como sereia, como uma mulher negra com paramentos de Orixá ou como uma mulher branca de vestido azul.

Dentro da Casa de Iemanjá, existe também a Gruta da Sereia, uma construção realizada em 2016. A gruta é ativada apenas no dia 1º de fevereiro para a prevenção de mosquitos e água parada.

Figura 15 - Casa de Iemanjá – Salvador / BA



Fonte: Thaylla G. P. da Silva, 2023

Apesar de também realizarem pedidos no dia 30 de dezembro, nesse momento suas energias estão voltadas ao agradecimento e ao fechamento do ano. No dia de Iemanjá, 2 de fevereiro, é necessário direcionar os pedidos; é tempo de pedir, realizar metas e entregá-las a Iemanjá, tendo fé de que ela atenderá e direcionará a vida de seus devotos durante o ano. Assim, no final do ano, retoma-se o tempo de agradecer pelas bênçãos alcançadas. Portanto, o tempo é cíclico e natural, e se repete permanentemente.

O ato de pedir entregando um presente está de acordo com a noção de devolver às águas o que se retira delas, como no caso dos pescadores, os peixes, que são seu sustento. Esse gesto encontra sentido na lógica da dádiva explicada por Mauss (1974), que discute a reciprocidade.

Estive em Salvador em março de 2023 e, durante minha visita à Casa de Iemanjá, percebi que o espaço é constantemente visitado. Mesmo março não sendo um mês de grande movimentação turística na cidade, não estava sozinha no local. Enquanto observava, vi pessoas entrando e saindo da casa, além de alguns comerciantes locais

vendendo rosas brancas na entrada para quem quisesse atirá-las ao mar, que fica ao lado e ao fundo da Casa de Iemanjá.

As entregas de presentes, homenagens e agradecimentos acontecem durante o ano inteiro, e não apenas no dia 2 de fevereiro. A praia é frequentada por banhistas, pescadores e, principalmente, por pessoas que desejam presentear Iemanjá. A Casa de Iemanjá é um espaço de pertencimento, devoção e visitação turística. É perceptível a diversidade de formas de se relacionar com a Orixá por meio desse espaço, que carrega sua força e presença.

No entanto, existem momentos específicos do ano, de acordo com o calendário, em que se louva cada Orixá, pois sua energia se intensifica com as homenagens prestadas. Todavia, aqueles que não participam das festas podem ir até a Casa de Iemanjá a qualquer momento para lhe fazer um agrado e realizar seus pedidos. Seja na Casa de Iemanjá no Rio Vermelho, em algum terreiro ou em qualquer outro lugar, é comum escutar que *“Iemanjá é mãe que não desampara”*, uma frase carregada de sentimento e acolhimento, referindo-se a uma mãe que não abandona e escuta os pedidos de seus filhos.

O tempo todo é momento de se pedir a Iemanjá, mas, para quem tem fé, não se pode esquecer de louvá-la, presenteá-la e intensificar seus pedidos no dia em que oficialmente se homenageia a Orixá.

3.1 - Abrindo os trabalhos

Em 2024, retornei a Corumbá para realizar meu último trabalho de campo da dissertação durante a louvação do dia 2 de fevereiro. Cheguei com alguns dias de antecedência para acompanhar a casa de Mãe Elenir e Mãe Janaína.

No dia 1º de fevereiro, eu, Thayná e uma equipe de audiovisual fomos até a Tenda Espírita de Umbanda Maria da Guiné, de Mãe Janaína, para acompanhar os preparativos da louvação de Iemanjá. Ao chegarmos, Mãe Janaína nos recebeu junto a suas filhas de santo, um grupo de aproximadamente sete mulheres (adultas e adolescentes) e nos mostrou o ritual que seria realizado no terreiro. O altar ainda estava sem imagens, pois elas iriam montá-lo para Iemanjá, além de começar a preparar a barquinha e consagrar o terreiro para a Orixá.

Suas filhas de santo debulhavam flores e as maceravam em um balde com água, preparando uma água de cheiro que seria usada no ritual. A Tenda Espírita de Umbanda

Maria da Guiné é dividida em três espaços. Ao entrarmos, nos deparamos com a casa pessoal de Mãe Janaína e, ao passar pelo corredor lateral, chegamos aos fundos, onde há uma varanda acoplada ao terreiro e um pequeno cômodo chamado tronqueira, espaço dedicado a abrigar imagens e assentamentos de Exu e pomba-gira. O terreiro é o espaço onde ocorrem as giras, incorporações e onde fica o altar. É um local pequeno, com chão batido; o altar é composto por prateleiras na parede e uma bancada de cimento revestida com piso de cerâmica. Apesar de estar sem imagens no momento, já estava limpo e enfeitado com toalhas azuis.

Enquanto as filhas de santo preparavam a água de cheiro, separavam as imagens e adornavam a barquinha com rosas, Mãe Janaína conversava conosco e, ao mesmo tempo, observava atentamente tudo ao seu redor, garantindo que suas filhas realizassem as tarefas corretamente. Essa atenção e capacidade de delegar funções com autoridade são características marcantes das mães de santo.

Mãe Janaína relata que ser filha de Iemanjá é possuir uma personalidade maternal e acolhedora, mas, ao mesmo tempo, ser um maremoto: as águas que são calmas também podem se enfurecer. Apesar de não ter presenciado seu lado de fúria, era perceptível sua seriedade e respeito ao organizar os preparativos, dando orientações a todas as filhas de santo, da mais nova à mais velha.

Ela nos contou que já ouviu críticas ao ato de louvar Iemanjá em águas doces, sob o argumento de que a Orixá seria a rainha dos mares no Brasil. Todavia, ela rebateu dizendo:

Para mim, foi chocante ouvir um irmão, de uma espiritualidade tão evoluída, dizer que não se pode levar uma oferenda para uma mãe d'água tão grande como Iemanjá na beira do rio ou em um açude. Porque eu acho que você vai onde você já está. Já pensou se a gente tiver que esperar uma tempestade para acender uma vela para Iansã?
(Mãe Janaína)

Em nossas conversas, Mãe Janaína sempre deixou claro que devemos oferecer o melhor para os Orixás e os guias, mas que nem sempre o melhor é o mais caro. Tudo deve estar de acordo com a realidade de cada um. Ela exemplificou que, se uma de suas filhas levar uma rosa ou algum item simples e barato, Iemanjá aceitará da mesma maneira que algo mais caro e luxuoso, pois o que realmente importa é a boa vontade de quem está oferecendo.

Por isso, o momento dos preparativos não é apenas um aprendizado sobre a ritualística, mas também sobre princípios e valores relacionados à religião e à individualidade de cada um. Enquanto suas filhas maceravam as flores para a água de cheiro, também mantinham os ouvidos atentos aos ensinamentos de vida repassados por Mãe Janaína.

Um pouco antes de iniciar o ritual e montar o altar, ela explicou algumas diferenças entre as celebrações do dia 30 de dezembro e as do dia 2 de fevereiro ao descer no Porto Geral. Contou que, na noite do dia 30, as filas são extensas e que, por mais que sua casa seja da preta velha, conhecida como Maria da Guiné, eles raramente trabalham com pretos-velhos no Porto. Isso porque são guias que trabalham sentados, e, com as longas filas para o passe, o atendimento se tornaria exaustivo e demorado. Por esse motivo, preferem trabalhar com caboclos no dia 30.

Além disso, evitam a incorporação de cosmes/erês nessa data devido ao risco que esses guias, conhecidos como crianças espirituais, podem apresentar. Segundo ela, *“Erê não tem medo, ele acha que pode cair na água e nadar, então eu evito a incorporação de erê”*.

Já no dia 2 de fevereiro, Mãe Janaína desce ao Porto cedo, por volta das 5h da manhã, quando o sol começa a nascer e o espaço ainda está vazio. Nesse dia, a incorporação de erês é um pouco mais comum. Ela explicou: “Orixá vai estar aí para isso, para receber a falange do povo d’água, pode ser tanto preto-velho como caboclo ou criança”.

Ela escolhe esse horário porque considera mais seguro. Durante a noite, a falta de iluminação e a presença de pessoas embriagadas, devido aos esquentas de carnaval que acontecem na região, tornam o ambiente mais arriscado. Mãe Janaína também ressaltou que nenhum órgão público jamais entrou em contato ou implementou qualquer tipo de política de segurança específica para o dia 2 de fevereiro. Já no dia 30 de dezembro, o local recebe policiamento e iluminação extra. Dessa forma, enquanto não se sentir segura, ela e seu terreiro continuarão descendo ao Porto apenas no horário da manhã.

Infelizmente, não consegui acompanhar a casa de Mãe Janaína no dia 2 de fevereiro no Porto, mas pude presenciar esse ritual em sua casa. Além de ser um momento preparatório, ele também representa a abertura dos trabalhos da louvação para Iemanjá. Após conversar comigo e com a equipe presente no local, Mãe Janaína deu início ao ritual. Utilizou a água de cheiro preparada por suas filhas e também a areia de praia, que estava guardada em uma garrafa plástica.

Figura 16 - Montando o altar

Fonte - Thaylla G. P da Silva, 2024

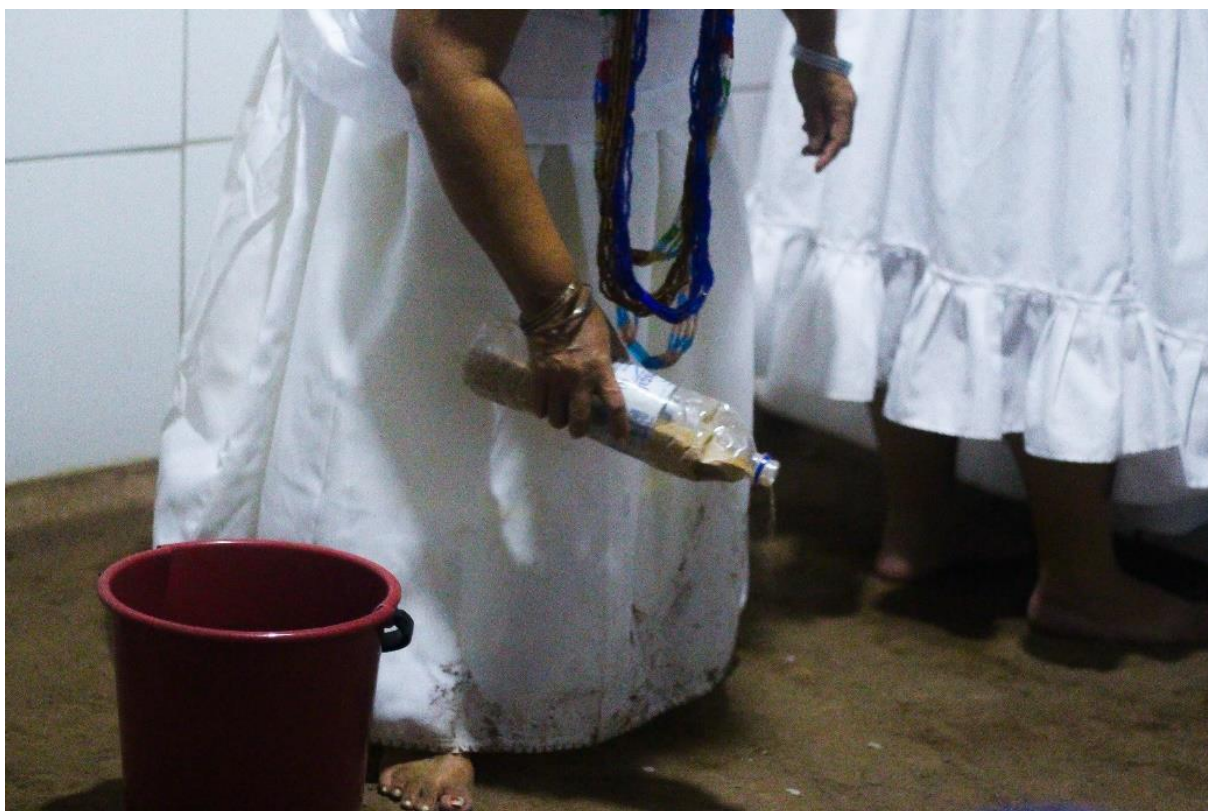
Nesse momento, Mãe Janaína inicia a montagem do altar, levando as imagens de Iemanjá em seus braços. Ela e suas filhas puxam pontos, cantando para Iemanjá. Mãe Janaína se direciona ao altar, cantando e dançando com as imagens em suas mãos, e assim ela faz com uma por uma. Enquanto o atabaque é tocado por uma filha, as outras vão cantando e organizando as próximas imagens que serão levadas até o altar. O ponto é repetido na voz de todos presentes por diversas vezes: *“Iemanjá, ela é a rainha do mar, traz pente, traz espelho para ela se enfeitar, traz flores, traz perfumes, leva todo o mal. Retire a jangada do mar, mãe d’água mandou avisar que hoje não pode pescar, que hoje tem festa no mar”*.

Figura 17 - Mãe Janaína batendo cabeça no altar



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2024

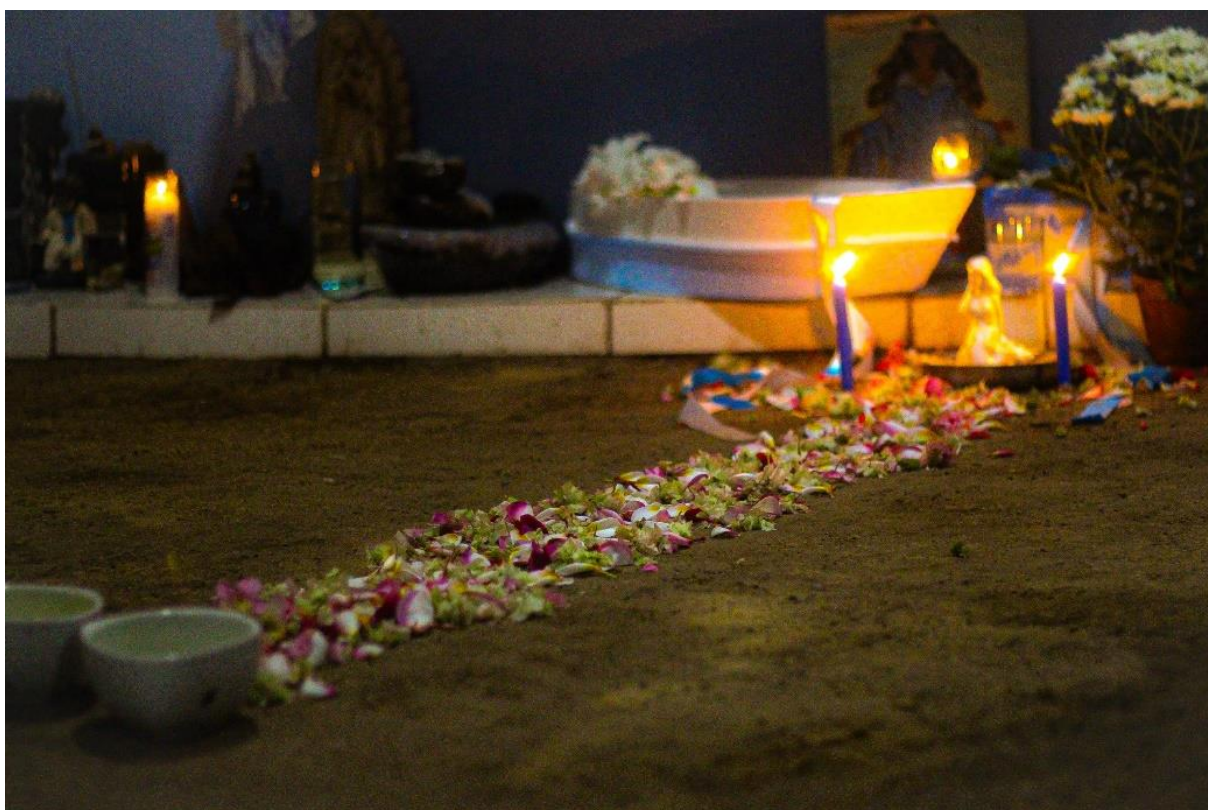
Figura 18 - Preparando o chão com areia



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2024

Após finalizar o altar com todas as imagens, contando com outros santos além de Iemanjá, caboclos, pretos velhos, no altar também está presente a imagem de Nossa Senhora da Candelária. Mãe Janaína bate cabeça, como gesto de respeito, reverência e devoção à espiritualidade presente em seu altar, e dá continuidade à ritualística, preparando o chão, jogando areia de praia, enquanto se faz um caminho com flores até a imagem da sereia, centralizada e com velas ao lado, simbolizando Iemanjá. Também foram colocadas duas botijas com dois tipos de fundamentos presentes, à base de água. Esse é um altar montado no chão, específico para Iemanjá. A barquinha, que estava apenas ornamentada com flores, também é colocada atrás da imagem. Enquanto isso, todos cantam o ponto: *“Como é lindo canto de Iemanjá, faz até o pescador chorar, quem escuta a mãe d’água cantar, vai com ela pro fundo do mar”* e fazem reverência ao altar de Iemanjá.

Figura 19 - Altar de Iemanjá



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2024

O ritual foi finalizado em torno de 00h, e mãe Janaína e suas filhas rapidamente agilizaram a limpeza da varanda, um trabalho coletivo de faxina e organização para irem embora. No ritual de abertura dos trabalhos não houve incorporações; ele serve para começar a louvar Iemanjá primeiramente em seu terreiro, para só descerem ao porto no dia seguinte. Na casa de mãe Janaína é necessário abrir o trabalho no terreiro com antecedência, para já começar a saudar a Orixá, para que a energia já esteja ali antes de descerem ao Porto para entregarem suas oferendas.

As pessoas ali presentes foram depositando sua devoção e clamando por Iemanjá, desde o macerar das flores até a limpeza do chão, e, como relatou mãe Janaína no decorrer de nossas conversas, é necessário entregar o melhor, mesmo que seja na simplicidade e nos pequenos atos. Essa é só uma parte que tive acesso dos rituais da T.E.U. Maria da Guiné. De acordo com a sacerdotisa, no dia 2 de fevereiro, ocorrem outros rituais para entregar a barquinha no Porto e preparação de alimentos, da própria barquinha e comidas de santo que são entregues.

3.2 Nossa Senhora tem um guarda-roupas diversificado

No dia 02 de fevereiro, em 2023 e 2024, acompanhei o terreiro de mãe Elenir. Nesse dia é celebrada festa da padroeira de Corumbá, Nossa Senhora da Candelária, a santa católica representa para os devotos a luz que é Jesus Cristo. É homenageada na Catedral Nossa Senhora da Candelária, localizada em frente à praça da República, a igreja foi construída em 1885 pelo imperial e vigário Frei Mariano de Bagnaia e inaugurada em 1887, faz parte do conjunto histórico e arquitetônico de Corumbá, e foi tombada em 02 de agosto de 2017 e inscrita no livro de Tombo Histórico da Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul.

Segundo os devotos Nossa S. da Candelária é o modelo de mulher e mãe a ser seguido e devemos nos repousar aos pés de Nossa S. da Candelária. Padre Celso foi Pároco na Catedral Nossa S. da Candelária durante nove anos e no decorrer de nossa conversa, relatou que Nossa Senhora é uma só, porém, possui um guarda-roupas diversificado. De acordo com Simas (2022), Nossa Senhora é uma santa adaptável às necessidades e aflições de seus devotos, os títulos litúrgicos referem-se a episódios da vida de Maria e podem ser históricos de acordo com as aparições da Virgem Maria pelo mundo.

Padre Celso explicou que a santa é homenageada dia 02 de fevereiro devido à festa de apresentação do menino Jesus no templo, de acordo com a lei de Moisés, após o parto as mulheres ficavam impuras e deveriam voltar ao templo após quarenta dias com duas pombas e um cordeiro para sacrifício, assim fez virgem Maria e Simeão lhes revelou “Agora, Senhor, deixa partir o vosso servo em paz, conforme a Vossa Palavra. Pois os meus olhos viram a Vossa salvação que preparastes diante dos olhos das nações: Luz para aclarar os gentios, e glória de Israel, vosso povo” (Lucas, 2, 29-33). Portanto, com base na apresentação do menino Jesus e a purificação de Maria, nasceu a festa de Nossa Senhora da Purificação, que pode ser referenciada como Nossa Senhora da Candelária, Nossa S. das Candeias ou Nossa S. da Luz.

Afro-religiosos acompanhavam, na Catedral Nossa Senhora da Candelária, a missa do dia 30 de dezembro. Segundo Padre Celso, no período de sua regência a “*A igreja esteve sempre aberta e pronta para acolher*”, tanto que, durante sua administração, religiosos de umbanda e candomblé não só assistiam a missa como realizavam a lavagem da escadaria da igreja, tendo como referência a lavagem da Igreja de N. S. do Bonfim, em Salvador – BA. Tal como nessa igreja, a lavagem era feita com água de cheiro e rosas, sendo um ato de purificação e agradecimento ao ano que estava sendo finalizado. O Padre relatou que a relação entre ambos, católicos e afro-religiosos, sempre se pautou pelo respeito mútuo, enfatizando que um fiel ou outro até poderia se sentir incomodado ou desconfortável, mas o respeito imperava.

Após o período de regência do Padre Celso, quando deixou de ser pároco da catedral, seu substituto não manteve a mesma postura de acolhimento. Durante uma lavagem da escadaria, no ano de 2011, o novo pároco ordenou que fechassem as portas para que os afro-religiosos não entrassem na igreja, proibindo, desde então, o ritual da lavagem. Segundo o povo de terreiro, foi um momento de muito constrangimento, mas, em meio ao confronto com o pároco, um pai de santo *virou*²⁴ de santo, e o santo começou a proferir um discurso em dialeto bantu, protestando “nós devemos levantar nossos machados e nunca desistirmos da guerra” e prosseguiu dizendo “que a dona daquela casa não iria deixar aquilo ficar impune. Uma vez a porta iria fechar e não iria se abrir tão cedo”. No instante em que falava, um filho da casa traduzia em alto e bom som seu discurso para que todos pudessem ouvir e entender.

²⁴ Apesar da incorporação de espíritos e Orixás serem distintas, o termo nativo “virou de santo” utilizado especialmente por adeptos e religiosos do candomblé, ou umbandas que “cruzam” com o candomblé, está vinculado ao ato de incorporação dos Orixás.

Quando um pai de santo vira, todos os filhos da casa viram também, então seguiram com a lavagem da escadaria naquele momento até finalizar o ritual. Coincidência ou não, em 2016 as portas da Catedral Nossa Senhora da Candelária se fecharam para uma longa reforma, reabrindo somente em 2022. O ritual da lavagem da escadaria, que se iniciou em 2002, permaneceu, à revelia do pároco e com as portas fechadas, até 2013, como um ato de protesto à intolerância religiosa que haviam sofrido.

Figura 20 - Lavagem da escadaria com as portas da igreja fechadas.



Fonte: Anderson Gallo/Arquivo Diário Corumbaense, 2013

Devido a impossibilidade de conversar com os religiosos de matriz africana que impulsionaram a ritualística da lavagem da escadaria, não obtive muitos detalhes sobre as descrições e modo de fazer o ritual, tive acesso somente a partir das falas de interlocutoras/es com quem conversei quando estive em Corumbá, que afirmaram realmente serem respeitados durante a regência de Padre Celso, e após sua saída se viram diante de um episódio constrangedor de intolerância religiosa. Em matéria do Jornal Online Diário Corumbaense (2013) foi afirmado que a decisão de fechar as portas foi tomada pelo novo pároco em conjunto com os fiéis da igreja que eram contrários à celebração. Ao final da matéria jornalística havia a possibilidade de os usuários de redes sociais adicionarem comentários interagindo com a publicação, e foram adicionados

comentários de cunho intolerante de parte dos fiéis da igreja, que apoiavam a decisão, seguido de poucos comentários contrários ao posicionamento de fechamento das portas da igreja matriz para a lavagem das escadarias.

Figura 21- Comentários na matéria – Diário Corumbaense

Concordo plenamente com a decisão do bispo e já acho até muito permitir a tal "lavagem" na escadaria da igreja, ainda que de portas fechadas. Porque ninguém procura "lavar" as escadarias das igrejas evangélicas ou uma mesquita de muçulmanos. A Igreja Católica infelizmente sempre é vista como aquela onde pôde tudo e quando simplesmente não se permite mais tais atos, essas entidades religiosas se sentem afrontadas, pelo amor de Deus, se querem respeito, que respeitem a religião dos outros também.

Muito bem Sr Bispo! Ecumenismo é uma coisa, bagunçar com a fé dos outros é outra! Cristão Católico autêntico sabe muito bem diferenciar. SOU CATÓLICA VIVO E DEFENDO A MINHA FÉ!

Fonte: Diário Corumbaense – 2013

Após o fechamento das portas da Catedral Nossa Senhora da Candelária em 2011, o ritual permaneceu, mas por conta de comentários como esses foi perdendo a vitalidade e o declínio da participação de fiéis afro-religiosos da cidade foi inevitável. Além de vivenciarem a intolerância religiosa, muitos sentiam-se coagidos e constrangidos por realizar um ato que consideravam de purificação, que simboliza a união entre as religiões, ser tomado como um gesto invasivo e provocador. Assim, a última lavagem foi realizada em 2013.

A imagem de Nossa Senhora da Candelária se faz presente em altares de umbanda, representando o sincretismo religioso com Iemanjá. Segundo Mãe Elenir, mesmo sendo comum imagens de Nossa S. dos Navegantes ou Nossa S. da Guia, a imagem de Nossa Senhora da Candelária é firmada em altares, por ser, assim como Iemanjá, representação de mulher, mãe e luz. Mãe Elenir faz parte do grupo de afro-religiosos que vão até a missa da padroeira no dia 02 de fevereiro. Sua primeira ida à missa da padroeira não foi uma boa experiência, recebeu muitos olhares de reprovação por estar num evento católico, vestida com roupas de terreiro. Ela só permaneceu frequentando a missa através de um pedido de sua cabocla, Mãe Jupira. Mãe Elenir afirma:

Nosso Deus é o mesmo, eles pregam bondade e nós também. Não fui bem recebida nesse dia, acho que é até por isso que ela mandou que eu continuasse frequentando. Eu vou vestida com roupas de terreiro, levo meus filhos de santo, mas não

comungamos por respeito e por ser um ritual que não fazemos parte.

E assim ela e seus filhos de santo acompanham a missa da 10:30h da manhã na catedral, sentam próximos uns aos outros, e ao findar da missa eles se reúnem em volta da imagem de Nossa Senhora da Candelária, formam um círculo e cantam um ponto de umbanda, cantado geralmente em linha de pretos velhos:

*“Está caindo flor
Tá no céu
Tá na terra
Ah meu Deus, está caindo flor²⁵”*

Ao findar da missa de Nossa Senhora da Candelária, atravessando a rua para a praça da República acontece a quermesse que conta com brechós, venda de comidas e bebidas e música ao vivo, organizados pelos devotos católicos. Muitos afro-religiosos consomem na quermesse e aproveitam o festejo, inclusive mãe Elenir e membros da C.E.U Pai Oxalá. O local é bastante frequentado, com o público formando longas filas para consumir os produtos, a preços acessíveis. Ao participar da quermesse, em 2023 e 2024, pude observar que não somente a casa de Mãe Elenir se faz presente na feira, mas, Pai Robson de Ogum e seus filhos de santo também comparecem, da mesma forma que estavam presentes na missa da padroeira.

No final da tarde, é o momento em que parte dos terreiros descem ao Porto Geral para a louvação de Iemanjá. Em comparação com o dia 30 de dezembro, o número de participantes que se reuniram no dia 02 de fevereiro no Porto Geral é menor, infelizmente não foi possível estimar o número de terreiros participantes nas duas datas, contudo foi possível perceber através de relatos e da minha participação no evento que o dia 30 de dezembro recebe maior fluxo de pessoas e de terreiros para louvação de Iemanjá.

A falta de estrutura, a ser garantida pelo poder público, é muito criticada pelos fiéis. Assim como mãe Janaína, mencionada anteriormente, outros religiosos criticam a ausência de estrutura, pontuando que as instituições públicas investem esforços no dia 30 de dezembro para dar visibilidade e incrementar o turismo da cidade e, como dia 02 de fevereiro a demanda é voltada para a padroeira Nossa Senhora da Candelária, em solenidade de âmbito local, eles não demonstram interesse em garantir o conforto e a

²⁵ Essa cena é reproduzida no curta-metragem “Encruzilhadas de Estórias – Registro de Festividades Religiosas – Louvação Iemanjá” no perfil da Bela Oyá Produções no Youtube.

segurança dos devotos, impossibilitando a descida de muitas casas ao Porto pela ausência de estrutura no local.

A quantidade de pessoas impacta diretamente em como é organizada a louvação do dia 02 de fevereiro, não existe a necessidade de demarcar cuidadosamente seu espaço, as pessoas também não chegam tão cedo, após a abertura dos trabalhos a filas para tomar passe são bem menores em comparação ao dia 30 de dezembro, mas ainda sim são significativas.

3.3 Salve, Salve a Marujada

Durante as louvações do dia 02 de fevereiro, algumas casas descem ao Porto, entregam suas obrigações e se recolhem, permanecendo por mais tempo no Porto poucas casas, que abrem sua gira e dão passes até o momento da entrega das obrigações, muitas outras vão apenas para entregar suas barquinhas, mas não abrem giras e incorporações de entidades. A casa de Mãe Elenir, em 2023 e 2024, desceu ao Porto no final da tarde, para começar a organizar o espaço. As barquinhas chegam apenas com a estrutura de isopor previamente prontas, sem adornos ou flores e são arrumadas no Porto. Durante a louvação de 2023 foi entregue somente uma barquinha para Iemanjá e uma para Ogum, assim como é feito no dia 30 de dezembro e em 2024 foram entregues três barquinhas: para Iemanjá, Ogum e Oxum.

A dinâmica do trabalho e entrega é semelhante à do dia 30 de dezembro, sendo que demarcam o espaço, arrumam as barquinhas, limpam a beira do rio que normalmente tem lixo, preparam o turíbulo para a defumação e montam o altar. Porém, existe uma diferença nas incorporações. Mãe Elenir abre o trabalho com a Cabocla Jupira, em seguida seus filhos também incorporam caboclos e abrem os atendimentos de passe. Nesse dia não é possível se consultar com os guias, pois o tempo é reduzido e a quantidade de pessoas nas filas tornaria a louvação muito extensa em sua duração. Conforme os passes vão sendo dados, as pessoas vão até o altar de Iemanjá, que está com a barquinha, e podem colocar algum presente para Iemanjá, também lhes são entregues velas para que acessem e façam seus pedidos.

Figura 22 - Barquinhas para Iemanjá e Ogum 2023



Fonte: Thaylla G. P. da Silva, 2023

Após um tempo, quem chega em terra é o seu Marujo, conhecido por Seu Edgar. Marinheiros/Marujos são guias presentes na umbanda e podem trabalhar tanto na linha de direita como na linha de esquerda, sua energia é dinâmica, todavia, na casa de Mãe Elenir marinheiros trabalham apenas na linha de direita, ou como chamam na casa “linha de patrão”. Normalmente os marinheiros chegam em terra com características de pessoas embriagadas, com movimentos cambaleantes que quase os leva ao chão. Alcoolizados, podem ter falas obscenas e alguns marinheiros justificam suas cambaleadas por conta da maresia do mar. É necessário compreender que muito dos estigmas representados por marujos, tais como alcoolismo, criminalidade e personalidade briguenta e controversa se dá pelo modo de vida no mar, com muitos dias, às vezes meses ou anos em alto mar, com ausência de afeto e relações sexuais, as condições pesadas de vida acabam por refletir em seus estigmas.

O marujo lidava o tempo todo com a corda bamba da contenção e a explosão de desejo. A maioria atravessava a encruzilhada portuária e seguia a vida. Mas um grupo menor ficava “prisioneiro da passagem”: mortos, condenados, deprimidos, alcoólatras e tantas outras condições-limite. Faziam parte do que as elites convencionaram chamar de “classes perigosas” no século XIX: carimbo em indivíduos, das classes populares com a pecha de suspeitos permanentes e, portanto, mais suscetíveis às forças policiais e à sua narrativa estigmatizante. Sim, os marujos bebem, procuram prostitutas, se metem em confusão. Mas esta é uma das faces de suas vidas. Há muitas outras. (JEHA, 2015, p.80)

Marinheiros transitam entre as linhas de umbanda, pois são capazes de trabalhar com curas na direita e trabalhos de demandas na esquerda. Seus pontos saúdam mãe Iemanjá, a vida no mar, a Marinha brasileira e a pesca. Existem vários tipos de marujos/marinheiros, não necessariamente todos estão atrelados à marinha brasileira, alguns foram apenas simples pescadores quando eram vivos.

PONTO DE MARUJO

Ô mãe d'água como ela passeia, no fundo do mar
Com sua vela acesa, que bela sereia
No fundo do mar tem uma pedra, de baixo da pedra tem areia
Por cima da pedra rola água, quem mora lá é mãe sereia

PONTO DE MARUJO

Ê Marinheiro a vida do homem é andar no mar 2x
A vida do homem é andar no mar, passear no mar, a vida do
homem é beber e amar.

PONTO DE MARUJO

Lá fora tem dois navios, no meio deles tem um farol
Salve, salve a marujada lá da praia dos Lençóis 2x
Lá fora tem dois navios em cada mastro tem uma bandeira
Salve, Salve a marujada da marinha brasileira. 2x

Seu Edgar, tem uma personalidade muito alegre, galanteador das mulheres e simpático, conversa com todas pessoas presentes, em sua cabeça não pode faltar sua boina branca da Marinha do Brasil e em sua mão o copo de bebida. Quando Seu Edgar chega,

todos os marujos de sua casa chegam também. Sua presença é contagiante, regada a risadas, cachaça e xavecos com as mulheres presentes no local, o momento em que mãe Elenir incorpora Seu Edgar é sinal que em pouco tempo ocorrerá a entrega das barcas para Iemanjá no rio Paraguai. Deste modo, a organização já precisa ter acontecido.

Figura 23 - Seu Edgar – Marujo Mãe Elenir



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2023

Seu Edgar oferece bebida, conversa e brinca com todos, a primeira vez que me viu, disse que minha cabeça pertencia ao povo d'água *“Essa menina é todinha d'água”* enfatizando que eu poderia ser de Iemanjá ou outro Orixá vinculado às águas. Após Seu Edgar dar atenção às pessoas, ele dá início à entrega das barquinhas, os marujos entram no rio Paraguai e organizam um corredor com a pessoas que estão acompanhando a casa e os guias para que barquinhas passem no meio. No terreiro de Mãe Elenir Ogum sempre vai primeiro, e as pessoas que formam o corredor junto aos marujos vão pedindo a Ogum que guerrie suas guerras, que suas batalhas particulares sejam vencidas e somente depois a barca de Iemanjá é entregue, seguida de espumantes sendo estourados, rosas sendo lançadas acompanhadas de pedidos e rezas.

Nesse momento alguns filhos homens de mãe Elenir, vão até uma parte mais funda do rio para que a barquinha não fique parada na beira e siga o percurso do rio, Seu Edgar os acompanha até soltarem a barquinha, sendo esse o momento em que ele abre passagem para que venha a falangeira sereia de mãe Elenir, para finalizar o ritual no rio, ela nada e faz sons semelhantes ao que representam sereias, algo semelhante a um *ilá*²⁶, os filhos que conseguem nadar até o fundo, ficam em volta da sereia formando um círculo de proteção, pois segundo eles, ela é a energia da natureza e se descuidarem ela pode entrar mais fundo no rio, o que seria um risco para mãe Elenir. A incorporação da falangeira é um momento muito esperada, porém rápido, todos ficam atentos e admirados com a energia que se manifesta.

Figura 24 - Marujos – C.E.U Pai Oxalá



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2024

²⁶ O *ilá* é a voz do Orixá, presente principalmente em Orixás de candomblé. Cada santo profere um som distinto, podendo variar entre sons de animais, águas e ruídos desconhecidos, esses sons também podem ocorrer com falangeiros dependendo da doutrina do terreiro.

A entrega das barquinhas preparadas pela C.E.U Pai Oxalá seguem uma dinâmica semelhante à do final do ano, todavia, na entrega das barquinhas no dia 2 de fevereiro de 2024 foram preparadas 3 barquinhas para Orixás diferentes, além de Iemanjá, mãe Elenir e seus filhos prepararam uma de Ogum e de Oxum. A de Ogum vai de acordo com o sentido do final do ano. Ogum é reconhecido por suas batalhas, por ser um Orixá de proteção e que nos ajuda a vencer nossas próprias guerras, por isso sua barquinha é a primeira a ser lançada ao rio. De acordo com mãe Elenir, “Ogum faz frente” para nossa proteção, para assim poder lançar a barquinha de Iemanjá com nossos pedidos.

Ogum é cultuado como Orixá do ferro e através dele se produz instrumentos fundamentais para existência humana, o seu facão que pode cortar para o bem ou mal. No livro “Antropologia dos Orixás” Poli (2019) aborda os mitos das civilizações Iorubá, uma de suas descrições, Ogum é relacionado a um Orixá civilizador que através da liderança é capaz de lidar com os conflitos. “Tecnologia, morte, guerra, ordem, sobrevivência e criação de ofícios, virilidade e sexualidade masculina são domínios relativos a Ogum na civilização ioruba” (2019, p.80)

Nesse ano em específico havia uma barquinha a mais, a de Oxum. Segundo mãe Elenir, Oxum foi uma das Orixás regentes do ano de 2024, por isso era necessário fazer uma entrega para ela também, para que movimentasse a energia daquele ano. Oxum também possui diversos enredos com Iemanjá, ambas são consideradas grandes mães e estão associadas à maternidade e às águas.

Algumas casas cultuam Iemanjá como a mãe responsável pelo nascimento e Oxum como a senhora da fertilidade, aquela que cuida. As filhas e filhos de Oxum são considerados vaidosos, assim como sua mãe, a Orixá da beleza. As duas Orixás são cultuadas nas águas, Oxum a senhora das cachoeiras e águas doces é reconhecida por sua vaidade, o uso de joias, espelhos e embelezamento, sendo assim, ao se cultuar Iemanjá no rio Paraguai, muitos terreiros optam em louvar Oxum também, respeitando a Orixá das águas doces e pedindo a ela principalmente o amor próprio, pois sua vaidade não está associado ao egocentrismo, mas sim ao autocuidado.

No trabalho de Abbade e Cavalcanti (2022), mediante uma roda de conversa sobre o sentido do materno, os autores nos conduzem a refletir sobre alguns símbolos compartilhados por Iemanjá e Oxum, como o espelho, um paramento ou instrumento utilizado por ambas Orixás, mas que possuem propósitos e usos diferentes

O espelho é um símbolo da beleza e instrumento principal de Oxum, capaz de refletir a imagem daquilo que se projeta nele. No espelho, nossa imagem refletida é percebida como se fôssemos uma outra pessoa. Dessa forma, nos olhamos e nos julgamos, mas “o outro” não é o outro, nem tampouco, nós mesmas. O espelho não representa apenas Oxum, Iemanjá também tem o seu espelho. Mas elas utilizam os mesmos, de forma diferente. Oxum sempre se olhando, Iemanjá sempre levando o outro a se olhar. (2022;23)

Muitas outras casas que entregam barquinhas para Oxum no dia de Iemanjá, relatam sobre Oxum ser “ciumenta” e que não devemos invocar sua fúria, pois ela é calma e traiçoeira como um rio. Muitos itans descrevem o lado possessivo de Oxum, conta-se quando Oxum não pôde ir para a guerra, mas resolveu participar de maneira indireta, preparando um banquete para os inimigos e os matando envenenados, vencendo uma guerra sem derramar sangue. Portanto, para muitos é necessário agradar a Oxum sempre que possível, não somente por fé e amor, mas por temor e respeito ao poder dessa Orixá.

Figura 25- Barquinhas: Iemanjá, Oxum e Ogum



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2024

Durante a louvação de 2024 percebi a presença de muitas pessoas que estavam entregando barquinhas individualmente para Iemanjá, sem estarem vinculadas aos terreiros. Um dos casos, era uma família, composta por esposa, marido e filha que se deslocou até o Porto para louvar Iemanjá por conta própria. Disseram ser a primeira vez que cultuavam a Orixá e que são católicos e todos os anos organizam uma grande e farta festa para Nossa Senhora Aparecida, e nesse ano sentiram necessidade de cultuar Iemanjá e fazer bons pedidos a ela. Esclareceram não ter muito conhecimento e contato com a religião, portanto, pesquisaram o básico sobre a Orixá na internet e montaram sua própria barquinha e entregaram no rio Paraguai.

Relataram que apesar de não terem certeza de estar fazendo a ritualística da maneira correta, tinham muita fé que Iemanjá os atenderia, pois tinham preparado tudo com boa vontade e carinho, afirmaram que a população corumbaense é festeira, mas principalmente possui muita fé nos santos e gostam de celebrar sua fé, por isso seria mais uma louvação que participariam para alimentar sua crença na espiritualidade, ainda que não fosse um ritual especificamente da religião que frequentam. Os três integrantes da família entregaram a barquinha na beira do rio, nela continham pentes, espelhos e rosas, de acordo com a pesquisa que fizeram foram esses os itens que utilizaram para presentear Iemanjá, confirmaram que estariam lá no Porto nos próximos anos, fazendo parte do ritual.

Os rituais para Iemanjá possuem diversas camadas, cujo modo de fazer, de crer, agir e pedir se altera de acordo com a doutrina de cada lugar. Pessoas que vivem na religião aprendem como pedir e agradecer de acordo com o que lhes é ensinado, numa dinâmica totalmente variada. A maneira como um terreiro conduz sua louvação pode variar em relação a outros. Para os pesquisadores isso é um tesouro, para os religiosos, muitas vezes um desconforto. Estar no Porto Geral na louvação de Iemanjá é vivenciar de perto os conflitos internos, as contradições entre uma casa e outra, é perceber o espaço sendo tomado por pessoas de diversas religiões, mas também perceber que os conflitos não sobressaem ao motivo principal de descerem ao Porto com suas obrigações em mãos.

Apesar das diferenças, nos anos em que participei todos permaneceram em suas respectivas áreas, sem deixar que suas questões pessoais ou a maneira como acreditam que a louvação deva ser conduzida interferisse no propósito da louvação, que é homenagear Iemanjá. O culto aos Orixás ultrapassa as barreiras que separam os devotos dos não praticantes das religiões de matriz afro-brasileira, e mesmo quem não vivencia o terreiro se sente tocado a ponto de ir até a louvação e entregar um presente e fazer um

pedido à Orixá, muitas vezes sem a orientação de um sacerdote de matriz africana. Afinal, como diz mãe Janaína: *Iemanjá é mãe que acolhe, e o que entregamos a ela precisa ser de coração*. Em muitos casos, as pessoas que frequentam a louvação não possuem interesse em participar da religião ou se vincular a algum terreiro, porém acreditam em Iemanjá e vão até o Porto por devoção a energia dessa Orixá.

3.5 – Ensaio Fotográfico: Iemanjá a rainha do mar às margens do rio Paraguai.

De acordo com a cineasta e professora Ariella Azoulay (2019) “As fotografias são o resultado de um encontro entre pessoas – são objetos sociais”. É necessário ultrapassar a fronteira do fotografado-fotógrafo, e através da fotografia antropológica é possível cruzar os dois olhares, o que o fotógrafo teve acesso pela lente e o que o fotografado decidiu expor de sua intimidade religiosa.

A fotografia, foi fundamental para o desenvolvimento do texto e pesquisa. De modo geral minhas interlocutoras sentiam-se confortáveis com o uso da câmera, e antes que eu chegasse ao local, elas deixavam tudo preparado, pois gostavam que fosse registrado, desde o ambiente até elas mesmas. Tudo que foi fotografado e anexado nessa dissertação foi de acordo com o que me mostravam, cedendo assim a autorização do registro, pois sabe-se que nem tudo dentro dos terreiros pode ser mostrado em fotos ou vídeos, deste modo, sempre foi combinado o que poderia ou não ser fotografado, de maneira que não violasse os princípios de seu terreiro e nem sua imagem.

Apesar de uma quantidade numerosa de registros que captei, nem sempre foi possível registrar os rituais por completo, devido a iluminação do Porto Geral ser limitada, deixando as fotos escuras e sem qualidade. Nesse caso, optei por fotografar e anexar na pesquisa apenas fotos referentes a C.E.U Pai Oxalá, Dona Cotó e Mãe Janaína, devido a aproximação e aprovação das mesmas, e também registros de outras casas que não lhe colocasse rostos em evidencia. Outro motivo é o recorte do trabalho, que apesar de abranger outros interlocutores foi direcionado às que mais acompanhei.

A dissertação se tornou também um projeto visual, que auxiliou no reconhecimento dos rituais públicos de matriz africana como parte integrante da cultura, modo de vida e festejos na cidade de Corumbá, através da 1ª premiação Fadah Scaff Gattas: concurso de fotografias do patrimônio cultural de Corumbá e região, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, através da Superintendência do Iphan em Mato

Grosso do Sul/ IPHAN-MS, o ensaio intitulado “Iemanjá: a rainha dos mares às margens do rio Paraguai” foi premiado em 3º lugar na categoria celebrações.

Esse ensaio, que conta com três fotografias, se desenvolveu no decorrer do trabalho de campo e foi exposto no Museu do Homem Pantaneiro. O trabalho de registro como um todo teve um resultado satisfatório, visto que durante minha pesquisa em instituições públicas e conversas com agentes culturais, não foi encontrado registros sobre a louvação de Iemanjá, apenas algumas fotos de anos anteriores que foram encontradas em perfis de redes sociais de fotógrafos da região do Mato Grosso do Sul.

As fotos desse ensaio não são apenas da C.E.U Pai Oxalá, mas também de outras casas que realizaram as louvações para Iemanjá e me permitiram fotografar. Quando estava em trabalho de campo na casa de mãe Elenir, tive liberdade para fotografar quase tudo que via, assim como na casa de mãe Janaína e dona Cotó, por isso nas imagens desses terreiros deixo em evidencia os rostos. Assim que o ensaio foi selecionado comuniquei mãe Elenir por mensagem e a convidei para que participasse da exposição, junto aos membros da sua casa, no entanto por motivos pessoais não puderam comparecer no evento, mas Thayná e Leiliane, filhas de santo de mãe Elenir estavam na exposição como representantes do Centro Espírita de Umbanda Pai Oxalá.

Figura 26 - 1ª foto ensaio fotográfico



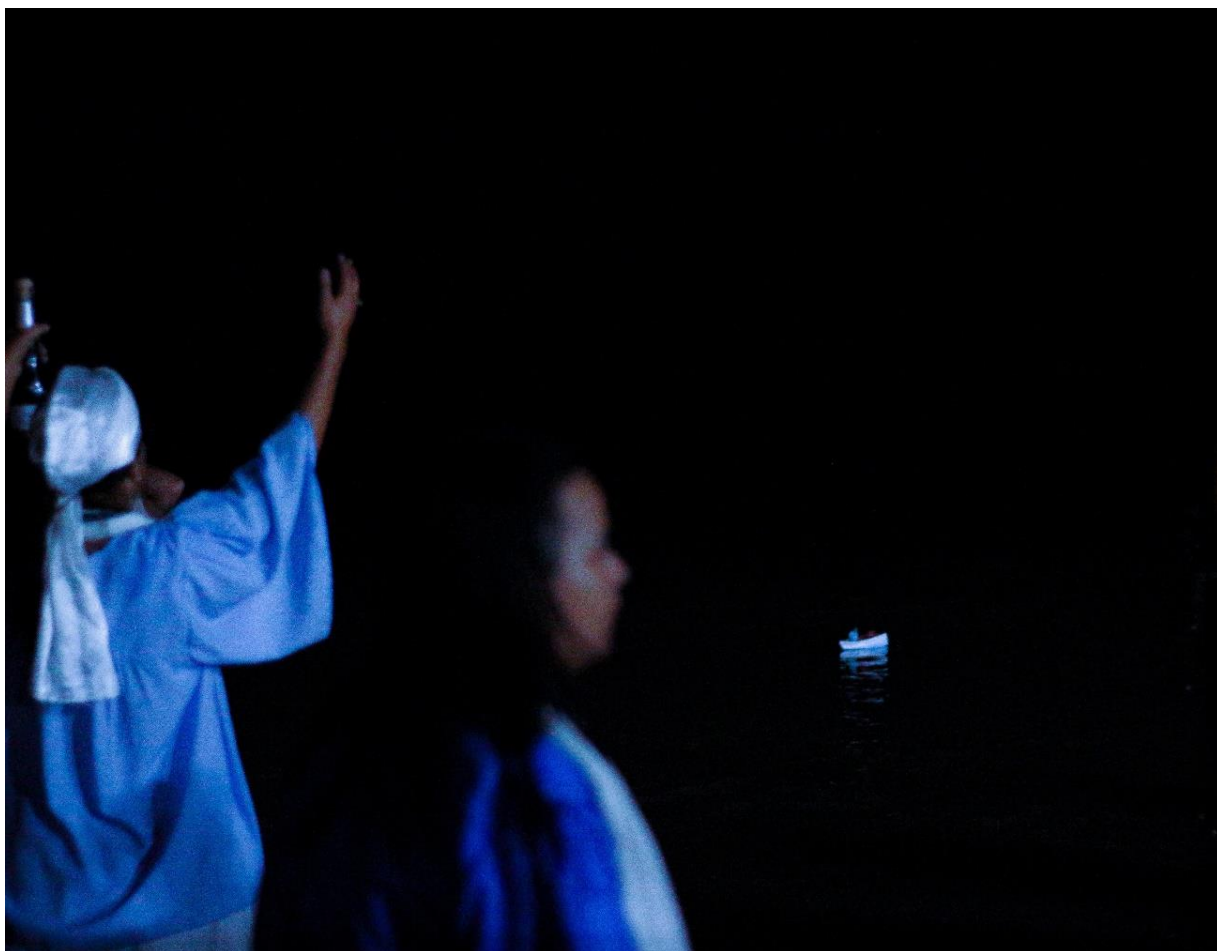
Fonte:Thaylla G. P. da Silva/ Direitos – IPHAN, 2023

Figura 27- 2ª foto ensaio fotográfico



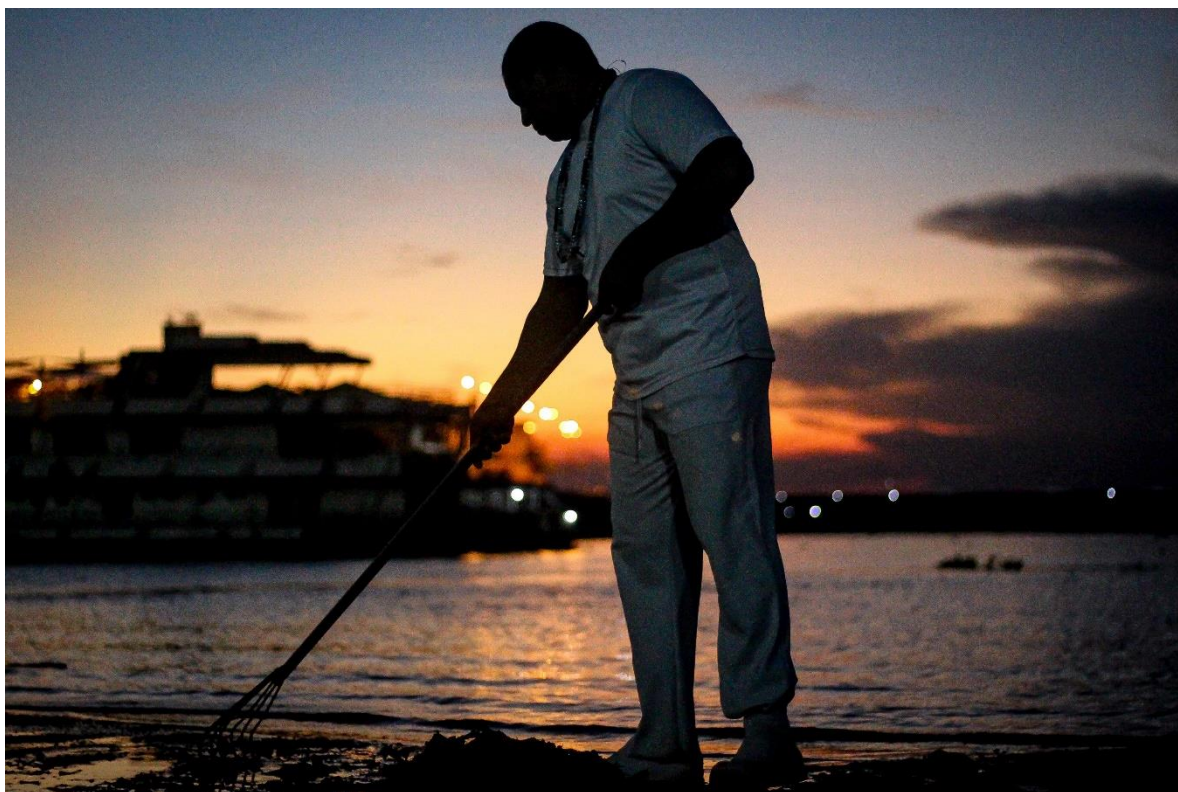
Fonte: Thaylla G. P Silva / Direitos – IPHAN, 2022

Figura 28 - 3º foto ensaio fotográfico



Fonte: Thaylla G. P Silva / Direitos – IPHAN, 2022

Figura 29- limpeza na beira do rio



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2024

Figura 30 - defumação para abrir a louvação de Iemanjá



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2024

Figura 31- atabaque e barquinha de Ogum



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2023

Figura 32 - marujos no rio Paraguai



Fonte: Thaylla G. P Silva, 2023

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação trata, para além do momento das louvações para Iemanjá, o percurso transcorrido até ela, buscando abordar os vínculos construídos durante a pesquisa, incluindo outros trabalhos que acompanhei e conversas que nem sempre estavam diretamente relacionadas à louvação realizada na prainha do Porto Geral. Minha participação regular no terreiro de Mãe Elenir e minha relação com os guias espirituais da casa, foram essenciais para a construção da escrita e especialmente o desempenho do trabalho de campo, afinal, os conselhos de Seu Vigilante estavam ligados diretamente a minha pesquisa, por esse motivo afirmo que Exu deu o caminho até Iemanjá.

Mesmo não sendo proposital, quase todas mães de santo com quem conversei eram filhas de Iemanjá, e suas perspectivas se desvinculavam do ritual. Durante suas falas, na verdade elas estavam me mostrando como é ser filha dessa Orixá, como é ser acolhida e corrigida por ela no dia a dia, algo que transcende a louvação. Em muitos momentos a vida religiosa se mistura com a pessoal, essas mulheres vivem a religião, não somente participam dela. Iemanjá e toda espiritualidade que carregam se fazem presentes o tempo todo. Foi por meio desses diálogos que estabeleci minhas relações em Corumbá e pude compreender com mais clareza as ritualísticas.

Para minhas interlocutoras, louvar Iemanjá é um ato cotidiano, visto que são filhas dessa Orixá. Iemanjá as protege, corrige e acolhe em suas dores e alegrias. Por isso, as louvações específicas em sua homenagem ocupam um lugar singular na vida de cada uma. Louvar Iemanjá é, também, louvar a própria cabeça, pois não há Orixá melhor ou pior, preferido ou deixado de lado, todos possuem importância e qualidades distintas. No entanto, louvar o Orixá de cabeça tem um peso, pois essa obrigação influencia diretamente na vida delas. Dessa forma, homenagear Iemanjá, Orixá da mãe de santo e responsável pelo desenvolvimento espiritual dos filhos, é um ato que deve ser realizado da melhor maneira possível. Por essa razão, o envolvimento dos filhos de santo nas louvações é intenso e constantemente supervisionado pelas mães de santo.

A louvação para Iemanjá é um resultado da interação dessas mulheres com sua mãe de cabeça, que ocorre durante o ano inteiro, ou melhor, durante toda trajetória de suas vidas. Primeiro elas vivenciam a energia de Iemanjá no cotidiano, na sua vida privada, clamam por Iemanjá no íntimo. A louvação no Porto Geral é o ato de homenageá-

la publicamente, fortificar o vínculo delas mesmas, do terreiro e das pessoas que acreditam em Iemanjá, algo que realizam por serem responsáveis pelo terreiro, por amor e devoção a Orixá. Mas, por serem filhas, elas louvam intensamente Iemanjá todos os dias, em pequenos e significativos momentos. Descer ao Porto Geral duas vezes ao ano para agradecer e pedir é um ato simbólico e uma obrigação que cumprem, mas a verdadeira louvação ocorre todos os dias em suas atitudes, realizações pessoais e religiosas.

Eu fui até Corumbá com a pretensão de acompanhar o ritual, tentar achar lógica em cada função realizada no Porto Geral, e me foi apresentado um caminho diferente, que fugiu da linearidade, estava interessada em escutar falas de mães de santo, no entanto essas mulheres me mostraram que para ser mãe ou zeladora de santo, é necessário sobretudo saber ser filha de uma grande mãe.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C.M.; CAVALCANTI, J.M.O. **Nessa Cidade Todo Mundo É De Oxum... E De Iemanjá Também: A Psicologia Analítica E O Arquétipo Materno Em Uma Roda De Mulheres.** Universidade Católica do Salvador, 2022.

AMARAL, C. M. P. R. **Festa à Brasileiras: significados do festejar, no país que "não é sério".** Tese (doutorado em antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 1998.

AZOULAY, Ariella. **Desaprendendo as origens da fotografia.** Revista de fotografia Zum, 2019.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. **Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado da "Nhecolândia" (Corumbá-MS).** São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BARROS, A. Cristiane. **Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda.** Dissertação (Mestrado –Programa de Pós-graduação em ciências da religião) Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

Cacilda: a mãe de santo que atraiu o Brasil a MS em busca de milagres. Jornal Online Correio do Estado, 2018.

Disponível: <https://correiadoestado.com.br/cidades/cacilda-a-mae-de-santo-que-atraiu-o-brasil-br-a-ms-em-busca-de-milag/333409/>

CORREA, V. B. Corumbá: terra de lutas e de sonhos. 1a.. ed. Brasília-DF: Edições do Senado Federal, 2006.

COSTA, Gustavo. **“Diz que em Corumbá tem muita conversa fiada”: Política e moralidade em uma cidade do Pantanal”.** Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 39 - Mai./Ago. de 2018.

COSTA, Gustavo V. L. **O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 25, n. 2. 2013.

CURY, Cristiane Abdon e CARNEIRO, Suely. **O poder feminino no culto aos Orixás.** In: **Revista de Cultura Vozes.** 1984, V. 84, nº2. Petrópolis: Vozes, Março/Abril de 1990, p.157-179.

DALMASO, Flávia. **“Heranças de família: terras, pessoas e espíritos no Sul do Haiti”** MANA 24(3): 096-123, 2018

DORNELES, D. R.; SANTOS, L. H. S. dos. **Saberes, fazeres e educação na terreira: ensinamentos durante o preparo dos Barquinhos de Iemanjá.** Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 17, n. 48, p. 513 - 532, 2020.

DOUGLAS, Mary. **Os LELE revisitados, 1987. Acusações de feitiçaria à solta**” MANA 5(2):7-30, 1999

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália (1912)**. São Paulo, Paulinas, 1988.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FLAKSMAN, Clara Mariani. **Narrativas, Relações e Emaranhados: Os Enredos do Candomblé no Terreiro do Gantois**, Salvador, Bahia. Rio de Janeiro, PPGASMN/UFRJ, 2014.

GOMES, L. S. e BANDUCCI JR, A. **São João de Corumbá: uma festa da casa**. Anais II CIAEE - Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história. Dourados : Editora UFGD. 2012

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. **Dossiê de Registro Banho de São João de Corumbá/Ladário - MS: subsídios para registro como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.**, Campo Grande – MS, 2019.

JEHA, Silvana. **A cidade-encruzilhada: O Rio de Janeiro dos marinheiros, século XIX**. Revista do arquivo geral do Rio de Janeiro, nº 9, p.77-89, 2015.

LAFARGUE, P. **O Direito à Preguiça**. São Paulo, Kairós, 1980.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Lavagem da escadaria será com portas fechadas pelo terceiro ano consecutivo.

Jornal Online Diário Corumbaense, 2013.

Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=65068>

LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia - Um Estudo da Estrutura Social Kachin [1954]**. SP: Edusp, 1996.

co

LEITE, Luiz Felipe de Queiroga Aguiar . **"Algumas categorias para análise dos sonhos no candomblé"**. *Prelúdios 1* (1), Salvador, 2013, p. 73-99.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In : *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.

MBITI, John S. **African religions and philosophy**. 2ª. ed. Ibadan, Nigeria, Heinemann, Educational Books, 1990

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **O Candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol.16, nº 47, 2001.

POLI, Ivan. **Antropologia dos Orixás: a civilização Iorubá a partir de seus mitos, orikis e sua diáspora**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, da Silva, Denise. **O presente à mãe d'água: configurações e trajetórias dos presentes a Iemanjá no Rio Vermelho**, Salvador, 2018. Orientador Marcelo Moura.

SANTOS, Eufrazia. **RELIGIÃO E ESPETÁCULO: Análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia, programa de pós-graduação em Antropologia Social. 2005.

SANTOS, Natã do Espírito. **Afro-colombianidade e oralidade na contística de Carlos Arturo Truque**. 2017. 175 p. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SILVA, M.E.R. **Correr gira: pessoas, exus e pombagiras em Corumbá e Ladário/MS**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientador (a): Flávia Freire Dalmaso. Coorientador (a): Álvaro Banducci Júnior. Campo Grande, 2024. Maria Eduarda Rodrigues da Silva.

SODRÉ, Muniz. A diferença litúrgica. In: **Claros e escuros: identidade povo, mídia e cotas no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**. 1ª ed., 2ª reimp: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SIMAS, Luiz Antônio **Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia**; ilustrações Aline Bispo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SOUZA, João Batista Alves. **De Existir e Resistir: as geografias das comunidades quilombolas no município de Corumbá – MS**, Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dullei, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Revisão técnica Antônio Negro. Cristina Meneguello. Paulo Fontes. — São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

VALLADO, Armando. **Iemanjá: “mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos”** 1.ed – Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

VERGER, Pierre. **Orixás. Deuses iorubás na África e no Novo Mundo**, 1981.